



**ipb**

**INSTITUTO POLITÉCNICO DE BRAGANÇA**  
Escola Superior de Educação

# Representações sociais e intervenção socioeducativa em populações migrantes

Ana Carolina dos Santos Miranda

*Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação para  
obtenção do Grau de Mestre em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo  
da Vida*

Orientada por:

Professora Doutora Graça Margarida Medeiros Teixeira e Santos

Bragança, 2021

# Representações sociais e intervenção socioeducativa em populações migrantes

Ana Carolina dos Santos Miranda

*Dissertação de Mestrado apresentada à Escola Superior de Educação para  
obtenção do Grau de Mestre em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo  
da Vida*

Orientada por:

Professora Doutora Graça Margarida Medeiros Teixeira e Santos

Bragança, 2021

## **Agradecimentos**

É um percurso que termina e não poderia deixar de agradecer a inúmeras pessoas que indiretamente ou diretamente apoiaram e fizeram parte de todo o processo.

Primeiramente quero agradecer à minha irmã por ter sempre presente no seu pensamento que teria capacidades para conseguir terminar este ciclo e me incentivar principalmente nesta fase final, dando força e garra.

Quero também agradecer a uma pessoa especial Lara Lopes que pelo exemplo de pessoa e de vida, me motivou a continuar todos os dias, ajudou nos percalços e obstáculos e serviu de inspiração.

Aos meus colegas de mestrado com os quais partilhamos grandes bons momentos agradeço também com enorme carinho, com um sentimento especial pelas minhas caras amigas Andreia Catumba e Mónica Pintor, que partilhámos esta conquista assim como outras felicidades e sempre nos apoiámos mutuamente quando algo corria menos bem.

Num nível muito mais pessoal, queria agradecer a duas pessoas específicas que apesar de não estarem presentes, a sua ausência deu-me força para concretizar tudo a que me propus, como forma de agradecimento pela educação, amor e carinho que recebi na vida.

Por último, mas não menos importante, quero agradecer à professora Doutora Graça Santos que soube dizer as palavras certas nos momentos em que o meu pensamento estaria sem rumo e que com paciência, exigência e profissionalismo me ajudou a chegar a esta fase final.

A todos os que não mencionei especificamente, mas que sabem que pertencem ao meu núcleo de importância e reconhecimento, agradeço também por tudo.

Um muito obrigado.

## Resumo

Nos dias de hoje verificamos cada vez mais a coexistência de culturas e nacionalidades, fruto de movimentos migratórios, com repercussões para a vida económica, política e social de todos os países. As consequências para os países recetores verificam-se, por exemplo, nas alterações demográficas, no aumento da população, sobretudo em idade ativa, mas também no reconhecimento dos direitos e deveres de cidadania, para a edificação de uma sociedade mais inclusiva. Importa considerar as representações sociais que podem surgir perante a diversidade cultural, de identidades, hábitos e costumes. Esta investigação parte da questão problema “Como é que a intervenção socioeducativa dos técnicos influencia as representações sociais sobre a população migrante no seu processo de inclusão?”. Pretende perceber como decorre o processo de inclusão da população migrante, identificar representações sociais relativas à população migrante através dos discursos dos migrantes e dos técnicos, compreender como é realizada a intervenção socioeducativa e os seus efeitos na população migrante e analisar a forma como as representações sociais afetam a população migrante no seu processo de inclusão. A metodologia adotada nesta investigação é de natureza qualitativa, recorrendo à análise de conteúdo dos dados recolhidos através de inquérito por questionário e de entrevistas semiestruturadas. O grupo de treze participantes é constituído por sete técnicos e seis migrantes. Os resultados obtidos expressam que os preconceitos e mitos associados aos migrantes são provenientes essencialmente da falta de informação. A intervenção é realizada para promover a interação com outras culturas e com pessoas que não sejam da mesma nacionalidade, sendo fundamental o respeito e o conhecimento da cultura do outro. Os migrantes consideram o contexto da intervenção como um espaço seguro, uma zona de apoio, quer para resolver problemas e procurar ajuda, quer para sentirem o conforto de alguém que os acompanha.

**Palavras-chave:** imigração, intervenção socioeducativa, inclusão, migrante.

## **Abstract**

Nowadays, as the result of migratory movements, we see more and more the coexistence of cultures and nationalities, with repercussions for the economic, political and social life of all countries. The consequences for recipient countries can be seen, for example, in demographic changes, in the increase in population, especially in working age, but also in the recognition of citizenship rights and duties, in order to build a more inclusive society. It is important to consider the social representations that can arise in the face of cultural diversity, identities, habits and customs. This investigation starts from the problem question “How does the socio-educational intervention of technicians influence the social representations of the migrant population in their inclusion process?”. It intends to understand how the process of inclusion of the migrant population takes place, identify social representations related to the migrant population through the speeches of migrants and technicians, understand how socio-educational intervention is carried out and its effects on the migrant population and analyze the way in which social representations affect the migrant population in their inclusion process. The methodology adopted in this investigation is qualitative in nature, using content analysis of data collected through a questionnaire survey and semi-structured interviews. The group of thirteen participants is made of seven technicians and six migrants. The results obtained express that prejudices and myths associated with migrants are essentially due to lack of information. The intervention is carried out to promote interaction with other cultures and with people who are not of the same nationality, based on the respect and knowledge of the other's culture. Migrants considered the context of the intervention as a safe space, a support zone, either to solve problems and seek help, or to feel the comfort of someone accompanying them.

**Keywords:** immigration, socio-educational intervention, inclusion, migrant.

## Índice

<b>Agradecimentos</b>	<b>i</b>
<b>Resumo</b>	<b>ii</b>
<b>Abstract</b>	<b>iii</b>
<b>Índice de tabelas</b>	<b>iv</b>
<b>Introdução</b>	<b>1</b>
<b>Capítulo I: Enquadramento teórico</b>	<b>4</b>
<b>1.Migração e representações sociais</b>	<b>4</b>
1.1.Os fenómenos migratórios - os motivos, as dificuldades e os contributos da migração	5
1.2.Representações na sociedade portuguesa e a perceção sobre a integração dos migrantes	9
<b>2.Questões culturais e intervenção socioeducativa</b>	<b>16</b>
2.1.Diversidade cultural, estratégias de intervenção e educação intercultural	17
2.2.O educador social e a mediação sociocultural	30
<b>Capítulo II: Investigação Empírica</b>	<b>33</b>
<b>1.Questões éticas associadas à investigação</b>	<b>33</b>
<b>2. Metodologia</b>	<b>35</b>
<b>2.1.Técnicas de recolha de dados</b>	<b>36</b>
2.1.1.Guião da entrevista e inquérito por questionário	37
2.1.2.Categorias, subcategorias e indicadores	38
<b>3.Caracterização dos participantes</b>	<b>41</b>
<b>4.Apresentação, análise e discussão dos resultados: análise de conteúdo</b>	<b>41</b>
4.1.Análise da categoria Perceção sobre o processo de integração de pessoas migrantes	42
4.1.1.Motivos da migração	42
4.1.2.Dificuldades dos migrantes	44
4.1.3.Apoios/ajudas	46
4.1.4.Contributos da migração	48
4.1.5.Hábitos culturais (religião, tradições, costumes)	49
4.1.6.Domínio da língua	51
4.2.Análise da categoria Representações Sociais	55
4.2.1.Representações da sociedade portuguesa	55
4.2.2.Discriminação	58
4.3.Análise da categoria Intervenção Socioeducativa	60
4.3.1.Antes da intervenção	61
4.3.2.Intervenção em contexto específico	61
<b>Considerações Finais</b>	<b>65</b>
<b>Referências</b>	<b>69</b>
<b>Anexos</b>	<b>74</b>
<b>Anexo I – Termo de consentimento informado</b>	<b>75</b>
<b>Anexo II – Guião da entrevista</b>	<b>76</b>

<b>Anexo III- Inquérito por questionário dirigido a técnicos em contexto de intervenção com a população migrante</b>	<b>82</b>
<b>Anexo IV – Inquérito por questionário dirigido à população migrante</b>	<b>84</b>
<b>Anexo V - Transcrição da entrevista - Categoria <i>Perceção sobre o processo de inclusão de pessoas migrantes</i></b>	<b>87</b>
<b>Anexo VI - Transcrição da entrevista - Categoria <i>Representações Sociais</i></b>	<b>104</b>
<b>Anexo VII - Transcrição da entrevista - Categoria <i>Intervenção Socioeducativa</i></b>	<b>115</b>

## **Índice de tabelas**

**Tabela 1** - Categoria Percepção sobre o processo de integração de pessoas migrantes e subcategorias;

**Tabela 2** - Categoria Representações Sociais e subcategorias;

**Tabela 3** - Categoria Intervenção Socioeducativa e subcategorias;

## **Siglas**

INE – Instituto Nacional de Estatística

UNESCO – United Nations Educational, Scientific and Cultural Organization  
(Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura)

CICDR – Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial

PII – Planos de Integração de Imigrantes

SPCE – Sociedade Portuguesa Ciências da Educação

## Introdução

Esta dissertação, intitulada *Representações sociais e intervenção socioeducativa em populações migrantes*, insere-se no Mestrado em Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida. A investigação incide sobre temas como migração, representações sociais e intervenção, uma vez que o aumento da imigração e as diferenças culturais geram potencialmente desafios quanto à inclusão dos migrantes, assim como quanto à compreensão e respeito pela identidade do «Outro».

Segundo Cunha e Marques (2009), o «Outro» está relacionado com o Eu, sendo que, quando o Eu está estruturado, existe conseqüentemente uma ligação e união com o «Outro», havendo conseqüentemente, uma identificação, mesmo que o «Outro» seja percebido com características diferenciadoras. Se o «Outro» é o diferente, providencia um afastamento entre o Eu e o «Outro». Noutra perspetiva, é evidente a sua complementaridade, uma vez que cada elemento tem o que o outro precisa. Tal como refere Batista (2008), perante o «Outro», que aparenta ser diferente, que não é habitual visualizar ou ao qual não se está habituado, é importante existir uma iniciativa de conhecimento, respeito e interrogação.

Assim se justifica a importância da educação social e da intervenção neste contexto, como via promotora do respeito pela diferença. Esta é uma área de intervenção que está direcionada para vários público-alvo, frequentemente considerados como diferentes e associados a problemas da sociedade ou de exclusão. Pretende-se potencializar a inserção e integração na sociedade, tendo em conta o seu bem-estar e particularidades, na constante valorização do ser humano.

A temática da migração é bastante complexa. Uma pessoa é considerada imigrante quando sai do seu país de origem e permanece no país de destino, por períodos superiores a um ano. Quando o migrante muda de país, pode ser por vários motivos, mas na maioria dos casos procura melhores condições de vida. Os migrantes chegam a Portugal e tentam reconstruir uma nova vida, com a procura de novas oportunidades, o que frequentemente implica a aquisição de novos conhecimentos.

A população do país de destino pode potencialmente olhar para estes novos residentes de forma desconfiada e também com algum receio quanto aos seus postos de trabalho. Como afirmam Ramos, Louceiro e Graça (2016), os migrantes são vistos como uma ameaça, baseada em crenças e preconceitos que provocam muitas vezes pensamentos

negativos. Esta realidade leva frequentemente à construção de mitos, que distorcem a realidade e a valorização dos contributos que os migrantes podem representar para o país e para a população em geral. Os mitos e preconceitos associados aos migrantes podem constituir um grande entrave na sua inclusão e conseqüentemente, no seu bem-estar e na vivência plena do seu dia a dia.

As instituições e os projetos relacionados com a intervenção nestes contextos representam um papel importante no apoio a esta população. Com base neste pressuposto surgiu a questão problema: “Como é que a intervenção socioeducativa dos técnicos influencia as representações sociais sobre a população migrante no seu processo de inclusão?”. Delinearam-se os seguintes objetivos: perceber como decorre o processo de inclusão da população migrante, identificar representações sociais relativas à população migrante, através dos discursos dos migrantes e dos técnicos, compreender como é realizada a intervenção socioeducativa e os seus efeitos na população migrante e analisar a forma como as representações sociais afetam a população migrante no seu processo de inclusão. A metodologia adotada é de carácter qualitativo, baseada na análise de conteúdo dos dados. Os instrumentos de recolha de dados consistem no inquérito por questionário e na entrevista semiestruturada e foram aplicados a treze participantes, dos quais seis são migrantes e sete são técnicos.

Ao nível da estrutura do trabalho, encontra-se dividido em dois capítulos. No primeiro capítulo será apresentada a base teórica que vai servir de fundamento para justificar a temática da investigação. Para melhor compreensão do tema, o enquadramento teórico está dividido em dois tópicos principais, começando por abordar a migração e as representações sociais, seguidos da análise de questões culturais e da intervenção socioeducativa. Na migração e representações sociais são contextualizados os conceitos de migração, os motivos e contributos da migração, mitos e preconceitos associados à migração.

Posteriormente, no tópico relativo às questões culturais e intervenção socioeducativa, é referida a importância de respeitarmos a cultura e identidade do outro, no sentido de aprender mais sobre o outro que é diferente, antes de concebermos ideias erradas sobre comportamentos ou pessoas. Por outro lado, perante os preconceitos e mitos associados a diferenças culturais e migrantes, é realçada a importância da intervenção neste contexto específico, assim como o potencial do papel do educador social, com recurso a estratégias de mediação socioeducativa e intercultural sobre esta temática.

O segundo capítulo aborda as questões éticas associadas à investigação, a formulação da questão problema e os seus objetivos. Descreve-se a metodologia adotada, os instrumentos e métodos de análise dos dados. Posteriormente apresenta-se a caracterização dos participantes, relativamente aos dados sociodemográficos. É apresentada a análise e discussão dos dados. Na fase final apresentam-se as considerações finais, refletindo-se sobre o processo de investigação e os seus resultados, assim como as dificuldades, obstáculos, as propostas para eventuais futuros trabalhos.

## **Capítulo I: Enquadramento teórico**

O capítulo I corresponde ao enquadramento teórico desta investigação, estando dividido em dois tópicos, sendo o primeiro tópico migração e representações sociais e o segundo questões culturais e intervenção socioeducativa.

No primeiro tópico é abordado o conceito de migração, explicando o que se entende por este fenómeno, bem como o conceito de migrante e os motivos que justificaram a saída do país de origem destas pessoas, clarificando ainda alguma terminologia que vai servir de referência ao longo da investigação. Esclarece-se o que entendemos por representação social, crenças e valores, referindo também alguns exemplos relacionados com a migração. No segundo tópico aborda-se o conceito de diversidade cultural, assim como as diferenças culturais que podem existir entre as várias culturas, a inclusão social dos migrantes, a importância da diferença e o respeito pela diversidade. Salienta-se a intervenção neste contexto, com particular destaque para a possibilidade de o educador poder utilizar estratégias de mediação sociocultural.

### **1. Migração e representações sociais**

Neste ponto relativo à migração é necessário abordar o fenómeno migratório, assim como a duração e os motivos da migração, podendo ser de várias ordens, desde a procura de melhores condições de vida à fuga a guerras e conflitos. É necessário tratar também as dificuldades que estas pessoas sentem na deslocação para um país diferente, o que muitas vezes pode ser um processo difícil e que deixa marcas, a nível psicológico e emocional. É essencial analisar as consequências positivas deste processo, tanto para os migrantes como para o país recetor. Por um lado, estas pessoas têm mais oportunidades para alcançar melhores condições de vida. Quanto ao país de origem, para além de benefícios a nível de diversidade cultural e social, o país tem acesso a mais mão de obra, em muitos casos qualificada e de migrantes jovens que poderão rejuvenescer a pirâmide demográfica, que está envelhecida em Portugal.

Aborda-se ainda o conceito geral de representações sociais, sendo necessário entender que o preconceito e certos mitos associados à pessoa migrante estão na base de uma ideia criada e que serve muitas vezes de representação sobre um determinado grupo ou etnia. Serão expostos alguns pensamentos, ideias e mitos associados à população migrante, alguns relacionados com o seu processo de integração.

### **1.1. Os fenómenos migratórios - os motivos, as dificuldades e os contributos da migração**

É necessário entender em que consiste a migração, os motivos e as consequências desse fenómeno. A migração, de acordo com a Organização Internacional para as Migrações (2009), é um “Processo de atravessamento de uma fronteira internacional ou de um Estado. É um movimento populacional que compreende qualquer deslocação de pessoas, independentemente da extensão, da composição ou das causas” (p.40).

Importa clarificar diferentes conceitos de migração, especificamente a imigração e os indivíduos internacionais que permanecem ou residem em Portugal com estatutos de imigrantes, migrantes ou internacionais. É também essencial compreender o conceito de imigração, migração internacional e migrantes. Ainda segundo a Organização Internacional para as Migrações (2009), a imigração consiste numa deslocação por parte de pessoas vindas do estrangeiro para um país, com o objetivo de permanecerem nesse destino. No que diz respeito à clarificação individual de pessoa migrante, não há uma definição unânime sobre este conceito. A Organização Internacional para as Migrações (2009) realça que :

O termo migrante compreende, geralmente, todos os casos em que a decisão de migrar é livremente tomada pelo indivíduo em questão, por razões de “conveniência pessoal” e sem a intervenção de factores externos que o forcem a tal. Em consequência, este termo aplica-se, às pessoas e membros da família que se deslocam para outro país ou região a fim de melhorar as suas condições materiais, sociais e possibilidades e as das suas famílias (p.43).

Na perspetiva de outros autores, como Bhugra (2001, citado em Brito, Arriaga & Gouveia, 2015), a migração é uma movimentação de um país de origem para outro país, região ou lugar de residência, com o objetivo da(s) pessoa(s) se estabelecerem por um período permanente ou temporário. Este processo pode ter várias causas e motivos, como a economia, a educação, conflitos políticos ou guerras. Brito, Arriaga e Gouveia (2015) afirmam que a definição de pessoa migrante é utilizada normalmente sem questionar os motivos que levaram a migrar, caracterizando-se como migrante toda a pessoa que migre.

A especificação que será utilizada no decorrer desta investigação para referenciar a pessoa que se desloca para outro país deixando o seu de origem, corresponde à perspetiva do Organização Internacional para as Migrações (OIM, 2009), sendo migrante um

indivíduo ou grupo que passe uma fronteira, não tendo em conta os motivos nem o tempo de duração.

Por outro lado, tendo em conta a contagem de tempo de permanência no país de destino, o Instituto Nacional de Estatística (INE, 2016), chama de imigrante a pessoa que, num certo período específico, se movimentou para um país diferente do seu, tendo tido residência no estrangeiro no mínimo por um ano. O imigrante permanente é a pessoa que também, num certo período específico se movimentou para outro país diferente do seu, tendo tido residência no estrangeiro no mínimo por um ano, com o objetivo de ficar no país destinatário por um ou mais anos.

A imigração distingue-se por dois tipos de características, migração temporária e permanente. Tal como refere Correia (2016), a migração temporária consiste na permanência de forma temporária do migrante no país destinatário por um determinado tempo inferior a um ano. A migração permanente difere da temporária no período de permanência do migrante, sendo a mesma por um período igual ou superior a um ano.

O Alto Comissariado para as Migrações (2015) refere que as migrações em Portugal se alteraram consideravelmente, sendo que nos anos 60 do século XX, o país estava numa fase de uma forte emigração, sofrendo uma transformação nos anos 90 do mesmo século, para um país com uma grande afluência de imigrantes. Esta situação veio compor demograficamente a saída de população emigrante nos anos 60. A transformação dos fluxos migratórios ocorre devido a motivos, tais como a procura de melhores condições económicas e sociais, construção de infraestruturas no país destinatário e instabilidade política nos países de origem. Estes aspetos atraíram população migrante para Portugal, na procura de emprego e de melhores condições e nível de vida.

Os migrantes procuram maioritariamente atingir um nível/qualidade de vida melhor do que já possuem e conseguir condições favoráveis ao seu desenvolvimento, que lhe possibilitem alcançar o seu bem-estar e de pessoas próximas. Ferreira (2017) refere que a maior parte da população migrante muda de país tendo como motivo de deslocação a procura ou oferta de emprego. Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) concluem que a imigração fornece mão de obra, sendo esta população uma das principais fontes de mão de obra, contribuindo para uma evolução económica:

Contudo, tanto a indústria de fraca intensidade tecnológica ou as polarizações de atividades terciárias, como as atividades agrícolas mais ligadas ao mercado, ou certas atividades industriais com especiais localizações regionais, bem como a

construção civil, revelam-se “captadoras” de mão de obra imigrante, o que é sinal de uma grande “adaptabilidade” à economia e às suas diferenciações regionais (p.17).

Como refere Ramos (2011), a migração pode trazer ao indivíduo, condições favoráveis, como a liberdade, a oportunidade, o poder de escolha, melhores condições de vida, melhor acesso à saúde, educação e emprego e assim possuir bases para se desenvolver de uma forma mais saudável.

Por outro lado, apesar das partes positivas, como afirma Ferreira (2017), a população migrante é particularmente desprotegida, pois está sujeita a vários riscos, como: violência, exploração, tráfico e abuso sexual maioritariamente das mulheres. Ferreira (2017) afirma também que por volta de 21 milhões de pessoas em todo o mundo são exploradas com trabalho forçado e traficadas. Os migrantes que se encontram em situações irregulares estão mais desprotegidos e vulneráveis aos riscos referidos anteriormente.

Uma outra dificuldade dos migrantes pode ser a língua do país de origem e/ou a falta do conhecimento da língua do país de chegada que pode conseqüentemente ser um fator condicionante na integração dos migrantes. Tendo em conta que, segundo Pires (2006), o uso da língua portuguesa é um fator que pode ajudar ou retardar os migrantes na realização e conclusão de variadas tarefas. O ensino do português e o domínio da língua portuguesa constituem desafios para a integração da população migrante. Parece evidente que quanto menos os migrantes dominarem a língua portuguesa, poderão confrontar-se com mais dificuldades de integração. Ainda na perspectiva do autor, o mesmo afirma que apesar da tentativa de aprendizagem, alguns migrantes possuem grandes dificuldades linguísticas que afetam a sua integração a nível social e profissional. A língua do país de origem e/ou a falta do conhecimento da língua do país de chegada, pode ser um fator condicionante na integração dos migrantes.

É importante referir os dados relativos aos migrantes que estão em Portugal, para podermos entender o impacto positivo no nosso país. Assim, através dos dados estatísticos do Serviço de Estrangeiros e Fronteiras (2019), a população migrante em Portugal no ano de 2019 era de 588.976 migrantes com títulos de residência e 1.372 com vistos de longa duração, num total de 590 348 migrantes, sendo 296 417 do sexo masculino e 293 931 do sexo feminino. Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) referem que a imigração veio disseminar imigrantes por todo o território português e:

(...) os imigrantes, através das respetivas habilitações escolares, são um factor de qualificação de muitos territórios do país; contudo, existe generalizadamente um “fosso” muito significativo entre aquelas habilitações e os desempenhos profissionais correspondentes, o que conduz a um desaproveitamento das capacidades de mão de obra imigrante. Por isso, mais de metade dos trabalhadores estrangeiros são inseridos profissionalmente como não-qualificados (...) (p.18).

Segundo Carneiro (2005), o número de imigrantes já existente em Portugal é uma realidade cativante para a vinda de mais imigrantes para se juntarem com a sua família já residente em Portugal ou pela influência de amigos. A vinda de tantos migrantes para Portugal transforma este mesmo movimento numa passagem de culturas e tradições, trazendo consigo contributos para o desenvolvimento, principalmente para o país destinatário. É importante reconhecer que a vinda de uma grande variedade de migrantes para Portugal vai beneficiar o país a nível económico, a nível demográfico e a nível cultural. Os migrantes vão contribuir com a sua mão de obra e gastar os seus rendimentos no país. Por outro lado, a maior parte da população migrante é jovem, o que faz aumentar a população jovem portuguesa, diminuindo o contraste com a população envelhecida. Uma vasta diferença de culturas permite a aprendizagem de vários conhecimentos, costumes, valores e partilha de ideias.

Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) sublinham que na década de noventa, Portugal transita de um país de emigração para um país de imigração e apesar de ter continuado a assinalar muito a saída de população, começou também a ser destino para os imigrantes, o que causou uma mudança e balanço entre a saída dos nacionais e a chegada dos estrangeiros. A saída de nacionais e a chegada de cada vez mais migrantes, veio equilibrar a pirâmide etária portuguesa, sendo que a maior parte da população migrante é jovem fazendo parte da população ativa e aumentando o rejuvenescimento da população.

Nesta perspetiva, o Alto Comissariado para as Migrações (2015) afirma que embora se possa verificar que há propensão para que a população residente em Portugal decresça, o último recenseamento dos censos 2011 apontou as vantagens e contributos positivos dos migrantes para o aumento da demografia portuguesa. Os migrantes são responsáveis pelo crescimento de efetivos com idade ativa e de um crescimento significativo da natalidade em Portugal. Tendo em conta o grande fluxo de migrantes em Portugal, prevê-se a necessidade de adequar a integração dos migrantes e promover a legalidade migratória, com a consequente eliminação de redes ilegais de imigração, fiscalização e

penalização de pessoas, que colaborem com estas redes e que forneçam condições precárias a nível de empregabilidade dos migrantes.

## **1.2. Representações na sociedade portuguesa e a perceção sobre a integração dos migrantes**

Após clarificar o que se entende por migração e conceitos envolventes, importa perceber que os migrantes sofrem de alguns preconceitos e mitos associados à sua vinda para Portugal, que resultam muitas vezes de representações na sociedade. No contexto destas afirmações, é necessário clarificar o que se entende por representação social, preconceito e discriminação, uma vez que são conceitos pertinentes e que podem afetar a vida e a integração social.

Inicialmente, para clarificar o que se entende por representação social, é necessário referir que o conceito foi utilizado por Serge Moscovici, com a obra “La Psychanalyse: son image et son public”, em 1961. Moscovici (1976, citado em Vala & Castro, 2013) observava e analisava a forma como o avanço científico trazia à sociedade novos objetos de pensamento e conseqüentemente novas reflexões em sociedades e grupos. Assim, era pertinente entender a forma como as inovações e avanços científicos poderiam contribuir para a mudança social e cultural, modificando o pensamento e conhecimento da sociedade.

Vala e Castro (2013) afirmam que a representação social de Moscovici teve como inspiração o conceito de representação coletiva de Durkheim, uma teoria que referia que a forma como a vida social se organizava, refletia em cada sociedade maneiras de pensar, conforme as características da organização social. A representação coletiva de Durkheim ditava que a sociabilidade e as suas organizações enquanto uma sociedade, geravam representações coletivas que se iam entrosando nos indivíduos. Contrariando esta representação, Moscovici afirmou que a representação coletiva durkheimiana, não era suficiente tendo em conta a diversidade de ideias e formas de viver das sociedades atuais. Nesta perspetiva, o autor considera que as representações sociais diferem das representações coletivas no estudo e articulação da cultura, a mente individual e a redes de pessoas e as suas interações.

De acordo com Castro (2002), para Moscovici a teoria durkheimiana não conseguia corresponder ao facto de as sociedades atuais terem uma grande variedade de

pensamentos, entendimentos e formas diferentes de organizar os mesmos. Para organizar o conceito de representação social numa faceta mista, entre a psicologia e a sociologia, Moscovici defendeu que as representações são constituintes do nosso interior, mas que são também de cariz social - as representações formam-se através da junção da nossa interação e inserção no meio social com os nossos pensamentos interiores.

Pelas palavras de Castro (2002), as representações têm como principal função o processo de tornar algo conhecido e familiar que não era visto como tal inicialmente. Assim, as representações constituem um aglomerar de propostas, ações e avaliações que são lançadas pela opinião da sociedade e que estão orientadas conforme as classes, culturas ou grupos. Para tornar familiar o que no início não se via como tal, o conceito passa por dois processos: objetivação e a ancoragem. A objetivação fornece uma imagem a algo, isto é, torna real um esquema de ideias. A ancoragem constitui uma rede de significados que conecta a psicanálise com o meio social.

Como refere Moscovici (2009), as representações que construímos tornam-se parte do nosso dia a dia, integrando temas de conversa com amigos ou familiares e até notícias que lemos. As representações resultantes de interações e influências sociais são a base para criar uma associação que nos ligue ao próximo. O conhecimento existe através da interação e comunicação que os indivíduos têm entre si, onde são expressos os interesses e necessidades humanas.

A teoria das representações sociais estuda o conhecimento coletivo, mais propriamente o senso comum, isto é, a ideia e construção da sociedade e o cientificamente conhecido. Segundo Cádima e Figueiredo (2003), o conceito de representação social agrupa a criação coletiva de conhecimento com a reinterpretação de cada indivíduo ou grupo desse mesmo conhecimento.

De acordo com Leme (1995, citado em Silva, Gobbi, & Simão, 2011) as representações sociais são as crenças e mitos tradicionais que estão na sociedade, o que vai conseqüentemente gerar um senso comum sobre algo. Noutro sentido do conhecimento ou pensamento, é importante também clarificar o que se entende como crença, sendo que por vezes atos discriminatórios são baseados em crenças de uma realidade ou verdade que não existe. Assim, Azevedo e Lemos (2017) afirmam que “a crença é de início um estado da mente e um estágio do pensamento” (p.2). Estas autoras realçam também que uma crença não é a mesma coisa que conhecimento ou opinião, uma

vez que a crença de uma pessoa está sustentada em algo que o indivíduo crê e acredita, baseando-se numa premissa de uma verdade que o mesmo tenha objetivo de obter.

Ainda no pensamento de Azevedo e Lemos (2017), o conceito de crença remete para um sistema de crenças sendo uma estrutura do indivíduo, que contém crenças e valores adquiridos por uma cultura, em que esse conjunto determina particularmente a forma como social, cultural, física e psicologicamente é visto como real. O sistema de crenças é produzido através do que o indivíduo vê e lida como verdade, assim como algo que pode ser marcado na consciência do mesmo, através de por exemplo, marcos culturais e históricos. Assim, aceitar ou rejeitar uma cultura ou pessoa diferente, tem por base o sistema de crenças de cada indivíduo.

Gonçalves e Marques (2002) referem que os estereótipos culturais são diferentes das crenças pessoais dos indivíduos, uma vez que tanto o estereótipo como a crença revelam uma fração do conhecimento geral que a pessoa possui sobre uma determinada comunidade, pessoa ou etnia. O que um indivíduo pensa saber sobre um determinado grupo social, não está só relacionado com um estereótipo proveniente da sua cultura, mas também tem influências do processo de socialização. Assim, durante o desenvolvimento de um indivíduo, o mesmo vai ganhando uma maior autonomia a nível de pensamento produzindo crenças que podem ou não ser diferentes das crenças que baseiam os estereótipos apesar de, como referem os autores “o conhecimento estereotípico nunca é erradicado da nossa estrutura de conhecimentos, sendo constantemente activado em diversas situações sociais” (p.412). Ainda de acordo com Gonçalves e Marques (2002), por vezes pode observar-se uma incoerência nos indivíduos pelo facto de uma pessoa defender princípios de igualdade, mas exteriorizar a nível comportamental atitudes discriminatórias. Esta ambiguidade justifica-se pelo facto de existirem crenças individuais e coletivas, que por vezes entram em oposição.

No que diz respeito às representações sociais sobre os migrantes em contexto português, segundo Marcelino (2019), a sociedade portuguesa tem uma tendência cultural e social que se comporta de forma cautelosa perante minorias étnicas e raciais, mesmo que na lei esteja bem definido que todos os cidadãos são iguais, tal como referido pela Constituição da República Portuguesa nos números 1 e 2, do seu artigo 13.º: «Todos os cidadãos têm a mesma dignidade social e são iguais perante a lei», e «Ninguém pode ser privilegiado, beneficiado, prejudicado, privado de qualquer direito ou isento de qualquer

dever em razão de ascendência, sexo, raça, língua, território de origem, religião, convicções políticas ou ideológicas, instrução, situação económica ou condição social».

Marcelino (2019) afirma também que a sociedade portuguesa “Tem na sua organização e interação comportamentos etnocêntricos, ou seja, em que as representações e os valores com que avaliamos as minorias culturais e étnico-raciais são entendidos como prevalecentes e dominantes” (p. 3). Estas representações, valores e comportamentos sobre as minorias culturais não justificam em nenhum caso, atos violentos, privação de direitos e liberdades das pessoas pertencentes a estes grupos.

Segundo Ferreira (2012) o racismo, discriminação e xenofobia continuam a ser problemas frequentes nos dias de hoje, manifestando-se pela Europa o descontentamento por minorias, nomeadamente quanto à raça, etnia, orientação sexual e religião. Perante todas as formas de tolerância face às minorias e preconceitos associados a imigrantes, torna-se necessário promover um pensamento que veja o outro com respeito e liberdade sobre a presença de várias culturas.

Existem discursos xenófobos e expressões discriminatórias perante a diferença cultural, no entanto é importante nesta investigação abordar conceitos como discriminação e preconceito. Uma vez que certos preconceitos podem levar à criação de mitos e falsas crenças sobre os migrantes e o impacto da migração, serão analisados mitos existentes sobre este contexto, assim como a realidade que contrapõe a falsa verdade destes mitos. É necessário compreender ainda o preconceito, uma vez que de acordo com Santos, Correia, Dias, Torres e Bernardo (2009), a discriminação e o preconceito são realidades do dia a dia de várias pessoas que acabam por ser limitadas no que diz respeito aos seus direitos pela influência destes dois conceitos. O preconceito:

(...) é um conceito formado sem qualquer fundamento sério ou razoável. Isto significa que se trata de uma atitude que deriva de um pré-julgamento, o que conduz os sujeitos a avaliar de forma negativa ou positiva os objectos, as pessoas ou os grupos sociais (p. 3).

Os autores Vala e Pereira (2010) referem também que o preconceito se baseia numa avaliação negativa sobre a natureza de um indivíduo, apenas pelo mesmo pertencer a um determinado grupo, sendo o grupo inteiro também conotado com carácter negativo. Preconceitos e ideias erradas sobre uma certa realidade ou grupo podem levar a

comportamentos discriminatórios ou discriminação que é caracterizada da forma que os autores indicam:

Discriminação: comportamento objectivo contra um grupo-alvo ou contra as pessoas percebidas como pertencentes a esse grupo. Pode ser também a intenção de se comportar e o apoio a acções contra o grupo-alvo ou os membros deste grupo. A discriminação é referida na literatura especializada como um dos comportamentos que é consequência do preconceito (p. 10).

É importante perceber o que está por detrás da discriminação, que pensamentos e preconceitos específicos levam aos discursos discriminatórios ou à ideia de ameaça associada à vinda de migrantes para Portugal. Para tal, Vala e Pereira (2010) afirmam que

Normalmente, as pessoas expressam a sua oposição à imigração com base no argumento de que os imigrantes representam uma ameaça ao bem-estar económico da sociedade de acolhimento, podem contribuir para o aumento da criminalidade e para o enfraquecimento da identidade cultural desta sociedade (p. 2).

Na mesma linha de pensamento, Ramos, Louceiro e Graça (2016) referem que os imigrantes são vistos como uma ameaça, nomeadamente económica, simbólica e na segurança. Estes tipos de visões geram sentimentos de repulsa perante esta população. A vinda da população migrante, na ótica geral da população do país de origem, vem reduzir as ofertas de trabalho, que por sua vez já são mínimas, fazem também aumentar a quantidade de crimes e perigo existente e por fim, pela sua cultura e costumes, os mesmos podem modificar a cultura nacional. Estes pensamentos errados que estão por vezes enraizados nos indivíduos, servem de argumento para justificar comportamentos preconceituosos e discriminatórios perante uma população migrante que procura bem-estar e direitos iguais.

Segundo Almeida e Silva (2007), na generalidade existe uma compreensão muito aquém da realidade sobre os impactos da imigração, o que faz com que sejam criados mitos de forma inconsciente, pela falsa crença de ameaça sobre os migrantes. Algumas opiniões são expostas, tendo como base um falso entendimento dos impactos a nível económico, que criam automaticamente mitos baseados em três erros: O primeiro erro é o facto de a imigração ser vista como uma invasão de estrangeiros. Os imigrantes que vêm para Portugal chegam com a atitude de interesse pelo sucesso do país, ganhando os próprios migrantes e os nacionais; o segundo erro está no pensamento de que os

imigrantes não prestam, gerando a sensação de afastamento e distanciamento das pessoas migrantes, causando problemas na sua integração. Os emigrantes (do seu país de origem) e imigrantes (em Portugal) são normalmente apadrinhados como sendo melhores, tendo a valorização e iniciativa de deixar o seu país e recomeçar a sua vida noutra; o terceiro erro consiste na imputação de que os imigrantes vêm para Portugal para se aproveitar de algo, nomeadamente das condições de vida, sendo acusados de parasitismo como referem os autores Almeida e Silva (2007):

Os imigrantes vêm fazer exactamente aqueles trabalhos que os portugueses não querem fazer. Além disso, devido à sua qualidade pessoal, atrás referida, eles geralmente trazem iniciativa empresarial. Como se disse, representam as pessoas com mais iniciativa dos seus países e só por isso fizeram a imigração. Portanto, é uma situação exactamente ao contrário do preconceito (p. 150).

Como refere Almeida e Silva (2007), o autor aponta a realidade do mito formado de que os imigrantes vêm roubar o emprego aos nacionais, afirmando que os imigrantes se inserem nos trabalhos que os portugueses abdicam ou excluem. Pereira e Vala (2010) referem que o preconceito perante a imigração causa um grande efeito de oposição neste fluxo migratório e pessoas provenientes dos mesmos, incitando a ideia de que estes representam perigo e ameaças à situação económica e segurança da sociedade. Quanto maior é o preconceito, mais cresce a visão degradada da imigração e dos migrantes.

Bracons (2018) indica que a diversidade cultural que existe no mundo global de hoje levanta questões que remetem para uma reflexão sobre a nossa própria cultura, a forma como vivemos e sentimos o nosso dia a dia e valores, quando estamos perante uma cultura ou alguém desconhecido. Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) referem que a partir de 2000 houve uma alteração na forma como os imigrantes eram acolhidos, com a constituição de duas vias de regulação da sua entrada - o reconhecimento da população migrante é feito através das Autorizações de Residência, mas também das Autorizações de Permanência. Estas vias de regulação contribuíram para duplicar o número de imigrantes, assim reconhecidos. Os processos de regulação dos imigrantes constituem uma etapa transitória no que diz respeito à sua integração no país de acolhimento.

Quanto à integração migrante, de acordo com Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) é necessário que os locais de acolhimento dos migrantes, tenham dimensões e condições que permitam a inclusão dos imigrantes, atendendo à sua sociabilidade, contextualização

familiar e envolvimento com as sociedades. Por outro lado, existe a necessidade de reconhecer, a nível de instituições e políticas gerais que apoiam a inserção local, a valorização e importância dos fatores pessoais inerentes à imigração.

Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) ainda afirmam que:

(...) o padrão de inserção dos imigrantes nos ramos e setores de atividade tem a ver com a estrutura da economia da região que os acolhe, mais do que com o facto de serem imigrantes. O que pode dizer muito não só sobre a plasticidade e adaptabilidade da mão de obra imigrante, mas igualmente da disponibilidade da sociedade portuguesa para acolher o trabalho imigrante, nos diferentes contextos territoriais que constituem o país (p. 232).

A fim de facilitar o processo de envolvimento e integração no país, assim como mutuamente atrair internacionalmente jovens estudantes, indivíduos empreendedores e trabalhadores sazonais, a Presidência do Conselho de Ministros de Portugal (2018) alterou a lei de estrangeiros para facilitar e desburocratizar os processos de pedidos de vistos e autorizações de residência, tal como é referido no Decreto Regulamentar n.º 9/2018. Este decreto realça a necessidade de moldar a Lei de Estrangeiros (Lei n.º 23/2007, de 4 de julho) a realidades económicas e sociais novas. Os processos de concessão de visto de residência ficaram mais rápidos e eficientes para nacionais de estados terceiros de língua oficial portuguesa. Para também ajudar no processo de criação de documentos, pode ser utilizado o meio eletrónico, onde a segurança é mantida através do pedido de identificação do indivíduo requerente.

De modo a simplificar a prática de atividade profissional da população migrante, a Lei 28/2019, de 29 de março facilita a entrada e permanência legal no território português de migrantes. Perante esta lei, a população migrante pode entrar e sair do país, desde que possua um cartão de identificação (de residência) válido. O Alto Comissariado para as Migrações (2015) realça que em Portugal a integração foi inicialmente direcionada para o carácter laboral, sendo que um migrante que tivesse emprego facilitava a sua inserção e integração na comunidade do que se não tivesse. A condição de possuir um emprego, foi um fator importante para um processo de regularizações extraordinárias e é atualmente exigido para a entrada e permanência regular no país.

Por outro lado, no que respeita à igualdade, a lei dos Princípios e Direitos e Deveres Fundamentais constantes da Constituição da República Portuguesa prevê que todos os

cidadãos devem ser vistos como iguais perante a lei, assim como a mesma dignidade social, independentemente da sua raça, sexo, língua, religião, convicções, políticas, origem, situação económica, condição social ou orientação sexual. Quanto à participação política, a população migrante vê-se privada de exercer o seu direito enquanto cidadão, enquanto não for cidadão português ou de dupla nacionalidade, não podendo votar nas eleições políticas democráticas. Sobre a questão da nacionalidade, a mesma apenas é atribuída a cidadãos migrantes por meio da naturalização que cumpram alguns requisitos impostos pela lei portuguesa, como por exemplo: residir no país num período mínimo de 6 anos, compreender a língua portuguesa, não possuir um registo criminal que demonstre que o cidadão representa uma ameaça para a segurança nacional.

É necessário que as pessoas estejam informadas e com conhecimento importante sobre o «Outro» para que o possam respeitar e assim partir para a descoberta de outra cultura que se pode tornar num desafio. De acordo com Batista (2008), a receção e acolhimento da presença de outra pessoa, inconscientemente eleva-nos para outro patamar que nos retira do nosso espaço, criando um sentimento solidário para com o outro. Acolher alguém de modo que este se sinta confortável, requer que o acolhedor abra o seu espaço e mundo, sem que desconfie ou limite o indivíduo. Segundo a mesma autora,

Esta atitude receptiva e confiante corresponde a um passo decisivo na direcção de outrem, mas não define, ou esgota, o sentido da hospitalidade social. Ela corresponde, tanto e tão só, ao movimento que “dá lugar” à experiência de afecção mútua que conduz ao compromisso interpessoal (p. 8).

Marques (2005) afirma que o Estado é o principal agente na integração da população migrante em Portugal. A integração da população migrante só é conseguida através da ajuda e cooperação entre as entidades públicas, com um trabalho articulado entre os vários setores. Portugal acolhe muitos migrantes e está em constante desenvolvimento e superação no que diz respeito a políticas direccionada a esta população.

## **2. Questões culturais e intervenção socioeducativa**

Atendendo à sua pertinência na abordagem acerca das questões culturais, entendemos que se deve partir dos desafios que as diferentes culturas podem gerar no país, assim como a necessidade de respeitar e acolher o outro que é diferente, para que exista uma harmonia e convivência humanitária. Conhecer as diferenças, os desafios e os contextos constitui uma mais-valia para uma intervenção socioeducativa que visa a integração destas pessoas. Neste âmbito, a educação social pode assumir um papel

pertinente. O educador social como profissional que pode atuar nestes contextos pode servir-se da mediação sociocultural e intercultural como estratégia promotora da integração e desenvolvimento do respeito entre culturas.

### **2.1.Diversidade cultural, estratégias de intervenção e educação intercultural**

A sociedade portuguesa transformou-se numa sociedade heterogénea e multicultural, para a qual contribuiu a vinda de migrantes de vários países e culturas para Portugal, gerando vários desafios contemporâneos.

De acordo com o Alto Comissariado para as Migrações (2015), as migrações valorizam e fazem crescer Portugal, através do valor dado ao talento e à mobilidade, resultando num maior reconhecimento das capacidades e competências dos migrantes e na construção de novos empregos e projetos. Portugal possui uma imigração que contém uma entrada de imigrantes com elevadas qualificações e baixas qualificações, que por vezes são provenientes de imigração sazonal e circular.

O Alto Comissariado para as Migrações (2015) refere também que a imigração trouxe imensas vantagens para Portugal, não só economicamente, mas também no aumento da diversidade populacional e qualificações dos mesmos, como na criação de empregos e a expressão de diferentes culturas e aprendizagens sobre diferentes partes do mundo. Esta nova realidade exigiu de Portugal e da sociedade portuguesa uma política que acolhesse e integrasse os imigrantes. A aplicação de medidas que reconhecessem e valorizassem a diversidade e os migrantes a nível cultural e religioso principalmente, tinha como objetivo prevenir a tensão e o desconforto por parte da sociedade baseada no medo do desconhecido, contribuindo para a integração dos migrantes e da coesão social. Apesar de ser relativamente fácil para algumas pessoas acolher a pessoa migrante, esta facilidade pode não atingir toda a população. Assim, estamos perante uma dificuldade e ao mesmo tempo desafio, na capacidade de receber a pessoa vinda de outro país que traz consigo a sua cultura, religião e personalidade, o que conseqüentemente requer a conservação e garantia da coesão nacional.

Ramos (2011) afirma que perante a multiculturalidade geram-se desafios que necessitam de um pensamento compreensivo, que se baseie em valores como o respeito e reconhecimento pela diversidade do migrante. Este pensamento eventualmente irá potencializar em cada um, a criação de representações individuais, assim como ideias,

perspetivas e visões, que o façam enriquecer no processo de aprendizagem de si mesmos e da relação com o «Outro».

Tendo em conta as diferenças culturais, como refere Ramos (2011), os grandes fluxos migratórios permitiram a ligação com diferentes culturas e personalidades, criando um desafio geral nas relações entre os migrantes e as populações autóctones. É importante proporcionar que no futuro a sociedade seja mais multicultural e que haja uma ligação entre as diversas culturas, sem que nenhuma seja diminuída ou anulada. Um pensamento que se baseie na compreensão, respeito, reconhecimento e acima de tudo, da diversidade do «Outro», pode potencializar individualmente, que cada um crie as suas próprias representações, visões e ideias, aprendendo a compreender a si mesmo em relação com o «Outro». Como refere Ramos (2011), o mundo global e os consequentes movimentos migratórios, nomeadamente na União Europeia, trouxeram uma vasta variedade de culturas de país para país, o que naturalmente fez aumentar a multiculturalidade e interculturalidade nas sociedades atuais, assim como a capacidade de viver com diferentes culturas. Devido à grande diversidade cultural a que estamos habituados nos dias de hoje, aliada aos novos meios de comunicação, internet, transportes rápidos e acessíveis, o indivíduo que se encontrava longe, noutra país e de cultura diferente, num ápice pode estar ao nosso lado, a viver uma vida mesmo ao lado da nossa, mesmo que nem sempre seja aceite e compreendido. Transformar e consequentemente reconhecer a multiplicidade de diferenças como algo normal é um desafio que permanece diariamente nas nossas relações e interações sociais.

Lemos (2013) refere que:

Quando ouvimos a palavra multiculturalismo pensa-se, imediatamente, em diferentes culturas, diferentes raças e origens. Quando ouvimos a palavra interculturalismo associamo-la a várias culturas que, de uma forma ou outra, se relacionam (p. 3).

De acordo com Lemos (2013), a autora realça que ambos os conceitos se baseiam na mesma ideia de diversidade onde está incutida a cultura e também, estão associados a estes conceitos a e/imigração, interligação entre maiorias e minorias, inclusão/exclusão social, discriminação, integração. Segundo Mateus (2009), na transformação de fluxos dos anos 90, Portugal recebeu pessoas de nacionalidade africana, brasileira, indiana, chinesa, imigrantes dos Países de Leste, que construíram uma nova sociedade

multicultural. Para Góis (2019), as migrações são o reflexo do mundo atual globalizado, que nos traz constante informação, pensamentos, culturas e liberdade. Na perspectiva de Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010),

As pessoas, os cidadãos que habitam o país, tornam-se um conjunto marcadamente mais plural, diferenciado e culturalmente complexo. As nacionalidades de origem alteram-se. Os territórios regionais, já de si diferenciados, ganham novas características. E as formas de regulação jurídica modificam-se, face à relevância que as realidades da imigração começam a assumir de forma incontornável (p.87).

A cultura é algo que está vinculado ao indivíduo, no quotidiano, como algo intrínseco, que de certa forma guia o dia a dia, assim como as escolhas de cada um, perspectivas e formas de viver o quotidiano. O reconhecimento e valorização da cultura e da sua diversidade constitui um direito do indivíduo. Por outro lado, de acordo com Bracons (2018), “a cultura é um conceito que assenta em alguns pontos fundamentais: é um conjunto de símbolos, valores, concepções de vida e do mundo que estruturam e possibilitam a comunicação humana” (p. 13). Tendo em conta que a cultura é um conjunto de valores e concepções de vida como foi referido pelo autor, o indivíduo ao herdar a cultura que lhe é transmitida pela sua família ou comunidade, quando absorve e interioriza a cultura acrescenta na mesma outras convicções, reflexões e valores próprios, que vão se caracterizar numa nova cultura mais específica do indivíduo, que a vai partilhar com outros e gerações futuras. Estes indivíduos e gerações aceitam a cultura através da educação de hábitos e tradições culturais e essencialmente, pela observação que fazem dessa mesma cultura, sendo ela uma parte integrante da sua vida. Na ideia de Mintz (2010), a cultura caracteriza-se por “posição social”, “educação” e “criação” (p.224). Estas características de acordo com este autor, transmitem-se através de comportamentos assim como reflexões e ideias, sendo a cultura projetada através destas ações.

O conceito de cultura engloba outros significados, como diferença e diversidade, sendo assuntos abordados quando se trata de cultura. Como refere Bracons (2018), “Falar em diversidade remete-nos para o que é diferente. A diversidade cultural são as diferenças culturais que existem entre as pessoas. Existem vários tipos de diversidade: linguística, religiosa, outras tradições, bem como a própria organização da sociedade” (p. 14). Para tal, é necessário compreender que, apesar de sermos todos diferentes, todos temos a liberdade e direito a praticar os nossos hábitos culturais e a ser respeitados por isso.

Na publicação da Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, adotada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (2001), o Ministério Público de Portugal decretou os seguintes princípios nos artigos 2.º, 3.º e 5.º, baseando-se no seguinte, respetivamente: tendo em conta as multiculturas nas sociedades atuais é necessário garantir interação entre grupos e indivíduos que tenham diferentes culturas para visar através de políticas, a inclusão e participação dos cidadãos, sem exceção, de forma a assegurar a coesão social e a paz; a visão da diversidade cultural como fonte de desenvolvimento, crescimento a nível económico e crescimento do indivíduo a nível emocional, moral e intelectual; os direitos humanos têm na sua constituição os direitos culturais, assim os mesmos são “universais , indivisíveis e interdependentes”. A Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural, adotada pela Conferência Geral da Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura (2001) afirma ainda que todo o indivíduo tem o direito a se manifestar através de uma língua à sua escolha, o direito à educação e formação respeitando sempre a sua cultura e por fim, todo o indivíduo tem o direito de concretizar as suas normas e práticas culturais “sem prejuízo do respeito pelos direitos humanos e liberdades fundamentais” (p.3).

Ramos (2011) afirma que o direito cultural internacional ganha mais visibilidade com a Convenção para a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais pela UNESCO, a 20 de outubro de 2005, sendo criado o primeiro documento internacional que contém valor jurídico, enaltecendo a relevância da cultura e da diversidade cultural nas políticas culturais e no desenvolvimento do indivíduo e nos seus direitos humanos. A Convenção para a Proteção e Promoção da Diversidade das Expressões Culturais pela UNESCO (2005) defende duas perspetivas, a do universalismo e a do particularismo. Relativamente ao universalismo refere a defesa de valores universais e comuns ao homem, como a paz, solidariedade e justiça dos seus direitos. No que diz respeito ao particularismo, corresponde à liberdade de expressão, mais propriamente da sua cultura e de decisão de escolhas próprias. O objetivo da convenção é proporcionar um ambiente e condições que favoreçam o desenvolvimento e interação aberta de culturas, para que se possam acrescentar algo mutuamente. Um ambiente propício à partilha de culturas, assim como de valores e costumes, cria nas populações um sentimento de empatia, compreensão e reciprocidade, que ajuda a construir um caráter acolhedor das diferenças que cada indivíduo possui. A diversidade cultural é reconhecida pela UNESCO (2001, 2005, 2007, citada em Ramos, 2011), como uma “caraterística

inerente à humanidade”, como um “património comum” e como uma fonte de “um mundo mais rico e diversificado que alarga a possibilidade de escolhas e fortalece as capacidades e os valores humanos” (p. 193). Assim, todos os indivíduos possuem a sua cultura, as suas características, não sendo viável que uma cultura se sobreponha a outra, pelo que cada uma tem a sua individualidade, as suas características e o seu valor.

Reconhecer e valorizar a diferença cultural de cada indivíduo serve de ponte para a construção de uma sociedade multicultural, em que haja respeito mútuo e que cada indivíduo possa viver o seu dia a dia, a praticar os seus costumes, assim como hábitos religiosos, sem que existam atitudes de inferiorização e de sobreposição de uma cultura sobre outra. Assim, como refere Bracons (2018), “a interculturalidade é sinónima de reconhecimento do pluralismo cultural, isto é, da afirmação de cada cultura, considerada na sua identidade própria e na sua abertura às outras, de forma a estabelecer com elas, relações de complementaridade” (p. 15). Para este reconhecimento de várias culturas é importante ter um pensamento livre, aberto e possuir disponibilidade para receber uma cultura diferente. O objetivo desta disponibilidade e hospitalidade passa por querer conhecer o desconhecido e o que é considerado “estranho”, criando laços de empatia para com as características culturais diferentes que o outro indivíduo possa ter, tendo sempre em conta as suas necessidades e dignidade humana.

Na perspetiva de Batista (2008), reconhecer e valorizar o «Outro» é necessário entender que os outros, aqueles que não estamos habituados a ver, lidar ou sentir, interrogam o sentido que damos à vida, criando neste sentido um novo significado. Por outro lado, a identidade também é desafiada a refletir imparcialmente no olhar sobre o outro, afirmando que “Precisamos dos outros para ser quem somos, mas não porque a sua presença nos “faça falta” como meio de aprovação e certificação de “nós mesmos” (p. 9).

Tal como referem Rodrigues, Correia, Pinto, Pinto e Cruz (2013), a migração pode constituir um fator de sucesso a nível profissional, assim como social, tendo em conta que demonstra ser um progresso evolutivo na vida dos migrantes. Retira-se assim o estereótipo ao migrante de ser uma pessoa com baixas qualificações e condições de vida e considera-se como uma pessoa de sucesso, tanto a nível social como profissional. Perante tal visão, a diversidade proveniente das migrações é vista também como um contributo a nível do desenvolvimento cultural e da economia. Também na mesma linha de pensamento e contrariamente às ideias referidas anteriormente, estes autores indicam

que a integração das pessoas migrantes não é vista como uma dificuldade, pelo facto de as diferenças serem vistas como algo positivo e não contrariamente, como um problema.

Numa linha de pensamento positivo sobre os efeitos da imigração, Bracons (2018) afirma que:

Com uma sociedade cada vez mais globalizada e diversificada em diversos domínios, a interculturalidade permite conhecer, aproximar e acolher pessoas com características culturais diferentes e, perceber que a diferença é boa e benéfica para todos.” remetendo para uma visão sobre os efeitos positivos da imigração e de cada cultura proveniente desse movimento migratório (p. 26).

A cultura e origem diferente pode desencadear nas populações nacionais uma desconfiança, desconhecimento e receio, vendo o migrante como ameaça, gerando rejeições e repúdio sobre a cultura e pessoa migrante, não sendo reconhecido como um indivíduo com os mesmos direitos. Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) afirmam que a transformação migratória dos anos noventa provocou reflexões e crenças à volta das repercussões e sobre os prováveis impactos dos fluxos migratórios que foram consideradas problemáticas, como por exemplo, o impacto a nível de emprego, segurança e coesão social. Perante a crença de que a vinda de imigrantes viria prejudicar os nacionais e o país recetor, surgiram alguns discursos e expressões discriminatórios e xenófobos, provocando uma carência de segurança e necessidade de controlar tais atitudes negativas.

A cultura é, de acordo com Carneiro (2005), um património comum do indivíduo e também das relações sociais e grupos onde está inserido. Assim, a cultura é constituída por valores, linguagens e normas de agir que podem aproximar indivíduos que partilhem dos fatores anteriores ou constituir uma diferença e diversidade em indivíduos, que possuam diferentes fatores nas suas vivências e pensamentos.

Uma vez que a existência de várias culturas em Portugal e as diferenças entre essas mesmas culturas e costumes podem gerar desafios, é importante adequar a sociedade acolhedora e os serviços existentes, de forma a corresponder às necessidades destes migrantes e às necessidades da existência de uma boa convivência entre culturas. Entendemos que, através da intervenção socioeducativa, é possível promover o respeito pelo outro, pela cultura do outro, para que todos os indivíduos possam viver em comunidade e acima de tudo, que a pessoa migrante esteja incluída, independentemente das suas dificuldades ou das representações criadas à sua volta.

A nível de integração, segundo Carneiro (2005), considerava-se que a comunidade imigrante deveria pôr de parte a sua cultura para absorver a cultura do país em que era acolhido. No entanto, para uma convivência plena das diversas culturas e consequente integração dos imigrantes, o objetivo é que exista multiculturalidade e que se promova o reconhecimento da diferença como algo construtivo e não negativo.

Costa (2018) afirma que no caso do migrante, ele deixa para trás um quadro social, uma vida, uma casa e um ambiente, para entrar noutra diferente que não está habituado a lidar, mas tal facto, não quer dizer que ele abandone a sua cultura e a prática da mesma. Por outro lado, as tentativas de comunicação por parte dos migrantes, por vezes também se tornam difíceis por falarem uma língua diferente do país em que se encontram, e não lhes possibilitam realizar escolhas informadas, por não perceberem a língua naturalmente falada. Para consolidar uma melhor comunicação é necessário compreender os conteúdos e o acesso a informações. Assim, a integração social dos migrantes pode ser difícil, uma vez que a mesma engloba recursos e capacidades que podem não estar inteiramente alcançáveis para a maior parte dos indivíduos.

De acordo com Brito, Arriaga e Gouveia (2015), o conjunto de experiências pelas quais as pessoas migrantes passam na sua deslocação do seu país para outro diferente pode afetar o seu bem-estar, física e psicologicamente. Experiências, como por exemplo, a perda de hábitos culturais e religiosos, a falta de uma rede de apoio social e a necessidade de adaptação a uma nova cultura e realidade juntamente com uma transformação de identidade. Associadas a estas experiências existem fatores de risco e de proteção, que permitem visualizar as necessidades da população migrante para uma intervenção e entendimento do seu novo contexto. Os fatores de risco dividem-se em três fases: pré-migração, migração e pós-migração. Relativamente à pré-migração os fatores de risco são: “Traços de personalidade, migração forçada e perseguição, pobreza, exposição ao trauma”. Durante migração os fatores são: “luto, choque cultural, restrição no acesso a cuidados”. Depois da migração, numa situação de pós-migração, os fatores indicativos de risco são: “Discrepância entre as expectativas e realidade, aceitação por parte do país de acolhimento, restrição no acesso a cuidados” (p.23), uma vez que os migrantes chegam ao país de destino com expectativas diferentes da realidade que podem encontrar, podendo ter dificuldade em usufruir dos cuidados a que têm direito assim como poder existir uma dificuldade em acolher estes migrantes no seu novo projeto de vida. Por outro lado, temos os fatores protetores que são igualmente importantes para uma

potencialização da inclusão dos migrantes: “Apoio a coesão familiar alargada, identidade cultural positiva, sentido de pertença e envolvimento com comunidade de origem, acesso a serviços de apoio” (pp.23-24).

Segundo Ramos (2011), para potencializar e incentivar a inclusão social dos migrantes em Portugal, torna-se necessário que a sociedade compreenda a situação migratória em que o país se encontra nos dias atuais. Assim, a consciência e transparência sobre os desafios contemporâneos, da visão do que se passa no nosso país, deverá servir de motivação para criar empatia e originar comportamentos solidários na população nacional para ajudar no acolhimento e inclusão da população migrante, de forma a tornar o processo de integração mais fácil. Um dos desafios e dificuldades está na desigualdade de tratamento entre os migrantes e os nacionais, tanto no acesso a serviços de apoio social, como acesso à educação, habitação e saúde. Assim, é necessário que a população nacional esteja mentalizada para a ideia de um acolhimento saudável sobre o «Outro», que neste caso é o migrante. Este acolhimento e integração não significa que uma minoria se vá sobrepor sobre uma maioria, isto é, o objetivo não é sobrevalorizar a população migrante em detrimento da população nacional, mas alcançar uma sociedade conjunta dos dois tipos de população, consolidando numa só, em que todos possam viver de forma que tenham todos os requisitos para o seu desenvolvimento.

De acordo com Marques (2005), Portugal tem uma política de integração e acolhimento de pessoas migrantes que se baseia em sete princípios que orientam programas e projetos a nível institucional direcionados para esta população, sendo eles a igualdade, hospitalidade, cidadania, coresponsabilidade/participação, interculturalidade e consenso.

Começando pela igualdade, Marques (2005) indica que é determinante que exista uma igualdade de direitos, assim como deveres, para os cidadãos migrantes que estejam em Portugal comparando com os indivíduos nacionais. A igualdade pretende excluir e contrariar a discriminação embora dentro desta igualdade, os migrantes não possuam direitos políticos. Ainda na perspetiva de Marques (2005), as políticas de imigração portuguesas pretendem obter o exercício dos direitos e deveres das pessoas migrantes, com um significado de igualdade, em que é promovido a igualdade de acesso a nível da saúde, trabalho, educação, segurança social, justiça e todos os restantes setores. Ao contrário dos direitos e abordando a questão dos deveres das pessoas migrantes, as mesmas têm de respeitar a lei portuguesa, assim como ter um papel cívico ativo na

sociedade, com o pagamento dos impostos, por exemplo, uma vez que estes deveres são gerais para toda a população, quer seja nacional ou estrangeiro. A fim de manter este princípio de igualdade na sociedade, existem leis nacionais que promovem a mesma, assim como a existência da Comissão para a Igualdade e contra a Discriminação Racial (CICDR) e associações contra o racismo e discriminação.

Marques (2005) refere ainda que, quanto à hospitalidade que é pretendida pelas políticas de integração, é desenvolvido no território português programas, projetos e ações em prol do bom acolhimento das pessoas migrantes, uma vez que nem sempre a igualdade é suficiente, “Mas muitas vezes a igualdade não chega. Os imigrantes, particularmente os recém-chegados, têm desvantagens competitivas ou vulnerabilidades específicas que exigem ações positivas que permitam a efetiva igualdade” (p. 2). Para tal, como exemplo de um serviço social temos o Sistema Nacional de Apoio ao Imigrante nomeadamente com a integração de instituições públicas em que o imigrante pode contar com vários gabinetes de apoio direcionados a reagrupamento familiar, emprego, ajuda jurídica, facilitando o acesso aos serviços e à prática dos seus direitos. Existe também a Rede Nacional de Informação ao Imigrante que disponibiliza informação em várias línguas que ajudam na integração desta população. Ainda também no domínio da língua, existem práticas de ensino da língua portuguesa impulsionadas pelo Programa Portugal Acolhe. Por outro lado, é necessário saber que aquando da existência de migrantes que se encontrem em situação irregular, a pessoa deve ser respeitada e protegida mesmo que a imigração deva ser um ato legal e de acordo com as leis impostas, para evitar ao máximo que migrações ilegais continuem a acontecer. Apesar da pessoa migrante estar em situação legal ou não, possui de direitos essenciais, por exemplo nos cuidados de saúde, abrigo ou regresso ao país de origem. É importante fornecer à pessoa migrante que se encontre neste tipo de situação, uma ajuda legal solidária e qualificada. Por vezes, a pessoa se encontrar nesta situação por falta de informação, isto é, não conhecer como a lei funciona. Sendo a igualdade defendida, o cidadão migrante possui direitos cívicos relativamente ao princípio da cidadania, em que o mesmo tem o direito de participar na sociedade, mesmo que a sua origem seja diferente.

Segundo Marques (2005), como forma facilitadora da prática cívica de cada um, a Lei da Nacionalidade foi alterada para a obtenção de nacionalidade portuguesa ser mais simples. Os princípios da corresponsabilidade e participação dos migrantes estão inseridos também na política de integração, sendo que “Só se constrói uma sociedade

inclusiva através do respeito pelo princípio da plena participação cultural e política de todos os cidadãos - nacionais e imigrantes - que constituem, num determinado tempo e espaço, uma sociedade”. Perante tal facto, as pessoas migrantes devem querer participar na sociedade e por outro lado, a sociedade deve abrir os seus horizontes e acolher a sua participação dentro da mesma. Assim, é necessário que haja um bem comum, sendo responsabilidade de todos os cidadãos. Associativismos, mediadores socioculturais e representantes nos órgãos do Governo são algumas iniciativas que foram já realizadas, como exemplo desta responsabilidade e participação. Quanto ao princípio da interculturalidade, Portugal tenta afirmar este princípio através do respeito mútuo pelas várias culturas existentes, tanto no dia a dia como na legislação, defendendo que ter várias culturas no país é sinónimo de riqueza cultural. Constitui um pressuposto a vivência das culturas em simultâneo, em paz e respeito entre as mesmas, sem que nenhuma se imponha à outra. Para tal, é necessário que exista a aceitação e acolhimento da pessoa proveniente de uma cultura diferente e que através dessas ações se possa também transformar esses indivíduos. Desde 1991, o governo, nomeadamente o Secretariado Entreculturas promove a educação intercultural através de formações e de iniciativas de carácter educativo. Por fim, o último princípio baseado no consenso, que é promovido com base no diálogo e um consenso geral e essencial, para diminuir e erradicar argumentos das populações que sejam contra a imigração e atos discriminatórios. Na sociedade portuguesa, nomeadamente democrática, o consenso significa criar ações que desconstruam todos os estereótipos associados à população migrante, incentivando um olhar aberto às questões da imigração.

Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) referem que projetos, campanhas de informação e sensibilização movimentam conhecimento e informação fundamentada da realidade de significados sobre a imigração e os seus impactos, cooperando para uma melhor visão sobre este fenómeno, para ser visto como uma oportunidade e benefício. Ao contrário de ser visto como uma ameaça, lutando também para informar as opiniões públicas, a nível de discurso, imagens e representações, e que possam ser transmitidas na comunicação social sobre a população imigrante. É neste sentido que defenderemos, na perspetiva da educação social, que é importante desconstruir eventuais preconceitos, para que cada vez menos exista a rejeição pela diferença e pelo «Outro», com o objetivo de manter uma sociedade heterogénea a viver as suas culturas em simultâneo.

Também na perspectiva de Brito, Arriaga e Gouveia (2015), no que diz respeito aos técnicos e profissionais que lidam com o acolhimento e integração de migrantes, é importante destacar as implicações que os testes de diagnóstico podem causar nos migrantes, vistos por eles por vezes como rótulos de diagnósticos e de preconceito, especificamente nos testes de diagnóstico de screening, que pretendem um diagnóstico rápido e eficaz de algum tipo de doença. Outros indicadores que podem levar o migrante a sentir sentimentos negativos, são comportamentos que demonstrem desconforto perante a sua situação, incerteza e até falta de conhecimento, criando uma insegurança na pessoa migrante. Comportamentos que demonstrem afeto e carinho, mas de forma muito exagerada, podem ser vistos como um sinal de desesperança e criar uma certa angústia na população migrante que pode ser frágil. Quando se comunica com pessoas que passaram por experiências que as marcaram emocionalmente, é essencial ter um certo cuidado. Estas experiências podem causar tristeza, ansiedade e até culpa. Torna-se então necessário ouvir e escutar o «Outro», respeitando sempre a sua cultura, religião e a sua história.

Por outro lado, Bracons (2018) refere que o profissional que trabalhe com diferentes pessoas de culturas distintas, precisa de ter capacidades de comunicação e compreensão. Para tal, este profissional, para trabalhar com a diversidade cultural deve entender o modo de vida dos indivíduos e a forma como os mesmo experienciam as suas vivências e a sociedade em que estão inseridos. Generalizando, é necessário possuir uma competência a nível cultural que se baseia na capacidade de lidar e se relacionar com indivíduos que tenham culturas distintas. Esta competência requer quatro elementos estruturantes, como: “sensibilidade da própria visão cultural; atitude para com as diferenças culturais; o conhecimento das diferentes visões e práticas culturais e competências multiculturais” (p. 16). Em suma, de acordo com a autora, os pensamentos e atitudes necessárias para entender e interagir, profissionalmente, com a diversidade cultural baseiam-se na

a paciência, a aceitação, promover as diferenças, a abertura, o respeito, a compreensão, a confiança, o cativar, o ajudar, a disponibilidade, a empatia, o não julgar, o estar isento de preconceitos, a integração de todas as pessoas culturalmente diferentes, na sociedade atual, em particular os mais vulneráveis, aceitar os valores e abrir oportunidades para que se sintam tratados com igualdade e respeito, tendo presente os direitos fundamentais do Ser Humano (p. 26).

Tendo em conta as necessidades da grande população migrante existente em Portugal, de acordo com Casas (2016), foram criados os Planos de Integração de Imigrantes (PII) que tiveram como objetivo aludir e direcionar o país para o acolhimento e integração dos imigrantes, assim como

(...) proporcionar uma visão global e integrada das principais medidas a desenvolver pelo Estado nesta matéria, bem como fomentar uma maior participação e responsabilização dos imigrantes nas políticas de imigração, tendo em vista uma melhor gestão dos recursos financeiros, direcionando-os para questões de intervenção prioritária. (p.36).

Para a criação dos Planos referidos anteriormente, foram usados princípios que promovem a igualdade de direitos, o aumento de serviços em rede que apoiem a integração dos imigrantes, forneçam maior acesso a informações, pelo meio de ações formativas, campanhas e comunicações sobre temas centrais como saúde, emprego e educação, a proteção de fatores sensíveis e vulneráveis dos imigrantes, quando existe acesso à saúde, assim como na consciencialização dos direitos no trabalho e acesso à justiça, promoção e valorização da interculturalidade para potenciar a mesma nas áreas profissionais da saúde, educação e imprensa. Por fim, a nível de participação dos deveres e direitos, demonstrar a importância da participação e cumprimento de encargos a nível da segurança social, etc.

De acordo com Duque (2017), “A identidade, como processo dinâmico inconcluso, apoia-se no conceito primário antropológico, ou seja, na cultura. Não se pode falar da identidade de um povo sem se atender à forma como os seus indivíduos interagem culturalmente” (p. 221). A identidade está automaticamente relacionada à cultura, sendo que a cultura influencia o indivíduo e este influencia a sua cultura.

Vieira (2011) refere também que

As identidades não se herdam como se herda o material genético, não se definem de uma vez por todas, mas são o resultado de um processo dialógico permanente, marcado pela abertura ao mundo de possibilidades múltiplas que a convivência com a diversidade de culturas possibilita e determina (p. 209).

Portugal, sendo um país que acolhe uma diversidade de culturas e identidades, necessita de atuar na luta contra a discriminação racial, nomeadamente em contexto laboral, para prevenir e combater casos de exploração de mão de obra e mutuamente,

tornar melhor a relação entre os serviços e os agentes públicos, e movimentar recursos para a educação e capacitação dos migrantes. Segundo Mateus (2009), os apoios prestados a pessoas migrantes devem ter como objetivo ajudar a fintar obstáculos e barreiras, como por exemplo o facto de não conhecerem a língua, de como funcionam as instituições e serviços, assim como outras informações. Deste modo, no âmbito deste apoio, deve existir uma abertura e liberdade para que os grupos étnicos e religiosos possam ser respeitados e executem as suas práticas culturais.

Para uma melhor convivência entre as culturas e harmonia entre os mesmos, de forma a desconstruir pensamentos errados e preconceituosos, é importante também que exista uma educação específica para sociedade nesse sentido. Rolão (2011) indica que a educação para um contexto de país de acolhimento de várias culturas, necessita de reformulações para preparar os indivíduos para um mundo global e com pessoas de diferente culturas e origens. A mesma autora aponta que a educação multicultural se baseia no aprender sobre a cultura do outro, de forma que seja aceite ou tolerada toda a diferença que possa existir. Por outro lado, a educação intercultural baseia-se na procura do desenvolvimento da convivência das culturas, de forma integrada, numa sociedade multicultural, em que o respeito e o diálogo entre todos os intervenientes estejam preservados.

A educação intercultural vem ajudar na desconstrução de preconceitos e atos discriminatórios. De acordo com Brito (2008), a educação intercultural baseia-se numa reflexão individual que cada pessoa deve fazer, de forma que consiga reconhecer-se a ela própria, assim como as suas características culturais, para mutuamente permitir livremente o conhecimento sobre a cultura de pessoas diferentes.

Tendo em conta as diferenças culturais, Ferreira (2012) afirma que é necessária

Uma educação para a negociação cultural, que enfrenta os conflitos provocados pela assimetria de poder entre os diferentes grupos socioculturais nas nossas sociedades e é capaz de favorecer a construção de um projeto comum, pelo qual as diferenças sejam dialeticamente integradas. p.20.

Na perspetiva de Gaspar (2009), a educação multicultural é uma luta constante para que exista igualdade e conseqüentemente justiça social, apelando ao reconhecimento da diversidade. Após o reconhecimento da diversidade cultural e das suas riquezas e

qualidades com o sentimento de partilha de culturas, é potencializado o conhecimento coletivo e uma união que pode originar algo novo.

## **2.2. O educador social e a mediação sociocultural**

É importante compreender o que se entende por mediação, para depois fazer a interligação com a mediação sociocultural e abordar a forma como o educador social pode recorrer a estratégias de mediação sociocultural na intervenção no contexto das populações migrantes.

Segundo Carneiro (2005), a nível social, a mediação baseia-se na resolução de problemas e conflitos que possam ocorrer e para tal, um elemento, neste caso o mediador, presta apoio para que os conflitos se resolvam, de forma que exista um acordo entre ambas as partes. A mediação nos dias de hoje é utilizada como uma ferramenta, de modo a proporcionar desenvolvimento na sociedade, tendo mais importância e enfoque em países em que se verifique uma grande diversidade cultural. Assim, a prática da mediação torna-se um meio fundamental para que exista uma melhor comunicação e interação entre as diferentes culturas. Por outro lado, a utilidade da mediação também se verifica como estratégia de intervenção, na medida em que se intervém com indivíduos que não consigam aceder a serviços básicos, nomeadamente ao nível da educação e saúde, contribuindo para a integração destas pessoas, assim como para uma melhor coesão social. Portanto, a mediação sociocultural não passa apenas por resolver um determinado conflito, mas consiste num método interventivo, que pode promover a integração e resolver problemas relacionados com processos de integração na sociedade.

Ainda de acordo com Carneiro (2005), o técnico que trabalhe com imigrantes em Portugal encontra indivíduos diferentes, com várias culturas, identidades e comportamentos sociais que são diferentes da organização e modo de funcionamento cultural do país que acolhe. Mediante as dificuldades com que os imigrantes se possam deparar, pelas suas diferentes maneiras de viver, quando se compara com a comunidade do país de acolhimento, a mediação sociocultural é importante para trabalhar estes desafios e contribuir para promover a interculturalidade.

Carneiro (2005) afirma que a interação, comunicação e convivência entre culturas por meio da mediação sociocultural, ajudam a aproximar as comunidades existentes dentro da sociedade de cada país, independentemente das culturas e diferenças. Pelo facto

de ser uma sociedade multicultural, as diferenças e formas de viver distintas podem dificultar a comunicação e por sua vez provocar alguns conflitos.

Segundo Carneiro (2005), a mediação sociocultural acaba por ser uma ferramenta que promove e reforça o diálogo entre as diferentes culturas, que não se restringe exclusivamente a origens étnicas e culturais, tendo também em conta todas as áreas necessárias e importantes, para que seja fundamental fortalecer a interculturalidade. Porém, a mediação pretende que haja um reconhecimento e afirmação da diversidade cultural, diferenças étnicas e também sociais das minorias, para que estas mesmas diferenças sejam entendidas e conhecidas para construir uma maior coesão entre os indivíduos, desconstruir barreiras sociais, demonstrar os contributos positivos de culturas diferentes e também facilitar as relações interpessoais e os pensamentos sobre a diferença. No sentido de reconhecer e afirmar as diferenças, a mediação aponta para que sejam adquiridas competências que

(...) potenciem as capacidades e o poder de actuação dos membros que sofrem a exclusão, localizando e diminuindo o ruído que perturba a comunicação entre eles e as instituições, de modo a contrapor à paralisia da incomunicação, uma dinâmica de comunicação que tenha por base o conhecimento e respeito mútuo (p.33).

De acordo com o Decreto-Lei n.º 105/2001 (I Série-A) de 31 de agosto, é estabelecido o estatuto de mediador sociocultural, tendo no artigo 1.º que o mesmo, a nível de funções, deve contribuir e trabalhar para a integração de minorias étnicas e também imigrantes, tendo em conta a existência de um diálogo intercultural e também uma coesão a nível social, podendo relacionar esta intervenção com outras áreas que considere importante. No artigo 2.º do mesmo decreto, são expostas as competências necessárias para a prática desta mediação e função, tendo este profissional como dever a promoção de um diálogo entre as diferentes culturas, de modo a que prevaleça o respeito e, ao mesmo tempo, potencie um maior conhecimento sobre a diversidade de culturas existentes, prevenindo e resolvendo desacordos sociais e culturais, construindo estratégias de intervenção direccionadas para estes contextos, propiciando a inclusão e igualdade de indivíduos que possuam origens diferentes, assim como hábitos culturais ou etnias.

De acordo com Carneiro (2005), o decreto-lei anteriormente referido parágrafo é bastante importante no que diz respeito à valorização do mediador neste contexto de interculturalidade, promovendo a necessidade de intervenção e apoio na integração de

minorias e imigrantes, mas também na afirmação da mediação como ferramenta a ser praticada em locais de ensino, locais públicos, com a realização de parcerias, contratos de trabalho a nível individual ou contribuição de serviços, respeitando o estatuto da função pública.

Tendo em conta as vantagens e ferramentas da mediação sociocultural, o educador social, como profissional preparado para intervir em contextos de inclusão e multiculturalidade, pode adequar a sua formação. Poderá adquirir e aprofundar conhecimentos específicos no domínio da mediação sociocultural para utilizar esta ferramenta na sua intervenção, direcionada para possíveis conflitos originados pelas diferenças culturais e a falta de empatia e conhecimento pela origem do «Outro».

Por outro lado, de acordo com Cardoso (2006), a educação social e a sua intervenção socioeducativa contêm uma diversidade de perspetivas e conexões com outras áreas. Uma vez que a mediação está presente na fundamentação da educação social, a mediação sociocultural direcionada para migrantes e também para a promoção de diálogo intercultural, pode servir para o educador social como um recurso para a sua prática nestes contextos. Segundo Mateus (2012), o educador social deve estar capacitado para que a sua intervenção seja direcionada para um olhar inclusivo, apelando ao trabalho em rede a nível social e a equipas multidisciplinares, de forma a ter em conta as especificidades socioculturais do contexto onde intervém.

## **Capítulo II: Investigação Empírica**

O segundo capítulo é referente à parte empírica, sendo referidas questões éticas que estão associadas à investigação, como por exemplo a preservação da confidencialidade e privacidade dos participantes. Apresenta-se a questão problema, os objetivos, a metodologia, as técnicas de recolha de dados, a caracterização dos participantes, bem como a apresentação, análise e discussão dos resultados, através da análise de conteúdo.

### **1. Questões éticas associadas à investigação**

Uma investigação deve seguir pressupostos éticos, relacionados com a responsabilidade social. De acordo com Duque e Calheiros (2017), a responsabilidade social está interligada com a honra e comprometimento do investigador. O investigador deve proteger a privacidade assim como preservar a confidencialidade dos sujeitos participantes da investigação e por tal facto, não foram revelados os projetos e instituições em que os técnicos estariam inseridos.

Duque e Calheiros (2017) afirmam ainda que os procedimentos da investigação devem ter uma conduta ética conduzida pelo investigador, de modo a garantir nos participantes a sua liberdade para que possam recusar a participação ou resposta a determinados instrumentos de recolha de dados, assim como proteger os mesmos na confidencialidade dos seus dados pessoais, para manter em sigilo a correspondência do participante ao que foi apresentado como informação.

De acordo com a Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação - SPCE (2014), todos os participantes que estiverem ligados à investigação devem ser respeitados, atendendo à sua exclusividade e privacidade. Para tal, previamente à participação dos intervenientes, na aplicação do consentimento informado, os participantes são informados sobre os seus direitos de privacidade, confidencialidade e anonimato, assim como sobre os objetivos e a questão problema da investigação (Anexo I). Tais princípios éticos apresentados anteriormente foram seguidos ao longo da investigação.

### **2. Formulação da questão problema e objetivos**

De acordo com Morais (2013), uma questão derivada de um problema é baseada nas justificações e desejos do investigador na procura de uma resposta através da investigação, para a solução desta questão problema. Há objetivos definidos a atingir para

que em fases finais, se consiga analisar, concluir e responder ao que foi proposto e delineado pelo investigador.

Para este estudo considera-se que a imigração, apesar de estar presente na sociedade portuguesa, desde os anos 90 em maior fluxo, ainda hoje está marcada por conotações, preconceitos e representações que podem comprometer a realidade e os perfis dos migrantes. Esta investigação tem por base a reflexão sobre a forma como é representada a migração e as pessoas migrantes, sendo que cada uma delas possui uma cultura e origens diferentes. É de realçar que perante estas diferenças culturais e de personalidade, surgem preconceitos e representações erradas associadas à população migrante. Ramos, Louceiro e Graça (2016) indicam que a população migrante pode ser vista como uma ameaça à situação económica e de segurança no país, criando sentimentos negativos sobre os mesmos, sendo associado, por exemplo, que as pessoas migrantes vêm ocupar oportunidades dirigidas para os cidadãos nacionais e que, pela sua diferença cultural, a criminalidade vai aumentar.

Por outro lado, Ramos (2011) demonstra as vantagens da migração para a pessoa migrante, sendo a migração vista como uma oportunidade, assim como liberdade e a obtenção de melhores condições de vida para o seu desenvolvimento humano. A população migrante corresponde a grupos de pessoas que procuram melhorar de vida e que mudaram acima de tudo, a sua vida habitual. Este fluxo migratório causa muitas vezes certos obstáculos emocionais, como o choque cultural, muitas vezes associados aos possíveis preconceitos relativos aos migrantes, podendo comprometer o seu processo de inclusão.

A questão problema que vai servir de base para a investigação é a seguinte: “Como é que a intervenção socioeducativa dos técnicos influencia as representações sociais sobre a população migrante no seu processo de inclusão?”.

Com base nesta questão foram delineados os seguintes objetivos:

- perceber como decorre o processo de inclusão da população migrante;
- identificar representações sociais relativas à população migrante, através dos discursos dos migrantes e dos técnicos;
- analisar a forma como as representações sociais afetam a população migrante no seu processo de inclusão;

- compreender como é realizada a intervenção socioeducativa e os seus efeitos na população migrante.

## **2. Metodologia**

Segundo Morais (2013), a metodologia é o processo através do qual é delineado como se vai fazer a investigação, quando se vai concretizar, o seu espaço temporal e também físico, com que participantes e por fim, como serão alcançados os resultados para análise. Portanto, a metodologia de uma investigação é o formato da mesma, isto é, o processo pela qual a investigação se vai conduzir, nomeadamente os procedimentos a seguir, instrumentos de recolha de dados e análise dos mesmos. Assim, o mesmo autor indica “... cada investigação deve partir de uma intenção, fundamentar-se em conhecimento existente, obedecer a uma metodologia que permita definir processos que possam ser testados e replicados e obter dados de uma forma entendível e cientificamente aceite” (p.2).

Nesta investigação, a metodologia utilizada é de carácter qualitativo, sendo a recolha de dados realizada através de uma entrevista semiestruturada e de um inquérito por questionário. Évora (2011) afirma que “(...) a pesquisa qualitativa vem a ser o conjunto de métodos ou técnicas qualitativas de captação de factos que se prestam à análise da acção social” (p.5). Assim, ainda de acordo com a autora, no campo das ciências sociais este tipo de metodologia procura informações diferentes sobre temas e realidades, que não poderiam ser explicados se fossem analisados através de um método quantitativo.

Os participantes foram seleccionados através da escolha por conveniência, de acordo com os objetivos da investigação. Como critérios, na seleção dos participantes foram escolhidos técnicos que estivessem a exercer funções relacionadas com população migrante para compreender que tipo de intervenção é realizada, assim como perceções sobre as mesmas e possíveis contextos de discriminação. Relativamente à população migrante, foram indicados pelos técnicos migrantes que estivessem relacionados com a instituição/projeto dos técnicos mencionados anteriormente. Esta seleção teve por base conhecer os motivos da migração, dificuldades e possíveis contextos de discriminação.

Quanto à análise dos dados, o método utilizado é a análise de conteúdo, que na visão de Évora (2011) se baseia em retirar conclusões de forma categorizada sobre o que os indivíduos pensam das suas realidades. Posteriormente, na discussão dos dados analisados, serão analisados com base no enquadramento teórico, de forma a perceber de

forma crítica, como o que foi referido pelos participantes pode ou não coincidir com o que foi afirmado pelos teóricos.

### **2.1. Técnicas de recolha de dados**

Tendo sido utilizada a entrevista semiestruturada e o inquérito por questionário para a recolha de dados desta investigação, apresentamos algumas características e vantagens dos mesmos.

No que diz respeito à entrevista, de acordo com Vilelas (2009), “é uma forma específica de interação social que tem como objetivo recolher dados para uma investigação” (p.279). No entanto, Fortin, Côté e Fillion (2009) referem que a entrevista é uma forma de comunicação verbal, em que duas pessoas estão inseridas, uma é o entrevistador que recolhe dados, outra é o entrevistado que está a partilhar informação. Como refere Amado (2014), a entrevista consiste num instrumento que permite obter informação em vários campos, sendo que é uma conversa orientada através de objetivos. Isto é, a entrevista segue uma linha estruturante orientada por objetivos pré-formulados, com base no que se pretende analisar e compreender com a investigação.

O uso da entrevista como instrumento de recolha de dados, de acordo com Vilelas (2009), é vantajoso porque os dados são fornecidos pelos próprios participantes, de forma a demonstrar as suas opiniões, assim como expectativas e formas de pensar e viver. É importante observar e escutar de forma atenta o entrevistado, de forma a transmitir confiança ao mesmo, para que possa expressar sem receios e medos as suas opiniões e visões.

Como é pretendido recolher informações específicas sobre o tema da investigação, de acordo com as vivências dos participantes, o tipo de entrevista aplicado foi a entrevista semiestruturada. Assim, de acordo com Fortin, Côté e Fillion (2009), este tipo de entrevista possibilita que os participantes transmitam as suas opiniões e sentimentos sobre o fenómeno estudado, através de uma conversa informal como é referido anteriormente, com o intuito de entender a visão do entrevistado.

Fortin, Côté e Fillion (2009) indicam que a entrevista em geral pretende cumprir objetivos, como tentar compreender o porquê de um determinado fenómeno, através das informações dos participantes e fornecer uma ajuda metodológica a outros instrumentos que recolham dados, sendo que nesta investigação recorreremos também ao inquérito por questionário. O inquérito por questionário foi utilizado nesta investigação para fazer o

levantamento dos dados sociodemográficos dos participantes e também para questionar os mesmos com perguntas de resposta direta, que não constavam na entrevista. Segundo Fortin, Côté e Filion (2009), os participantes respondem apenas ao que é apresentado, sem hipótese de explorar o seu raciocínio. Este instrumento pretende recolher dados sobre factos, conhecimentos e também opiniões. Os mesmos autores referem que o inquérito por questionário tem

Entre outras vantagens, mencionamos a natureza impessoal do questionário, assim como a uniformidade da apresentação e das diretivas, o que assegura uma constância de um questionário para outro e por este facto a fidelidade do instrumento, o que torna possíveis as comparações entre os respondentes (p. 387).

Passamos a descrever o processo de elaboração do guião da entrevista e inquérito por questionário.

#### **2.1.1. Guião da entrevista e inquérito por questionário**

Foi elaborada uma primeira versão do guião da entrevista e do inquérito por questionário. Posteriormente estes instrumentos foram analisados por três especialistas, para viabilizar a sua utilização na investigação em questão. Perante a análise dos instrumentos procedeu-se a algumas alterações, para de seguida serem aplicados aos participantes.

O guião da entrevista e inquérito por questionário foram ambos aplicados aos técnicos e aos migrantes (Anexos II, III e IV). As perguntas da entrevista semiestruturada são de resposta aberta, de forma que o entrevistado possa partilhar informação sem limitações. As perguntas do inquérito por questionário foram criadas de acordo com o que se pretende saber sobre o entrevistado, nomeadamente os seus dados sociodemográficos. Por outro lado, no caso dos técnicos são questionadas as nacionalidades com que o mesmo intervém, para perceber indiretamente a quem se dirige a intervenção. Relativamente aos migrantes, no caso do inquérito por questionário, as perguntas foram criadas de modo a entender sucintamente, características do seu contexto familiar, da sua empregabilidade e da sua estadia em Portugal. No inquérito por questionário algumas questões não foram consideradas na análise dos dados, por não terem sido compreendidas e ainda atendendo à duração, por vezes longa, da entrevista.

A situação pandémica da covid-19 verificada em todo o mundo, teve início no ano de 2020 e condicionou a recolha de dados da investigação, relativamente ao seu

planeamento no tempo estimado. Perante esta adversidade, os instrumentos não puderam ser aplicados no tempo que estaria delineado e tiveram que ser adequados ao formato online. Apesar desta adaptação inesperada, os procedimentos éticos mantiveram-se iguais, tendo sido enviado via correio, o consentimento informado para preenchimento prévio e concordância de participação no estudo. As entrevistas realizaram-se através de videochamadas previamente combinadas sendo que posteriormente, com as medidas de segurança mais aliviadas, algumas entrevistas foram realizadas presencialmente, outras por videochamada, de acordo com a disponibilidade dos participantes.

As entrevistas tiveram a duração entre 35 a 45 minutos e foram realizadas em dois momentos - durante o mês de dezembro de 2020 e no ano seguinte, entre abril e julho. A interrupção na recolha de dados deveu-se ao confinamento geral ditado pelo Estado português, que trouxe algumas dificuldades no acesso aos participantes e na duração da investigação.

### **2.1.2. Categorias, subcategorias e indicadores**

De acordo com Coutinho (2013), a categoria é a generalidade de um conceito, isto é, é um conjunto de unidades que possuem traços e características semelhantes. As categorias vão facilitar a análise da informação recolhida, de forma a organizar os assuntos conforme as suas características comuns. As categorias vão facilitar o processo de análise assim como ajudar no encaixe da informação recolhida por temas, contribuindo para uma análise mais organizada da investigação.

De seguida serão expostas (tabelas 1 a 3) as categorias elaboradas à priori, subcategorias e indicadores, construídos para a entrevista e organizadas consoante o conteúdo analisado.

Cada tabela enumera cada uma das três categorias nomeadamente : perceção sobre o processo de integração de pessoas migrantes ; representações sociais e intervenção socioeducativa, de forma a entender a organização e estrutura da entrevista através de indicadores.

**Tabela 1** - Categoria *Percepção sobre o processo de integração de pessoas migrantes e subcategorias:*

Categoria	Subcategoria	Indicadores
Percepção sobre o processo de integração de pessoas migrantes	Motivos da migração	- Indicação dos motivos da migração
	Dificuldades dos migrantes	- Identificação das dificuldades dos migrantes na sua integração
	Apoios/ajudas	- Referência dos apoios existentes para os migrantes - Referência à necessidade de outros apoios/ajudas
	Contributos da migração	- Identificação dos contributos da migração
	Hábitos culturais (religião, tradições, costumes)	- Percepção da preservação da cultura e costumes
	Domínio da língua	- Referência à compreensão da língua portuguesa dos migrantes - Indicação da interferência do domínio da língua dos migrantes na sua integração
	Integração da população migrante	- Identificação da integração da população migrante

**Tabela 2 - Categoria Representações Sociais e subcategorias:**

Categoria	Subcategoria	Indicadores
Representações Sociais	Representações da sociedade portuguesa	- Identificação das representações da sociedade portuguesa sobre os migrantes
	Discriminação	- Perceção da opinião sobre a discriminação na sociedade portuguesa - Identificação de episódios discriminatórios/preconceituosos presenciados ou vivenciados - Perceção sobre a atuação casos de discriminação e preconceito

**Tabela 3 - Categoria Intervenção Socioeducativa e subcategorias:**

Categoria	Subcategoria	Indicadores
Intervenção Socioeducativa	Antes da intervenção	- Perceção da vida dos migrantes num primeiro momento em Portugal
	Intervenção em contexto específico	- Perceção do funcionamento da intervenção da instituição/projeto
	Após a intervenção	- Referencia a possíveis mudanças e efeitos nos migrantes depois da intervenção

Em seguida, apresentamos a caracterização dos participantes nesta investigação.

### **3. Caracterização dos participantes**

O grupo de participantes na investigação era constituído por treze participantes, nomeadamente sete técnicos (codificados como T, de 1 a 7) e seis migrantes (codificados como M, de 1 a 6).

O grupo de participantes constituído pelos técnicos a exercer profissão num projeto/instituição numa vertente relacionada com imigrantes, nomeadamente, quatro são do sexo feminino e três do sexo masculino, tendo como formações académicas variadas áreas, sendo elas: História da Educação, Educação Social - Educação e Intervenção ao Longo da Vida, Psicologia Aplicada.

Os participantes migrantes constituem um total de seis indivíduos, sendo três do sexo feminino e três do sexo masculino, com idades compreendidas entre os 25 e os 40 anos. Alguns dos participantes possuem habilitações literárias como pós-graduação e licenciaturas, mas os restantes preferiram não indicar esse tipo de informação. Os países de origem destes migrantes são variados: Cabo-Verde, Índia, Brasil e Camarões. No entanto, quanto ao tempo de permanência em Portugal, 2 participantes já estão em território português entre 1 a 2 anos, 1 participante está há mais de 4 anos e os 3 participantes restantes estão há menos de 1 ano. Por fim, relativamente à situação profissional de cada um, foi possível recolher como informação que apenas um se encontrava desempregado, estando os restantes em situação ativa, nas áreas de cuidados de idosos, serralharia, cozinha e decoração.

### **4. Apresentação, análise e discussão dos resultados: análise de conteúdo**

Os dados recolhidos serão apresentados e analisados recorrendo à análise de conteúdo. Na ótica de Évora (2006), a análise dos dados consiste num processo que se pode tornar complicado e também difícil pois “(...) consiste em tirar categorias da própria consciência que os sujeitos têm da realidade” (p.15). Relativamente à técnica usada para a análise e interpretação dos dados, foi utilizada a análise de conteúdo, que segundo Bardin (2016) corresponde ao estudo e procura de conhecimento que está adjacente ao discurso ao qual se pretende analisar.

Tendo em conta que foi utilizada a entrevista, de acordo com Silva, Simão e Gobbi (2011), as respostas proferidas serão estudadas na análise de conteúdo sobre um exame que derive em unidades de análise, para que uniformemente seja possível associar os discursos a significados, que traduzam ou representem uma visão ou perspetiva sobre o

que está a ser estudado. Silva, Simão e Gobbi (2011) acrescentam ainda como vantagem da análise de conteúdo, a possibilidade do investigador utilizar esta técnica, analisando os discursos, desconstruindo-os e discutindo-os, fornecendo à investigação e a si mesmo, interpretações reais das vivências e sentidos atribuídos ao tema em questão.

#### **4.1. Análise da categoria Perceção sobre o processo de integração de pessoas migrantes**

A categoria *Perceção sobre o processo de integração de pessoas migrantes* subdivide-se por 7 subcategorias, respetivamente *Motivos da migração*, *Dificuldades dos migrantes*, *Apoios/ajudas*, *Contributos da migração*, *Hábitos culturais (religião, tradições, costumes)*, *Domínio da língua* e *Integração da população migrante*. Esta categoria pretende compreender o que motivou o migrante a sair do seu país de origem, se teve alguma dificuldade nesse processo, como considera que contribui para o país recetor, se sente que está integrado e se a aprendizagem da língua é um fator importante para a sua integração. São apresentadas as perceções sobre estes aspetos, na perspetiva do migrante e na perspetiva do técnico. (Anexo V)

##### **4.1.1. Motivos da migração**

Esta subcategoria intitulada de “Motivos da migração” é referente a duas questões, sendo a primeira, no contexto dos técnicos de intervenção em que é questionado “Enquanto técnico, como descreve a vinda de um migrante para Portugal?”. Os técnicos consideraram a migração um processo difícil com mudanças e alterações na vida dos mesmos. Como o T5 refere “...quando se trata de um migrante sem ser estudante os processos são um bocado mais complexos”, denotando assim a vinda do migrante para Portugal como um processo geralmente complicado também dificultado por pensamentos conservadores que podem interferir bastante na vida dos mesmos. Concorda também o T6 “...ainda temos uma sociedade um pouco conservadora ...”. Quanto à segunda questão “Quais os principais motivos que os migrantes apontam na escolha de Portugal como destino?”, os técnicos referiram a intenção do migrante refazer a sua vida e procurar melhor condições de vida e oportunidades, em alguns casos, através do reagrupamento familiar e da procura de formação académica, onde acabam por ficar em Portugal e construir a sua vida. Por outro lado, o T4 indicou motivos mais específicos, por exemplo motivos para sair do seu país de origem, como “... vêm sempre porque no seu local de origem não têm condições que lhes permitam continuar a fazer o seu projeto de vida... chegam por causa da guerra, situações políticas, económicas e outras razões como por

exemplo a valorização pessoal e profissional”. A nível local, o T7 apresentou características que na sua opinião levaram os migrantes a se fixarem em Bragança “...é uma cidade equilibrada, de baixo custo de vida...” (T7).

Na perspetiva dos migrantes, na primeira pergunta, quando questionados sobre “Como decorreu a sua vinda para Portugal?” não existiu um consenso na resposta de todos. Para o M6 foi um processo difícil e o M1 respondeu que foi um “processo difícil e cansativo por causa dos processos burocráticos”. Por outro lado, os participantes M2, M3, M4, M5 afirmaram que no seu contexto, o processo foi relativamente fácil e tranquilo, com exceção do M3, que deu destaque à dificuldade no país de origem na obtenção de um visto.

Numa segunda questão quando perguntado sobre “Porque escolheu este país?”, os migrantes elucidaram motivos, como ter já familiares e amigos a viver em Portugal, ter mais oportunidades e condições de acesso, como pode ser constatado nos seguintes excertos:

- “ ... por já ter familiares a viver em Portugal...pela facilidade linguística...ser mais fácil ingressar nas universidades...”(M1)
- “...tinha mais oportunidades...” (M3)
- “...melhores condições de trabalho...segurança.” (M6).

Na perspetiva de Ferreira (2017), os migrantes na sua maioria, procuram como objetivo de partida do país de origem, melhores condições de vida e a possibilidade de um maior desenvolvimento, tendo como objetivo concreto a procura de emprego. Os motivos referenciados anteriormente seguem a mesma linha realçada pelos técnicos, nomeadamente na procura de melhores condições de vida e de desenvolvimento pessoal, por vezes através de formação académica. A investigação de Caldeira (2012), que tem como objetivo a reflexão sobre contextos reais de imigração em Portugal nomeadamente a interação dos migrantes e a comunidade local, concluiu que os migrantes procuram melhores condições de vida, escolhem Portugal como o país onde querem trabalhar e se desenvolver.

A migração, como contributo na perspetiva de Ramos (2011), pode trazer aos migrantes benefícios como liberdade, melhores condições de vida e conseqüentemente, um maior acesso à saúde, assim como à educação e emprego. Por outro lado, apesar dos aspetos positivos, como afirma Ferreira (2017), a população migrante é particularmente

desprotegida, pois está sujeita a vários riscos, como: violência, exploração, tráfico e abuso sexual maioritariamente das mulheres.

Assim concluímos que por detrás da migração, existe um motivo consistente para acontecer este fenómeno, tendo por base a vontade de obter melhores condições de vida e proporcionar à família tais condições, pela procura de emprego noutra país onde se possa desenvolver e criar novas bases económicas e pessoais. Também se refletiu que nem sempre este processo ocorre de forma simples e vantajosa, pelo menos num primeiro momento, sendo que os migrantes estão mais predispostos a riscos e a toda a burocracia existente no país acolhedor, o que dificulta o início das suas novas vidas.

#### **4.1.2. Dificuldades dos migrantes**

Na subcategoria “Dificuldades dos migrantes” apenas foi criada uma pergunta, que no caso dos técnicos é “Tendo em conta a sua experiência profissional, com que tipo de dificuldades as pessoas migrantes se deparam no processo de integração em Portugal?”. A dificuldade mais apontada pelos técnicos refere-se à burocracia, havendo uma referência do T1 ao isolamento, nomeadamente “ Quando veem de países mais longínquos o isolamento é enorme, para além de não conhecerem ninguém dos nativos, também não têm ninguém da comunidade deles” e referência à discriminação e preconceito pelo T6 “...e muitas das vezes são discriminados, não arranjam trabalho...”. Por outro lado, o T4 aponta a barreira linguística como uma dificuldade importante a combater, isto porque “Enquanto não há um conhecimento mínimo da língua não é possível haver uma perfeita integração” (T4).

No que diz respeito aos migrantes, a pergunta consiste em “Quais foram as maiores dificuldades encontradas na sua integração em Portugal?”. Os M1, M2 e M3 apontaram como dificuldades sentidas, os processos burocráticos, encontrar alojamento, as saudades de casa e da família e a falta de informação. Dentro da dificuldade em encontrar alojamento, o M1 referiu que “Uma outra dificuldade na minha integração em Portugal foi a nível de encontrar um alojamento na cidade por achar que existe um certo preconceito em relação a pessoas da minha origem”. Por outro lado, o M4 e o M5 apontaram as diferenças culturais como dificuldade, sendo que estas diferenças podem causar por vezes, desconforto se não houver um processo de entendimento de culturas e integração, como é perceptível no excerto do discurso do M5: “A questão da cultura porque as pessoas acham que a outra cultura é menor porque é diferente. Se as pessoas soubessem

e entendessem que a cultura é uma forma de integrar e agregar com outro não aconteceria o que a gente chama de discriminação” (M5).

Nas dificuldades apresentadas pelos migrantes aquando da migração, no estudo de Caldeira (2012) é referido como obstáculo, o domínio da língua. Nesse estudo os participantes afirmam dominar muito pouco a língua portuguesa, mas por outro lado, querem continuar a aprender, por considerarem um fator essencial para uma integração linguística, social e cultural, sendo que a falha do domínio da língua portuguesa é um obstáculo em se adaptarem à sociedade. Na mesma perspetiva, de acordo com Pires (2006), o uso da língua de origem ou o não conhecimento da língua do país de acolhimento pode ser um obstáculo relevante, que condiciona a integração dos migrantes, podendo atrasar a realização de muitas tarefas importantes no dia a dia dos migrantes.

Nos técnicos, uma das dificuldades apontadas passava pelo domínio da língua. É possível perceber que, de acordo com o autor referido anteriormente, no seu estudo, também o domínio da língua era um obstáculo para a população migrante aquando da sua integração, uma vez que quanto menos um migrante se souber explicar e entender o contexto que o rodeia, mais exposto está a riscos, mais perdido se pode sentir e mais dificuldade tem em ter acesso aos serviços, bem como na regulamentação do seu processo burocrático.

Por outro lado, ainda no estudo de Caldeira (2012), os imigrantes apontam como dificuldade a burocracia e desigualdade no que diz respeito a condutas governamentais. Relativamente à mudança de país, verificou-se que os imigrantes passam por dificuldades na mudança de contexto, assim como com o facto de terem de lidar com fatores culturais, religiosos diferentes do que estão habituados. Assim, na apresentação de dificuldades dos migrantes, nomeadamente os processos burocráticos e a dificuldade no acesso a alojamento, tem na base as diferenças culturais e étnicas, que no caso podem ter por base discriminação pela diferença, dificultando todo o processo de inclusão. Como é referido no estudo de Prada, Novo, Lopes e Moreno (2020) numa realidade bastante mais específica de contexto da cidade de Bragança, quanto a estudantes de nacionalidade cabo-verdiana, a maioria dos participantes afirmou ser difícil encontrar alojamento na cidade, correspondendo com a dificuldade acima descrita, contextualizando estes estudantes que são migrantes também, num território específico.

Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) referem que os processos de regulação dos imigrantes a nível de tratamento de burocracia integram uma fase de transição bastante

importante para a integração no país de acolhimento. A partir do momento em que o migrante tem os seus documentos regularizados, mais rapidamente e facilmente pode ter um acesso fluído aos serviços, como por exemplo saúde, educação e emprego, fatores que são essenciais na integração desta população. Portanto, na dificuldade apontada pelos migrantes dos processos burocráticos serem demorados e pouco diretos a nível de informação, foi possível constatar que nesses casos, a integração dos migrantes que passaram por um processo demorado e complicado, se mostrou dificultada e pouco eficaz.

#### **4.1.3. Apoios/ajudas**

A subcategoria “Apoios/ajudas” consiste em duas perguntas, sendo que para os técnicos a primeira é a seguinte “Que tipo de apoios e ajudas existem para a população migrante quando chega a Portugal/Bragança, tendo em conta o seu processo de inclusão?”. A resposta dos técnicos baseia-se em apoios, através de associações, instituições, centros locais de apoio e acolhimento ao migrante, projetos, trabalho em rede.

Em relação aos migrantes perante a pergunta “Que tipo de apoios/ajudas teve quando chegou a Portugal?”, os participantes M1, M2 e M3 afirmaram não ter tido qualquer apoio a nível de instituições, mas por parte de familiares ou amigos na sua chegada a Portugal. Como menciona o M3 “ Não tive, só do meu irmão e do meu cunhado”, com destaque para o M1 e M2, que não tiveram qualquer ajuda na chegada a Portugal, referenciando no caso do M1 que veio para Portugal de forma independente e do M2 que não tinha qualquer informação sobre instituições e apoios que pudesse recorrer na chegada, como se pode verificar nos excertos:

- “Não tive nenhum tipo de apoio ou ajuda porque a minha saída do meu país aconteceu de forma independente” (M1);
- “Não tive nenhum apoio. Também não sabia se existia alguma instituição existia para ajudar e com o que. Fazemos tudo sozinhos” (M2).

Por outro lado, o M4 e M6 mencionaram ter tido o apoio da instituição, verificando-se nos excertos:

- “Tive apoio de alguns amigos tive apoio de instituição que ajudou nesse processo de integração...” ( M4)
- “ Tive o apoio desta instituição...” (M6)

Na segunda questão, no caso dos técnicos “Que tipo de apoios e ajudas não existem e deviam existir?”, os técnicos afirmam haver uma necessidade de por vezes, os apoios serem mais formais e também direcionados para uma problemática importante, como os processos burocráticos e a integração dos migrantes. No entanto, essa formalidade pode ser correspondida através dos centros locais de acolhimento a migrantes já existentes. O T6 salienta “...instituição canalizada mesmo para a integração dos migrantes, no sentido de facilitar as idas ao SEF, haver um canal aberto com o SEF...”. Por outro lado, o T4 faz referência a um apoio específico “...o que falta na minha opinião é trabalhar em rede, haver uma divulgação clara dos serviços que já estão disponíveis e depois haver técnicos que estejam efetivamente ao lado da pessoa... devia haver técnicos no terreno sistematicamente e diariamente para fazer acompanhamento” (T4).

Quanto aos migrantes, na pergunta “Que tipo de apoios/ajudas gostaria de ter tido?” os participantes M1, M2 e M3 expressaram terem tido necessidade de apoio relativamente ao alojamento, no acesso a serviços e em orientar objetivamente para os locais certos para o tratamento de burocracias. O M2 fez referência também aos serviços “Gostaria de se calhar ter encontrado alguém ou alguma associação que me pudesse facilitar a questão do alojamento e no acesso a serviços e também conseguir me informar sobre os serviços” (M2). O M5 apontou a falta de prestação de informação correta “...só queria as informações corretas para chegar nos lugares corretos mais fácil e não ter que esperar tanto...” (M5).

Constatou-se que num primeiro momento, o apoio dos migrantes esteve relacionado com familiares ou amigos que estivessem já no país de acolhimento. No entanto, os mesmos gostariam de ter tido apoios mais diretos e de forma a concretizarem, por exemplo, os seus processos burocráticos e procura de alojamento, de uma forma mais rápida e eficaz. De acordo com Marques (2005), Portugal tem políticas de imigração que têm como objetivo a prática constante dos direitos e deveres dos migrantes, para consequentemente se alcançar igualdade no acesso à saúde, trabalho, educação, justiça. Assim, apesar de existirem estas políticas e também instituições ou projetos direcionados para estes apoios, nem sempre se verifica um apoio direto a estes migrantes num contexto inicial o que, por sua vez, pode atrasar o processo de integração. Na visão dos técnicos, há a necessidade de um apoio mais direto e de técnicos presentes diretamente no terreno para suprir as necessidades dos migrantes de imediato. No entanto, também é essencial

uma divulgação do trabalho que é feito para que haja uma maior incidência dos migrantes na intervenção.

#### **4.1.4. Contributos da migração**

Na subcategoria “Contributos da migração” a pergunta direcionada para os técnicos é “Na sua perspectiva, em que é que a vinda de migrantes para Portugal pode contribuir para o país e comunidades locais?”, sendo que os técnicos realçaram como contributos da chegada de migrantes a Portugal, a nível económico, aumento do poder financeiro, acréscimo na população ativa e contributo para o rejuvenescimento da população, e ainda o domínio de conhecimentos e formação que são uma mais valia para o país. Por outro lado, constroem uma sociedade mais multicultural e expressam a sua cultura diferente. Assim, o T4 apontou alguns destes contributos, referenciando a importância da mão de obra do migrante “(...) mais valia quando ele vem e de facto se integra porque é um recurso já com formação que pode integrar a população ativa e obviamente quem vem para outro país diferente não é um sénior nem uma criança, já é um recurso formado que pode eventualmente e já está a acontecer criar mercado e criar de facto mão de obra em alguns setores que nos sabemos que a população portuguesa rejeita” (T4). O T6 realça a importância da migração por causa da população jovem que chega ao país “...temos uma população envelhecida e isso é uma grande ajuda...” (T6). Por outro lado, o T7 dá enfoque a nível cultural “...existem lojas virtuais de confeção de alimentos e refeições típicas e aumenta os padrões culturais...” (T7).

Na perspectiva dos migrantes, os contributos da imigração para Portugal passam pela diversidade cultural, desenvolvimento da economia, aumento da natalidade, rejuvenescimento da população e mão de obra, como é referenciado pelo M3 “Dá muito muito contributo não só pela mão de obra porque há trabalhos que os portugueses não fazem mas sim os estrangeiros...” (M3). De forma mais evidente, no excerto do M1 “Pode trazer contributos como diversidade cultural, a nível económico também porque os migrantes gastam cá o seu dinheiro e por a maior parte dos migrantes serem jovem também rejuvenesce a população uma vez que a população portuguesa” (M1).

Tendo em conta que uma grande parte da população do nordeste transmontano é envelhecida e se verifica cada vez mais a saída de população das zonas do interior, os migrantes contribuem bastante para contrariar estas duas tendências. O Alto Comissariado para as Migrações (2015) realçou vantagens da vinda de migrantes para o aumento da demografia portuguesa. Por outro lado, Carneiro (2005) reconhece que a

chegada de migrantes a Portugal só traz vantagens para o país, nomeadamente a nível económico, demográfico e cultural, sendo que os migrantes vão gastar no país o seu dinheiro, contribuir com mão de obra e aumento da natalidade, uma vez que são maioritariamente jovens, que contribuem também para o aumento da população em idade ativa e por último e não menos importante, a nível cultural, fornecendo uma panóplia de culturas e aprendizagens diferentes, com a partilha de ideias e perspetivas, o que traz um maior enriquecimento cultural ao país.

No estudo de Caldeira (2012), os contributos para o migrante passam pelo ganho de novas vivências, aprendizagem da língua e costumes, assim como a interação com o povo português, que traz uma maior facilidade de adaptação e integração. Para a comunidade em geral, existe um enriquecimento a nível cultural e também a nível linguístico, com a aprendizagem de diferentes culturas, valores e com a existência de uma aprendizagem mútua entre as comunidades.

#### **4.1.5. Hábitos culturais (religião, tradições, costumes)**

Na subcategoria Hábitos culturais (religião, tradições, costumes), a pergunta “De que forma a intervenção/projetos/atividades preservam os hábitos culturais como religião, tradições e costumes da pessoa migrante no seu processo de integração?” foi dirigida aos técnicos. O T1 afirmou haver um convite para participação por parte dos migrantes em conhecer a cultura portuguesa e partilharem também a sua, gerando uma partilha de culturas mútua. O T4 de uma forma mais geral, indica que apesar do programa não possuir uma vertente direcionada especificamente para os valores pessoais e culturais dos migrantes, existe um interesse autónomo dos técnicos em preservar as especificidades de cada um. Como o mesmo afirma “... nós respeitamos a identidade de género, a religião e tudo isso que salvaguarda a personalidade de cada um dos indivíduos e deste caso dos nossos alunos...” (T4). Mantendo a mesma perspetiva do T1, que indicou também que “Estamos a falar em tradições que eles têm dentro das religiões deles, nós respeitamos e também ajudamos a que eles também tenham oportunidade, quer de ensinar quer de partilhar a cultura deles connosco...” e “... atividades culturais que relembram e revivenciam os hábitos e tradições da minha terra e nesses eventos geralmente traz música, dança e pratos típicos”. O T6 elucidou a ideia a nível da intervenção de criar uma loja social inclusiva “...não só para um grupo de situação de vulnerabilidade social, mas cultural, para diferentes culturas...”. Por outro lado, o T5 apontou atividades relacionadas com a religião, saúde e de carácter informativo e também “... depois existem momentos

de convívio interculturais que isto é q é importante, as diversas culturas possam oferecer momentos musicais, diversas atividades, fazíamos quase todas as semanas um encontro presencial...” (T5).

Na perspectiva dos migrantes, com a pergunta formulada de diferente forma, mas com o mesmo intuito “Os seus hábitos culturais como por exemplo a religião, tradições e costumes são mantidos no seu processo de integração? Se sim, de que forma? Se não, porquê?”, todos os migrantes afirmaram que continuam a manter os seus hábitos culturais mesmo que estejam num país e cultura diferente. Como refere o M3 respeitam a cultura e “regras” do país “Continuo a manter hábitos culturais respeitando as regras daqui”. Sendo uma questão de adaptação viver num país diferente, o M5 descreveu também que faz parte de um processo adaptativo “...depois de um tempo a gente começa um processo de adaptação e quando a gente tem a nossa espiritualidade e religiosidade e hábitos do quotidiano a gente vai trazer connosco” (M5).

A cultura é um aspeto muito importante na vida dos migrantes, sendo que é por um lado, uma lembrança presente e imputável às suas origens e às bases do seu pensamento e modo de vida, assim têm de direito que a sua cultura seja reconhecida e valorizada. A população migrante carrega consigo a sua bagagem cultural mas no entanto, tem que se adaptar a uma nova realidade e cultura diferente. Por outro lado, constituindo um apoio ao mesmo comportamento adotado pelos migrantes, os técnicos possuem uma postura de valorização, respeito e acima de tudo, vontade de conhecer as culturas diferentes com que estão diariamente a conviver, mesmo que não exista em alguns casos formalmente, uma diretriz na intervenção direcionada para essa área. No entanto, na visão de Brito, Arriaga e Gouveia (2015), o migrante passa por alguns contratempos quando mudam de país, contratempos esses que podem afetar psicologicamente o migrante, sendo que a perda dos seus hábitos culturais e religiosos e conseqüentemente, a urgência de se ajustar a outra cultura diferente, podem gerar inconscientemente uma provável transformação de identidade, aspetos estes que são importantes para prevenir.

Em contexto de intervenção, Bracons (2018) aponta no mesmo caminho, da valorização da cultura de cada individuo, alertando para a necessidade dos profissionais, intervenientes em intervenção com indivíduos de cultura diferente, tenham uma capacidade de comunicar com a pessoa e de entender a sua cultura, hábitos e experiências a nível cultural. Tais fatores, mostraram-se estar subjacentes na intervenção destes técnicos.

#### 4.1.6. Domínio da língua

Relativamente à língua, na subcategoria “Domínio da língua” com a pergunta dirigida aos técnicos “Na intervenção, o que é feito para colmatar as dificuldades linguísticas sentidas pelos migrantes?”, o T1 como o T4 relataram aspetos comuns, como o facto de a aprendizagem da língua portuguesa ocorrer de melhor forma quando é falada em convívios ou relações sociais. O T1 indica que “... comunicação do dia a dia é que os ajuda a integrar na maior parte deles ao longo do ano/curso, estes cursos tem 1 ano de duração, conseguem e evoluem imenso e saem muito mais habilitados para falarem e interagirem com a sociedade” e o T4 afirma também “...convidamos os alunos a estar e estamos todos e temos a noção clara que aprende-se a falar falando, aprende-se a língua no contacto social...”, fazendo referência às aulas como uma “sistematização daquilo que é a língua enquanto instrumento de comunicação formal” (T4).

O T5, T6 e T7 na questão de aprendizagem da língua portuguesa, afirmam apenas ter a hipótese de através do trabalho em rede, direccionar os migrantes para escolas e instituições que possam fornecer cursos de língua portuguesa, tendo protocolos com as entidades que certificam esse processo. Em geral os técnicos referenciaram apoios já existentes nos seus serviços, com apoio direto e acompanhamento ou então, direccionar os migrantes para entidades competentes que lhe proporcionem uma aprendizagem da língua, de acordo com as suas dificuldades e capacidades.

A referência à dificuldade no domínio da língua como um fator condicionante da integração apontado pelos técnicos, corresponde ao afirmado por Pires (2006), pois para concluir determinados compromissos ou atividades, até mesmo relativos ao acesso a serviços e tratamento de burocracias, é necessário compreender e saber falar a língua portuguesa. Ao não existir este domínio, as dificuldades e obstáculos dos migrantes podem eventualmente aumentar, assim como a dificuldade em se integrarem.

Numa outra questão desta subcategoria, nomeadamente no contexto dos técnicos “Considera que o domínio da língua pode ser um obstáculo para a integração? De que forma?”, todos concordam que o domínio da língua pode ser um obstáculo para a integração dos migrantes, justificando o T1, T6 e T7 que o facto de os migrantes terem limitações linguísticas pode causar problemas no acesso a emprego, podendo mesmo ser um impedimento. O T4 afirma que não saber a língua causa bastantes dificuldades e por outro lado, o T5 alarga mais a sua justificação, afirmando que os jovens têm mais facilidade em falar uma língua mais comum, como o inglês. O mesmo pode não acontecer

noutras faixas etárias, assim quando há dificuldade em falar português ou mesmo a inexistência de conhecimento da língua, existem muitas dificuldades, como afirma “... se não são falantes do português suponho que seja difícil até para alugar um quarto, esclarecer dúvidas, estar numa instituição ou tratar de algum papel ou documentação vão entregar as informações em português e o fator da língua é sempre uma barreira” (T5).

No grupo dos migrantes, as questões iniciais sobre a língua passavam por perguntar como os mesmos falam no seu quotidiano, se na língua de origem se em língua portuguesa, com a pergunta “No seu seio familiar comunica através da sua língua de origem ou através da língua portuguesa?”. Dependendo do contexto, o M1 descreveu que diariamente fala português, mas que se estiver a conviver com pessoas da mesma nacionalidade, comunica em crioulo, como refere no excerto “No meu dia a dia posso dizer que comunico maioritariamente através da língua portuguesa porque estou inserida numa comunidade maioritariamente portuguesa, mas quando me encontro em contextos de convívio com pessoas do meu país comunicamos sempre em crioulo”. Verifica-se uma tentativa de falar a língua portuguesa no dia a dia dos migrantes, mesmo que em alguns casos com algumas dificuldades, dependendo da língua de origem, sendo que no grupo há migrantes brasileiros, o que facilita a aprendizagem e uso do português de Portugal. Em contexto familiar ou de convívio com nacionalidades comuns aos migrantes, a tendência é falar a língua de origem, verificando-se tal facto nas palavras do M3, “Com a minha família falo crioulo mas com a minha filha falo em português para se habituar porque está em Portugal”, M4 “Geralmente falo em português, já falava português fora da daqui...” e M5 “Falo na minha língua de origem, português do brasil” (M5).

Quanto à questão do domínio da língua, na pergunta “Considera que o domínio da língua pode ser um obstáculo para a sua integração? De que forma?”, todos os participantes migrantes afirmaram que saber falar a língua portuguesa é muito importante para o dia a dia no país e para conseqüentemente, ter um melhor e fácil acesso a todos os serviços, como se pode verificar nos excertos:

- “Considero que não saber falar português pode ser um obstáculo pelo facto de ser um meio essencial para a nossa comunicação no contexto em que estamos inseridos” (M1);
- “Senão fosse PALOP e não soubesse falar português teria dificuldade em arranjar emprego, em ir a instituições tratar de assuntos sérios” (M3).

A comunicação é um dos pontos cruciais da interação humana, Caldeira (2012) constatou que no seu estudo o domínio da língua pode ser um grande obstáculo, isto é, quanto menos conhecimento os migrantes têm sobre a língua do país de acolhimento, mais difícil vai ser a sua integração. Concordando com o estudo anterior, Solonari (2015) afirma firmemente que o domínio oral e escrito da língua portuguesa é um fator imprescindível para a integração. Os técnicos e os migrantes são da mesma opinião, de que o domínio da língua faz toda a diferença no acesso aos serviços e integração na comunidade. Por outro lado, quanto melhor o migrante entender a língua portuguesa, mais protegido estará de perigos, maior facilidade terá no preenchimento de burocracias e também na defesa dos seus direitos.

### **5.1.7. Inclusão da população migrante**

Quando questionado sobre a inclusão da população e estratégias que a potenciem, os técnicos na generalidade afirmam que a população migrante poderia estar bastante mais integrada, mas que em alguns contextos como o contexto escolar, o participante T1 constatou que tendo filhos nas escolas, existe uma obrigação de responsabilidade por parte dos pais em estarem presentes e ativos no que diz respeito à formação do seu filho. Tal facto, ajuda a inclusão destes pais migrantes. Questionando sobre as estratégias para facilitar e potenciar a inclusão deste público-alvo, os T4 e T5 apontaram um ambiente pedagógico como as aulas, como um contexto formal que facilita o contacto, comunicação e interação dos migrantes e restantes indivíduos, bem como o voluntariado e trabalhos/atividades relacionadas com as áreas sociais. Por outro lado, numa estratégia mais indireta, para o T6 e T7, a intervenção passa por ações de sensibilização na tentativa de desmistificar preconceitos e mostrando a realidade dos migrantes, tentando contrapor os mitos. Como refere o T6 “... cedemos livros que relatam histórias de refugiados e migrantes... no sentido de desmistificar o preconceito, que é uma coisa má, que vêm para cá roubar as oportunidades e trabalhos dos portugueses...” (T6).

Quando direcionadas as questões para o grupo dos migrantes, nomeadamente “Considera que está integrado? De que forma?”, a resposta mais frequente foi positiva, demonstrando que se sentem integrados, mas com explicações diferentes. O M3 apontou “Eu sim sinto que sim porque no dia a dia só na questão de arranjar emprego é que não” demonstrando, que se sente integrada, no entanto, estar desempregada, pode potencialmente fazer com que este participante, se continuar no desemprego não se sinta plenamente integrada. Por outro lado, o participante M1 sente-se integrado pelo facto de

possuir emprego, contrariamente ao M3, apontando também como fator importante, a interação com a comunidade - “Posso dizer que sim, que estou integrada porque estou a trabalhar e não tenho grandes dificuldades em me relacionar com a restante população” (M1).

No que diz respeito à inclusão de pessoas adjacentes aos migrantes, tais como família e amigos de outras nacionalidades que não seja a portuguesa, alguns participantes não possuem a sua família a residir em Portugal, no caso dos que têm familiares em Portugal. Por um lado, o M1 considera que os familiares até estão mais integrados do que o participante em questão, justificando “...pelo facto de já viverem em Portugal há muito tempo e terem construído cá a sua família e negócios”. Contrariamente, o M4 afirma que os seus familiares não estão tão integrados como a própria, revelando que “... está a ser um processo diferente para eles”. Quanto aos amigos, os participantes revelaram que normalmente estão integrados, no caso do M1 apenas alguns amigos estão integrados, mas os que considera que não estão, é pelo facto de terem algumas dificuldades na fala da língua portuguesa “estão integrados, mas outros acho que não muito, pelo facto de notar alguma dificuldade em falar português...” (M1).

Tendo sido já analisado a importância do domínio da língua para a inclusão, noutra vertente para alguns migrantes, a inclusão dos mesmos estava relacionada com o emprego, tendo sido verificado que num caso havia o sentimento positivo de integração, mas relativamente ao emprego não, e noutro caso era exatamente o contrário. No que se refere ao carácter laboral, Solonari (2015) realça que a integração no mercado de trabalho é também fundamental porque é a primeira ligação que o migrante tem com a comunidade acolhedora. O mesmo autor salienta ainda que é importante também que os migrantes criem ligações com a população portuguesa e que conheçam a forma como o país se organiza, para assim melhor se integrem, sendo a inclusão vista como uma área que necessita de apoio e suporte para que os migrantes permaneçam no país.

No contexto de intervenção foi possível constatar referências a interações, contactos, comunicação em ambiente pedagógico, o que potencializa a inclusão dos migrantes, concordando com o que foi concluído por Solonari (2015), na importância do contato e relação com a comunidade local. Reis, Pereira, Tolda e Serra (2010) especificam ainda que os centros de acolhimento direcionados a migrantes, devem proporcionar a inclusão dos mesmos de modo que estes socializem e se envolvam na sociedade, neste caso, portuguesa.

## **4.2. Análise da categoria Representações Sociais**

A categoria *Representações Sociais* divide-se por duas subcategorias denominadas de *Representações da sociedade portuguesa* e *Discriminação*. É expectável nesta categoria entender como os migrantes são vistos pela sociedade portuguesa, assim como essas visões os podem afetar, sendo também referida a discriminação. Tendo em conta todos os mitos associados a certas populações, como foi referido ao longo da investigação, é importante compreender a perspetiva dos técnicos e dos migrantes sobre os efeitos que tal crença pode causar. (Anexo VI).

### **4.2.1. Representações da sociedade portuguesa**

Inicialmente levantando a questão aos técnicos de “Na sua opinião, como é que a intervenção pode gerar uma perceção diferente da sociedade sobre a pessoa migrante?”, os vários discursos variaram por atividades direcionadas para os migrantes com contexto multicultural em que haja intervenientes de outras nacionalidades, nomeadamente portuguesa, causando curiosidade sobre as culturas e conseqüentemente aproximação. É necessário, por exemplo, educar e sensibilizar as crianças, de modo a colmatar preconceitos, sendo as crianças os adultos do futuro. Por outro lado, outras opiniões consistiram em potencializar uma mente aberta, para que quando se relacionarem com uma cultura diferente, tenham a capacidade de a respeitar e perceber. (Anexo VII).

Os técnicos afirmaram que o desconhecido e a cultura diferente podem causar preconceitos. Para evitar tal pensamento, que pode condicionar a vida de quem o sofre, é necessário informar, desmistificar e dar a conhecer diferentes culturas, diferentes pessoas e perspetivas para que eventualmente um dia o preconceito diminua ou mesmo acabe. Como referenciou o T1 “Eu acho que nós temos mais preconceitos em relação as coisas que não conhecemos, então se eles se derem a conhecer e nós também, proporcionarmos que eles nos conheçam e nos conheçamos melhor a eles e acho que isso rapidamente cai” (T1).

Na perspetiva dos migrantes, com a pergunta “Como considera que é vista a pessoa migrante na sociedade portuguesa?”, as respostas basearam-se em opiniões menos positivas de como é visto um migrante na sociedade portuguesa, na perspetiva dos participantes. O M5 considera que o migrante é visto metaforicamente, “Como um corpo estranho, uma invasora, uma bactéria, um vírus...” e no caso do M3, refere que os migrantes na maior parte das vezes, não são bem recebidos, até pelo contrário “acho que

não recebem os migrantes de braços abertos eu acho que não gostam e preferiam que os estrangeiros não estivessem aqui”. Numa perspectiva que tem uma abordagem diferenciada, o M1 acrescenta que apesar do esforço e do tempo que o migrante está em Portugal, vai ter sempre essa conotação “Considero que o migrante é visto como sempre um migrante, mesmo que se fixe em Portugal durante muito tempo, vai ser sempre uma pessoa que vem de fora e não pertence cá”. Por outro lado, é referenciado que depende de pessoa para pessoa, alguns nacionais não entendem uma pessoa migrante como algo negativo, como afirma o M4, “Algumas pessoas acho aqui ficam felizes por ter imigrantes aqui, mas outros nem tanto”, contando que as opiniões negativas surgem do medo de perda de identidade, como acrescenta ainda o M4, “é visto como uma perda de identidade”. Contrapondo que a opinião sobre os migrantes é negativa no olhar dos participantes, o M5 afirma que passado algum tempo, as opiniões têm tendência a mudar, de forma que o migrante seja visto como “bactéria boa e trazemos equilíbrio e coisas boas” (M5).

Na reflexão pessoal sobre como os migrantes se veem a eles próprios na comunidade e em Portugal, o ponto comum é a oportunidade que todos tiveram de procurar uma vida melhor, sendo que se veem como uma pessoa que luta diariamente para conseguir concretizar as suas conquistas e tenta utilizar estas oportunidades da melhor maneira:

- “...pessoa resiliente que apesar de todas as dificuldades de solidão, económicas, habitacionais e de serviços, ainda assim consigo ultrapassar as dificuldades e ver de forma positiva a imigração, como uma oportunidade para avançar e progredir...” (M1);
- “alguém que contribui e tenta esforçar-se para ter uma melhor vida...” (M2);
- “Como alguém que vem contribuir e a procura de boas condições de vida.” (M3);
- “...pessoa que teve uma oportunidade que vai fazer tudo para estar à altura da sua oportunidade.” (M4);
- “Como alguém inofensivo que apenas tem a luta diária de trabalhar, viver e tentar alcançar os seus objetivos.” (M5).

Mais concretamente na base do processo de inclusão, foi perguntado aos migrantes “Quais as representações da sociedade que podem afetar o seu processo de inclusão?”, tendo sido denominadas as seguintes: “preconceito em relação à minha cor”,

“discriminação”, “preconceito” e “atos discriminatórios”. Depois de serem enumeradas as possíveis representações que podem afetar o processo de inclusão dos migrantes, os mesmos foram questionados sobre as suas consequências e como os afetam:

- “... diminui as minhas oportunidades a nível de alojamento...” e “condicionam a minha motivação para trabalhar e continuar a minha vida aqui e faz com que me questione.” (M1)
- “...tento não deixar que me sinta tão mal.” (M2)
- “Não me afeta muito” (M3)
- “...poderia afetar, mas até hoje não afetou” (M4)
- “... Afeta no comportamento... simplesmente não tenho condição de arcar com uma perspetiva que foi projetada em mim e não sou eu.” (M5)

A falta de informação ou informação incorreta pode levar à construção de mitos que envolvem certas populações, como neste caso os migrantes. De acordo com Moscovici (2009), as perspetivas e pensamentos provenientes de um convívio social ou de relações que estabelecemos são fatores importantes para criar uma ideia do próximo e se proporcionar um entendimento e aproximação. Notou-se uma forte evidência no preconceito e mitos associados a migrantes, pela falta de abertura e receio de perda de identidade pela falta de informação e medo do desconhecido. Para tal é importante desconstruir pensamentos erróneos, para que coletivamente, aquando das interações a mensagem passada seja de uma mente aberta, que tenha em conta a diversidade das pessoas e o respeito pelas mesmas. É essencial contornar os mitos associados aos migrantes, tal como Gonçalves e Marques (2002) afirmam, que a suposição de que o sujeito pensa sobre um grupo provém do que ele pensa que sabe sobre a cultura do grupo, mas também, do que reteve no seu pensamento através das socializações que realizou durante a sua vida.

Noutra vertente analisada, os preconceitos e mitos associados à palavra migrante, afetam o processo de imigração, de acordo com Pereira e Vala (2010), sendo que migrantes significam perigo e ameaça, tanto a nível económico como a nível de segurança do país, podendo ser vistos como invasores, tal como foi também referenciado por alguns migrantes participantes na investigação. Tal situação, se não for prevenida e não existir uma consciencialização da sociedade, vai gerar consequentemente mais preconceito, mais mitos, mais ideias erradas sobre o fenómeno migratório. Para combater tendências

discriminatórias direcionadas a migrantes, Ferreira (2012) afirma que nos dias atuais, a aversão por migrantes, minorias, etnias, religiões, é um problema gigantesco, que necessita de um pensamento aberto, potencializador do conhecimento sobre o «Outro», sobre a sua cultura, sobre o seu modo de viver, para que exista uma harmonia e convivência, respeito e liberdade na presença de todas as culturas.

As falsas crenças e mitos sobre os migrantes, nomeadamente que os migrantes vão roubar os postos de trabalho da população local e aumentar a criminalidade, servem, na visão de Ramos, Louceiro e Graça (2016), como justificação para a prática de um ato discriminatório sobre uma população que, tal como foi referenciado pelos migrantes e também pelos autores, se baseia na procura de melhores condições de vida e no acesso a direitos iguais.

Almeida e Silva (2017) vêm elucidar qualquer mito, esclarecendo fortemente a realidade sobre a população migrante, sendo que os migrantes que chegam a Portugal, na maior parte das vezes, são potencializadores de sucesso, pela iniciativa de abandonar o seu país, representando os indivíduos com mais iniciativa e proatividade de procurar iniciar uma vida noutra. Os migrantes por outro lado, fazem os trabalhos que por norma os indivíduos nacionais se recusam a realizar, contrapondo a ideia de que os seus postos de trabalho vão ser roubados.

#### **4.2.2. Discriminação**

Perguntando diretamente aos técnicos “Enquanto técnico considera que existe discriminação na sociedade portuguesa? Se sim, de que forma?”, as opiniões em geral são concordantes, variando nas explicações. O facto dos atos praticados nem sempre são intencionais, acontecendo maioritariamente através de pessoas menos informadas e por causa de estereótipos criados. Alguns técnicos presenciaram casos de discriminação, tendo logo, por sua explicação, agido de forma a perceber o que aconteceu e a desmistificar os pensamentos que estiveram na base do ato. Por outro lado, quando questionados pelas consequências de um ato discriminatório “Quais as consequências da discriminação?”, foram apresentados pensamentos de proteção perante os migrantes: Num caso sobre o emprego, o T1 explicou “por exemplo eu acho que quando há um grupo de nacionais que trabalha no mesmo sítio, a entrada de um estrangeiro é sempre mal vista pensando “ah vem-nos roubar o emprego”. Por outro lado, os restantes participantes focaram a não democracia como consequência, desigualdades sociais, tensões sociais, falta de oportunidades, menos recursos e marginalização.

Quando questionado aos migrantes se consideravam que existia racismo em Portugal, todos os participantes responderam afirmativamente, como por exemplo

- “Sim considero ...” (M1)
- “No geral existe bastante...” (M3)

Por outro lado, numa pergunta mais pessoal e possivelmente sensível, quando foram questionados se já sofreram algum tipo de discriminação:

- “Sim já sofri e foi relativamente à questão de alojamento... um senhorio que não arrendava casa a africanos e pretos.” (M1)
- “Já, eu senti que já porque na altura que estava a procura de creche para a minha filha eu senti porque ao telefone a falar c eles diziam uma coisa e ao chegar la viam que somos estrangeiros e diziam que houve um engano...” (M3)
- “Já inclusive eu já sofri por causa de ser mulher brasileira...” (M5)

Perguntando sobre como lidaram com este tipo de situação, os participantes expressaram que:

- “Simplesmente fiquei sem reação e estado de choque” (M1)
- “Eu e o meu marido dissemos que era discriminação, mas a senhora disse que não...” (M3)
- “...sentiram um pouco desconfortáveis...” (M4)
- “Colocando a boca no trombone e fazendo escândalo...” (M5)

Questionando se foi utilizada a ajuda legal, responderam negativamente. O M1 “...nem me passou pela cabeça denunciar” e M5 “...não procurei apoio legal...”. O M2 relatou episódios de discriminação com um colega migrante em que no caso de ajuda legal, não houve qualquer consequência, “Fomos à polícia e nada, não fizeram nada” (M2).

Perante as consequências que podem surgir de atos discriminatórios, os migrantes relataram que os mesmos sentiram desilusão, insegurança e vontade de desistir, como é possível visualizar nos excertos:

- “Deixou-me desmotivada e quase a desistir...” (M1)
- “Insegurança.” (M2)

- "...obriga a mudar de cidade..." (M3)
- "... traz um pouco de insegurança..." (M4)
- "Insegura e meio desiludida." (M5)

Os migrantes são alvos de conotações negativas na sua maioria pela cor de pele, origem ou hábitos culturais. Todos estes preconceitos são baseados em informações que não correspondem a ideias distorcidas sobre a realidade destas comunidades, sendo sedimentado ao longo das sociedades, mito atrás de mito, que se não for combatido, irá continuar a acontecer e potencialmente, de forma mais grave. Tal como afirma Vala e Pereira (2010), o preconceito baseia-se numa ideia errada, que é vista como verdade e realidade sobre um determinado grupo, que pode gerar comportamentos discriminatórios para com as pessoas pertencentes ao mesmo grupo, neste caso, os migrantes.

Um dos desafios que é necessário também combater é a desigualdade de tratamento perante os migrantes, como foi possível notar nos relatos dos mesmos. Ramos (2011) afirma que é um desafio e conseqüentemente uma dificuldade, esta diferença de tratamento entre os migrantes e os nacionais, sendo tal facto verificado no acesso a educação, saúde e habitação, como por exemplo foi referido por um migrante.

Por outro lado, ainda Vala e Pereira (2010) realçam que, na base de atos discriminatórios sobre migrantes, está o fundamento de que os mesmos representam uma ameaça ao bem-estar económico do país e bem estar social. Tais preconceitos associados aos migrantes vão condicionar a sua vida se não houver informação, conhecimento, tentativa de consciencialização e ações de formação/educação, para que, por um lado, a vida dos migrantes seja exposta e seja vista na sua transparência, para acabar com os mitos criados.

### **4.3. Análise da categoria Intervenção Socioeducativa**

A categoria Intervenção Socioeducativa tem subjacentes três subcategorias sendo elas *Antes da Intervenção*, *Intervenção em contexto específico* e *Após a intervenção*. Com esta categoria em suma, pretende-se compreender o processo de intervenção socioeducativa realizada com os migrantes e por outro lado, perceber se houve efeitos ou não com a intervenção.

#### **4.3.1. Antes da intervenção**

Numa perspetiva de pré intervenção, os técnicos, de acordo com a pergunta “Como considera que está a vida e inclusão das pessoas migrantes no primeiro contacto com a intervenção?” indicaram que numa primeira abordagem com a instituição ou projeto, que os migrantes tendem a estar frágeis, com algumas dificuldades e desorientados, como é possível corroborar, por exemplo no excerto do T1 “No momento em que eles chegam eles estão bastante perdidos e fragilizados porque estão num país estrangeiro, longe de tudo” (T1).

Por outro lado, especificamente a nível social, os técnicos afirmaram que, apesar das dificuldades e do impacto sentido, como enuncia o T5, “No contexto social, um migrante sofre um impacto muito maior”, normalmente os migrantes quando chegam a Portugal, já possuem um apoio informal por parte de amigos ou familiares, sendo por vezes um fator que facilita o seu novo começo.

Na perspetiva dos migrantes, os mesmos tiveram sentimentos negativos aquando da sua chegada a Portugal, tendo sido caracterizado como um processo difícil e complicado, como se pode constatar nos excertos:

- “Sentia-me um pouco sozinha.” (M1)
- “Um pouco complicado.” (M4)
- “Foi um bocado mais difícil.” (M3)

O início de uma nova vida é sempre difícil, independentemente do que se deixa para trás. No caso dos migrantes, para Ferreira (2017) a população migrante pode estar mais predisposta a riscos e a insegurança, que podem originar tráfico, exploração e abuso sexual. O não conhecimento de como fazer e onde fazer o que é necessário para reconstruir uma vida, pode originar vários problemas e causar um sentimento de insegurança nos migrantes.

#### **4.3.2. Intervenção em contexto específico**

Nesta subcategoria sobre a intervenção em contexto específico, o que foi pretendido contextualizar e analisar foram aspetos relacionados com a descrição da intervenção e as suas atividades, objetivos delineados pela intervenção, como o sucesso dos objetivos alcançados, assim como o efeito da intervenção, se for o caso.

Tendo em conta os diferentes tipos de intervenção, desde o apoio em processos burocráticos, na aprendizagem de língua, inclusão e acompanhamento, os objetivos da intervenção encontrados no discurso dos técnicos passam por trabalhar a autonomia dos migrantes, como afirma o T1: “O objetivo é que sejam autónomos”, tanto a nível de processos burocráticos, como no domínio da língua, como na sua integração na comunidade, sendo essa necessidade realçada pelo T4, “um dos objetivos é efetivamente aprender a nossa língua como uma forma de integração”. Estes aspetos são importantes para o dia a dia do migrante no seu novo contexto, tendo em conta as suas dificuldades.

Por outro lado, na vertente de mensuração dos objetivos, contextualizando a forma como os técnicos conseguem observar se os objetivos tiveram sucesso e efeitos, o T4 apresenta que o facto dos migrantes entenderem e falarem a língua portuguesa, é algo positivo e significativo, no que diz respeito à avaliação da intervenção e consequentemente efeitos nos migrantes, tendo o mesmo afirmado “... conseguimos ter por norma uma avaliação que possibilita a obtenção do certificado, notando-se que os migrantes conseguiram entender e falar a língua”. No entanto, a nível sociocultural, os técnicos demonstraram que o conhecimento da realidade do país, a preparação para o contexto real da comunidade onde se vão integrar, são aspetos que também se consideraram na intervenção dirigida aos migrantes, tal como confirma o T1, “eles conseguem e aprendem o que é o a dia a dia o que é a prática da vida” (T1).

Quanto aos efeitos notados durante e posteriormente à intervenção, o conhecimento de outras culturas, a interação com populações locais e o intercâmbio de ideologias foram dos aspetos mais apontados como resultados, como se pode verificar no seguinte excerto do T4: “... ali é um espaço multicultural como também permite que haja o aprofundamento do que é a nossa cultura regional pelo contacto que se faz com as populações locais e rurais” (T4).

Os migrantes, quando questionados sobre a intervenção, descreveram a mesma como uma ajuda, um apoio nas dificuldades a nível económico, saúde e de alojamento, mas também noutra vertente, ao nível da inclusão. O participante M1 apresenta a intervenção como um “espaço seguro” e “...ajuda também a que as pessoas se sintam integradas”, e o M2 acrescenta “... se um dia eu tiver uma dificuldade acrescida sei onde posso ir e com quem contar”. De uma forma mais afetiva, o M3 afirma que vê a intervenção como “a casa dos meus pais”. Em termos gerais, a intervenção é descrita

como um ambiente seguro, onde existe apoio e sensibilidade para atender às necessidades de cada um.

Quanto aos objetivos que a intervenção ajudou a alcançar, assim como os efeitos que causou, os migrantes apontaram vários, em alguns casos especificamente, um desejo de voltar a conduzir, encontrar emprego, saber onde tratar da burocracia e até sobre a alimentação. Os excertos que demonstram esta análise são os seguintes:

- “Tenho carta de condução já não conduzia, vim para cá ajudaram-me incentivaram-me, também me ajudaram na alimentação e tudo.” (M3)
- “Ajudou-me a encontrar um trabalho.” (M4)
- “Foi uma ajuda muito grande porque até encontrar eu estava andando em círculos então consegui direcionar mais o que precisava de direcionar...” (M5)

Por outro lado, a nível de possíveis preconceitos e representações, os migrantes consideraram que a intervenção, de certa forma ajuda, para mudar a tendência dos mitos associados ao migrante, tal como é referido:

- “...é um processo que leva tempo e demora a consciencializar, mas acredito que com mais iniciativas como estas, mais tarde pode diminuir” (M1)
- “Isso mudou um pouco e estão a fazer o trabalho que ainda vai mudar muita gente...” (M4)
- “Acho que depende da pessoa que recebe a informação mudar ou não o preconceito...” (M5)

Em contexto de análise, de forma sucinta, a intervenção veio ajudar a vida destes migrantes, mesmo que por vezes em vertentes diferentes. Dependendo das dificuldades e necessidades de cada um, a intervenção conseguiu ajudar maioritariamente a direcionar os migrantes, tanto para a satisfação de necessidades básicas, como para objetivos de vida.

Assim, na visão de Carneiro (2005), a interação entre pessoas de culturas diferentes, ajuda a potenciar uma maior comunicação e ligação entre a comunidade, onde a convivência no mesmo espaço, com respeito pela cultura, irá prevenir conflitos e pensamentos erróneos. Na intervenção foi muito utilizada a estratégia de convivência entre os migrantes e os nacionais, para que juntamente possa existir convívio, comunicação, entendimento das diversas culturas, para combater, como já foi referido, o medo do desconhecido e o conseqüentemente preconceito. É também neste contexto de

intervenção que assume particular significado a mediação sociocultural, que tem como objetivo a afirmação da diversidade cultural, minorias e diferenças étnicas. Com conhecimento, informação e contextualização das culturas, é possível edificar uma sociedade mais inclusiva e esclarecida, onde sejam visíveis os contributos da convivência de várias culturas num mesmo país.

Verificou-se que a intervenção conseguiu ajudar no alcance de alguns objetivos dos migrantes ou a superar algumas dificuldades, pois como afirma Mateus (2009), a intervenção socioeducativa direcionada a populações migrantes, propõe-se a ajudá-los a contornar as adversidades, de forma a conseguirem chegar aos seus objetivos. Ao mesmo tempo, permite trabalhar a autonomia e o acesso à informação para o fazerem.

## Considerações Finais

A presente investigação inseriu-se no âmbito das representações sociais e a intervenção socioeducativa dirigida a populações migrantes, com o objetivo de tentar perceber a forma como a intervenção socioeducativa dos técnicos influencia as representações sociais sobre a população no seu processo de inclusão.

A migração pode afetar o migrante, sendo que é um processo que vai trazer mudanças na vida do mesmo, deixando os seus hábitos culturais, laços familiares e sociais no país de origem, tendo que posteriormente se adaptar a um novo contexto, língua diferente, forma de viver, bem como a diferentes e novas comunidades. A procura de melhores condições de vida motiva a migração, mas por vezes, os preconceitos e mitos que podem estar associados são fatores limitadores da inclusão e desenvolvimento. Neste sentido, a investigação realizada propôs-se responder à questão problema “Como é que a intervenção socioeducativa dos técnicos influencia as representações sociais sobre a população migrante no seu processo de inclusão?”.

Tendo em conta o primeiro objetivo *perceber como decorre o processo de inclusão da população migrante*, concluímos que o processo de inclusão da população migrante, pelo que foi analisado na investigação, na sua maioria ocorre preferencialmente de uma forma pouco orientada, num primeiro momento. Quando os migrantes chegam a Portugal, mesmo que o seu contato direto sejam familiares ou amigos, têm algumas dificuldades no que diz respeito a burocracias, procura de alojamento e de emprego. Do grupo de participantes dos técnicos, constatou-se que é importante que haja uma intervenção mais direta e no terreno, podendo constituir uma vantagem para os migrantes, como se pode verificar nas dificuldades descritas – por exemplo, na chegada ao país seria útil a atribuição de um projeto, instituição ou técnico para apoiar o migrante.

Considerando o segundo *objetivo identificar representações sociais relativas à população migrante, através dos discursos dos migrantes e dos técnicos*, na análise aos relatos dos técnicos constatou-se que estes afirmam existir preconceitos e mesmo atos discriminatórios, tendo já ouvido relatos de tais acontecimentos. No entanto, os técnicos afirmam também que estes comportamentos se baseiam na falta de informação e na tendência de os indivíduos generalizarem um ato a uma comunidade inteira. Por outro

lado, na autorreflexão dos migrantes, os mesmos expressaram que consideram que são vistos pela comunidade local como algo estranho, desconhecido e até mesmo como um intruso. Trata-se de conotações de caráter negativo, mas que variam de indivíduo para indivíduo.

Quanto ao terceiro objetivo *analisar a forma como as representações sociais afetam a população migrante no seu processo de inclusão*, constatou-se que os técnicos caracterizam os migrantes como alguém que está à procura de uma vida melhor, conotando tal facto como motivo de vinda para Portugal. Podem ser vistos na sociedade, com base em preconceitos associados a determinadas nacionalidades, pela falta de informação e medo do desconhecido. Esses preconceitos foram sendo disseminados pela sociedade ao longo dos anos. Os técnicos caracterizam os migrantes enquanto pessoas que suscitam o conhecimento e formação, quer a nível profissional quer a nível cultural, como fontes de cultura, tradições e costumes diferenciados. As perceções dos técnicos perante os migrantes contribuem para o seu processo de inclusão, realizando a intervenção no sentido de apoiá-los e ajudando-os, até mesmo em casos de ajuda legal por atos de discriminação.

No que diz respeito ao último objetivo *compreender como é realizada a intervenção socioeducativa e os seus efeitos na população migrante*, os técnicos, apesar de estarem em funções e projetos/instituições diferentes, com áreas de intervenção diferenciadas, em geral consideram que a intervenção se baseia, maioritariamente, em contextos pertinentes para a sua inclusão, isto é, no tratamento de burocracias, na aprendizagem da língua portuguesa, de ajuda no acesso à escolaridade. Não se considera significativo o acompanhamento em contextos psicológicos, como por exemplo na componente afetiva, mental e no bem-estar dos migrantes, quando se trata de preconceito e inclusão. No entanto, há uma preocupação com a vertente psicológica e de inclusão, sendo que a intervenção destes técnicos corresponde a atividades orientadas para a interação dos migrantes com a comunidade local, a partilha de culturas e o conhecimento da cultura portuguesa, a partilha de informações e histórias de vida. Estas partilhas e interações são relevantes para promover o conhecimento e o respeito pela diferença, de modo a combater e prevenir os preconceitos. Constatou-se também a indicação de ações de sensibilização como via de intervenção, focando as crianças, por exemplo, para despertar mentalidades, de forma a colmatar preconceitos e atos de discriminação. Por outro lado, na intervenção direcionada aos migrantes, nos seus relatos, foi possível constatar que eles sentiram

melhorias na sua vida, nomeadamente no apoio à procura do que precisam, a nível de objetivos pessoais (como voltar a praticar uma atividade que tinham deixado), a possibilidade de conhecerem mais pessoas e culturas diferentes e também, o sentimento de pertencer a uma comunidade com mais segurança.

Face ao exposto, ao nos posicionarmos perante a questão “Como é que a intervenção socioeducativa dos técnicos influencia as representações sociais sobre a população migrante no seu processo de inclusão?”, verificamos que a intervenção socioeducativa influencia a forma como a sociedade pensa, nomeadamente ao nível das representações sociais, acerca a população migrante. Mesmo que não exista uma intervenção objetivamente direcionada para o combate aos preconceitos e representações sobre a população migrante, existem ações e atividades que contribuem para a sensibilização para o conhecimento das realidades dos migrantes. A partilha de culturas e a tentativa de aprendizagem e de esclarecimento sobre outras culturas, proporciona um maior entendimento sobre as diferenças e conseqüentemente, muda as representações negativas sobre a população migrante. Por outro lado, a intervenção dirigida para o apoio do tratamento de burocracias, a ajuda no acesso a bens e serviços, a aprendizagem da língua portuguesa, facilita a inclusão das pessoas migrantes.

É necessário e importante que se proporcione um sentimento de respeito pela identidade cultural do próximo, principalmente em contextos de partilha de culturas, hábitos e costumes, sendo momentos de convivência entre culturas diferentes. Ao longo da investigação pode-se verificar a importância de conhecer a forma como os migrantes se sentem, tendo em conta aquilo que passam para chegar a um novo país e principalmente, quando estão num país desconhecido, com culturas diferentes e expostos a inseguranças, eventualmente a preconceitos e obstáculos. A intervenção é essencialmente direcionada para a melhoria da comunicação, acompanhamento nas burocracias, em conjunto com o envolvimento com outras pessoas de culturas diferentes. Parece importante que o educador social recorra a estratégias de mediação sociocultural, pela possibilidade de trazer à intervenção realizada, o foco na empatia e acompanhamento humanizado das situações de risco. A nível emocional é essencial promover o bem-estar dos migrantes, baseando-se sobretudo, na vertente humana da intervenção, tendo em conta os aspetos do foro psicológico, emocional e educativo. Assim, na intervenção o educador social pode assumir o papel de mediador no contacto mais direto no terreno com o migrante, quer seja num apoio presente na emergência imediata, quer seja no acesso a

bens, serviços e apoio em burocracias, como ainda na promoção do bem-estar da pessoa migrante.

Durante a investigação existiram alguns obstáculos e constrangimentos, principalmente provenientes do ano atípico em que começou, com a pandemia derivada da covid-19. Houve necessidade de suspender ou adaptar algumas das atividades de investigação, nomeadamente a realização das entrevistas online, com o envio prévio por correio do consentimento informado. Outro constrangimento consistiu no contacto com os migrantes que os técnicos sugeriram, ou porque encontravam-se já fora de Portugal em viagem ou porque por vezes, não havia disponibilidade. Outra adaptação que foi necessário concretizar consistiu na necessidade de traduzir o consentimento informado e conseqüente, o guião de entrevista e questionário, para a aplicação a um migrante que não entendia a língua portuguesa. Apesar de tal facto, foi possível realizar todos os procedimentos e recolher os dados necessários.

Perante a investigação realizada, verificou-se que é importante que o migrante tenha um contacto direto com um técnico, uma ajuda presente e imediata, pelo facto de existirem carências com carácter urgente. Por outro lado, destacou-se a importância do educador social recorrer a estratégias de mediação sociocultural em contexto de intervenção, no sentido de verdadeiramente promover a inclusão.

O processo de migração acarreta várias mudanças para o migrante, o que pode causar sentimentos de angústia, que pode ser agravada por situações de discriminação. No entanto, pelo tempo de residência da maior parte dos migrantes e pelo que passaram, é reveladora a sua resiliência. Apesar das dificuldades foram capazes de ultrapassar os obstáculos e encontrar o seu rumo, alcançando os seus objetivos.

## Referências

- Almeida, A., & Silva, P. (2007). *Impacto da Imigração em Portugal nas contas do Estado*. Alto-Comissariado para a Imigração e Diálogo Intercultural.
- Alto Comissariado para as Migrações. (2015). *Plano Estratégico para as Migrações 2015-2020*. Governo de Portugal.
- Amado, J. (2014). *Manual de investigação qualitativa em educação* (2 ed) Imprensa da Universidade de Coimbra. <http://dx.doi.org/10.14195/978-989-26-0879-2>
- Azevedo, G. X., & Lemos, C. T. (2017). Sistema de crenças: Uma conceituação. *Protestantismo em Revista*.43(2), pp. 237–255. <https://doi.org/10.22351/nepp.v43i2.3042>
- Bardin, L. (2016). *Análise de Conteúdo*. Edições 70 – Grupo Almedina.
- Batista, I. (2014). *Instrumento de Regulação Ético-Deontológica: Carta Ética*. Sociedade Portuguesa de Ciências da Educação.
- Bracons, H. (2018). Cultura, diversidade, interculturalidade e mediação: percepções dos estudantes de Serviço Social. *Revista Migrações - Número Temático Mediação Intercultural*, pp. 12-2.
- Brito, B., Arriaga, M., & Gouveia, S. (2015). *Manual de Apoio Psicossocial a Migrantes*. APAV, DGS, Cruz Vermelha.
- Brito, C. (2008). *Escola e imigração: Integração de crianças do leste europeu na escola do 1.º ciclo*. [Dissertação de Mestrado, Universidade do Minho]. <http://hdl.handle.net/1822/8995>
- Cádima, R., & Figueiredo, A. (2003). *Representações (imagens) dos imigrantes e das minorias étnicas na imprensa*. Observatório da Comunicação, Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Cardoso, A. M. (2006). Alguns desafios que se colocam à Educação Social. *Cadernos de Estudo*. Porto: ESE de Paula Frassinetti. N.º 3 (2006), p. 7-15
- Carneiro, R. (Coord .) (2005). A mediação sociocultural: um puzzle em construção. *In-Mind Português*, 1(2-3), pp. 1-13.
- Casas, C. (2016). Os Planos para a Integração dos Imigrantes e o Novo Plano Estratégico para as Migrações em Portugal: uma década (2007-2016) em retrospectiva. *Revista do Observatório das Migrações—Número Temático Planos de Integração para Migrantes N.º 13*, pp.33-43.

- Castro, P. (2002). Notas para uma leitura da teoria das representações sociais em S. Moscovici. *Análise Social*, vol. XXXVII (164), 2002, 949-979. ICS-UL. <http://hdl.handle.net/10071/14095>
- Constituição da República Portuguesa (2007). Lei n.º23/2007, n.º 1 e 2 - Assembleia da República. <https://dre.pt/dre/detalhe/lei/23-2007-635814>
- Correia, A. (2016). *Emigração—A questão da identidade cultural numa sociedade global Emigrantes portugueses em Londres entre 2000 e 2015*. [Dissertação de Mestrado, Instituto Politécnico de Bragança]. <http://hdl.handle.net/10198/14040>
- Costa, D. (2018). *Estudo Diagnóstico da População Migrante no Concelho do Seixal*. Câmara Municipal do Seixal.
- Coutinho, C. M. P. (2013). *Metodologia de investigação em ciências sociais e humanas: Teoria e prática*. Almedina.
- Cunha, I. D. da, & Marques, M. E. (2012). A construção do Eu adolescente na relação com o(s) Outro(s): O igual, o diferente e o complementar através do Rorschach. *Análise Psicológica*, 27(3), 247–257. <https://doi.org/10.14417/ap.208>
- Diário da República n.º 175/2018, Série I de 2018-09-11, 4718 (2018).
- Diário da República n.º 202/2001, Série I-A de 2001-08-31, Pub. L. No. 105/2001, 5586 (2001).
- Diário da República n.º 63/2019, Série I de 2019-03-29, 1769 (2019).
- Duque, E. (2017). Cultura, educação e identidade na sociedade multicultural. *Indagatio Didactica*, 9, 2, 219-236. <http://hdl.handle.net/10400.14/22808>
- Duque, E., & Calheiros, A. (2017). Questões éticas subjacentes ao trabalho de investigação. *Revista EDAPECI* 17(2), 103–118. <https://doi.org/10.29276/redapeci.2017.17.26780.103-118>
- Évora, I. (2011). Sobre a metodologia qualitativa: Experiências em psicologia social. *Centro de Estudos sobre África e do Desenvolvimento*.
- Ferreira, F. (2012). *Projeto Educativo—Resposta aos desafios da multiculturalidade*. [Dissertação de Mestrado, Escola Superior de Educação Almeida Garrett]
- Ferreira, P. (2017). *Migrações e Desenvolvimento*. Fundação Fé e Cooperação. <https://www.fecong.org/2017/11/24/estudo-migracoes-e-desenvolvimento/>
- Fortin, M.F., Côté, J., Fillion, F. (2009). *Fundamentos e etapas do processo de investigação*. Lusodidacta.

- Gaspar, M. (2009). *Práticas Inclusivas em Contexto Multicultural: Opiniões dos Professores numa Escola do 1º Ciclo*. [Dissertação de Mestrado, Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da Universidade de Coimbra.] <http://hdl.handle.net/10316/12152>
- Góis, P. (2019). *Casa Comum—Migrações e Desenvolvimento em Portugal: Avançar nas práticas—Rumo à inclusão e coesão social*. Cáritas Portuguesa.
- Gonçalves, A. I. de S., & Garcia-Marques, T. (2002). A manifestação aversiva de racismo: Dissociando crenças individuais e crenças culturais. *PSICOLOGIA*, 16(2), 409–424. <https://doi.org/10.17575/rpsicol.v16i2.486>
- INE. (2019). *Estimativas Anuais de Imigração* [Estudo estatístico]. Instituto Nacional de Estatística.
- Lemos, M. (2013). *O multiculturalismo e a multiculturalidade*. [Dissertação de Mestrado, Universidade da Beira Interior -Faculdade de Artes e Letras]
- Marcelino, C. (2019). *Relatório sobre Racismo, Xenofobia e Discriminação Étnico-racial em Portugal*. Assembleia da República Comissão de Assuntos Constitucionais, Direitos, Liberdades e Garantias subcomissão para a Igualdade e Não Discriminação.
- Marques, R. (2005). *As grandes linhas da política de acolhimento e integração de imigrantes em Portugal*. 4. Presidência do Conselho de Ministros - Alto Comissariado para a Imigração e Minorias Étnicas.
- Mateus, M. do N. E. (2012). O educador social na construção de pontes socioeducativas contextualizadas. *Eduser – Revista de Educação*, 4 (1), 4(38). <http://hdl.handle.net/10198/7726>
- Mateus, M. N. E. (2009). In(ex)clusão dos imigrantes em Bragança. *Eduser – Revista de Educação*, 1(2), pp. 5-51. <http://dx.doi.org/10.34620/eduser.v1i2.13>
- Mintz, S. W. (2010). Cultura: Uma visão antropológica. *Tempo*, 14(28), 223–237. <https://doi.org/10.1590/S1413-77042010000100010>
- Morais, C. (2005). *Escalas de medida, estatística descritiva e inferência estatística*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. <http://hdl.handle.net/10198/7325>
- Morais, C. (2013). *Investigação: Do problema aos resultados*. Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. <http://dx.doi.org/10.13140/RG.2.1.2846.9927>
- Moscovici, S. (2009). *Representações sociais: Investigações em psicologia social*. Vozes.

- Novo, R., Prada, A,R,R., Lopes, L,S,S. & Moreno, L,F,C. (2020) (In)visibilidade de necessidades percebidas pelos estudantes PALOP. *EduSer, Revista de Educação*, Vol. 12, nº 1. <http://dx.doi.org/10.34620/eduser.v12i1.140>
- OIM. (2009). *Glossário sobre Migração*. Organização Internacional para as Migrações.
- ONU (2001). *Declaração Universal sobre a Diversidade Cultural*.
- Pereira, C. R., & Vala, J. (2010). Do preconceito à discriminação justificada. *In-Mind Português*, Vol.1, N.º 2-3, 1-13. <http://hdl.handle.net/10451/8934>
- Pires, R. P. (2006). *A integração socioprofissional dos imigrantes: Contexto e desafios*. XI Conferência Internacional Metropolis, Paths & Crossroads: Moving People, Changing Places. ID Ciência-IUL: ci-pub-73628
- Ramos, A., Louceiro, A. & Graça, J. (2016). *Migrações e Refugiados: Atitudes e percepções dos europeus*. Boletim Atitudes Sociais dos Portugueses, 4. Instituto de Ciências Sociais da Universidade de Lisboa. <http://hdl.handle.net/10451/26525>
- Ramos, N. (2011). Educar para a interculturalidade e cidadania: Princípios e desafios. Em L. Alcoforado, J. A. G. Ferreira, A. G. Ferreira, M. P. de Lima, C. Vieira, A. L. Oliveira, & S. M. Ferreira, *Educação e formação de adultos: Políticas, práticas e investigação* (pp. 189–200). Imprensa da Universidade de Coimbra. [https://doi.org/10.14195/978-989-26-0228-8\\_16](https://doi.org/10.14195/978-989-26-0228-8_16)
- Reis, J., Pereira, T., Tolda, T. S. P. J. & Serra, N. (2010). *Imigrantes em Portugal: Economia, pessoas, qualificações e territórios*. Edições Almedina
- Rodrigues, D., Correia, T., Pinto, I., Pinto, R., & Cruz, C. (2013). *Um Portugal de Imigrantes: Exercício de reflexão sobre a diversidade cultural e as políticas de integração*. 4(1), 86–109. <https://www.researchgate.net/publication/283730640>
- Rolão, A. (2011). *Promoção da educação intercultural: O contributo da diversidade cultural dos alunos no processo de ensino-aprendizagem nas disciplinas da História e Geografia*. Relatório de Estágio, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa.
- Santos, G., & Dias, J. (2015). Teoria das representações sociais: Uma abordagem sociopsicológica. *Revista Eletrônica de Humanidades do Curso de Ciências Sociais da UNIFAP*, 8(1), 173–187.
- Santos, G., Correia, A., Dias, G., Torres, P., & Bernardo, S. (2009). A discriminação sob o olhar da Educação Social. *Actas das II Jornadas de Educação Social do Instituto Politécnico de Bragança*.

- SEF. (2019). *Relatório de Imigração Fronteiras e Asilo*. Serviço de Estrangeiros e Fronteiras. <https://sefstat.sef.pt/Docs/Rifa2019.pdf>
- Silva, C., Gobbi, B., & Simão, A. (2005). O uso da análise de conteúdo como uma ferramenta para a pesquisa qualitativa: Descrição e aplicação do método. *Organizações Rurais & Agroindustriais*, vol. 7, núm. 1, 2005, pp. 70-81. Universidade Federal de Lavras-Minas Gerais.7(1), 70–81.
- SPCE (2014). *Instrumento de Regulação Ético-Deontológica Carta Ética*. Sociedade Portuguesa de Ciências de Educação.
- UNESCO (2005). *Convenção sobre a proteção e a promoção da diversidade das expressões culturais*. <https://files.dre.pt/1s/2007/03/05401/00020018.pdf>
- Vala, J., Castro, P. (2013). Pensamento social e representações sociais. Em Vala, J. & Monteiro, M. B. (coord.), *Psicologia Social* (pp. 569-602). Fundação Calouste Gulbenkian. <http://hdl.handle.net/10451/8702>
- Vieira, R. (2011). *Educação e diversidade cultural: Notas de Antropologia da Educação*. Educação, Sociedade & Culturas, 205–210. Edições Afrontamento e CIID/IPL.
- Vilelas, J. (2009). *Investigação: o processo de construção do conhecimento*. Sílabo.

## **Anexos**

## **Anexo I – Termo de consentimento informado**

### **Termo de Consentimento Informado**

Chamo-me Ana Carolina dos Santos Miranda e estou a desenvolver uma dissertação intitulada “Representações sociais e intervenção socioeducativa em populações migrantes”, do Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Este termo de consentimento informado pretende esclarecer os procedimentos e solicitar a sua autorização para participar na investigação que tem como objetivo geral: compreender como é realizada a intervenção socioeducativa e os seus efeitos na população migrante.

A sua participação inclui a recolha de dados enquanto técnico(a)/pessoa migrante, através de um inquérito por questionário sobre informações de carácter demográfico, académico e profissional, e através de uma entrevista, acerca da intervenção socioeducativa, representações sociais e integração.

Os dados recolhidos serão usados exclusivamente para esta investigação, garantindo a confidencialidade no tratamento dos dados. Com o propósito de facilitar o registo dos dados, gostaria de obter a sua autorização para gravar, em áudio, a entrevista.

---

Tendo sido explicados os procedimentos e objetivos do estudo, declaro que aceito participar no inquérito por questionário e por entrevista. Autorizo a gravação em áudio e que os dados recolhidos através destes instrumentos sejam analisados, respeitando a confidencialidade no seu tratamento.

Ao assinar o participante declara que autoriza a recolha de dados.

---

(assinatura do participante)

Investigadora:

---

(Ana Carolina dos Santos Miranda)

Bragança, \_\_\_ de \_\_\_\_\_ 2020/2021  
Obrigada pela sua colaboração

## Anexo II – Guião da entrevista

Blocos		Questões para as pessoas migrantes	Questões para os técnicos
A. Perceção sobre o processo de inclusão de pessoas migrantes	A.1. Motivos da migração	Como decorreu a sua vinda para Portugal?  Por que escolheu este país?	Enquanto técnico, como descreve a vinda de um migrante para Portugal?  Quais os principais motivos que os migrantes apontam na escolha de Portugal como destino?
	A.2. Dificuldades dos migrantes	Quais foram as maiores dificuldades encontradas na sua integração em Portugal?	Tendo em conta a sua experiência profissional, com que tipo de dificuldades as pessoas migrantes se deparam no processo de integração em Portugal?
	A.3. Apoios/ajudas	Que tipo de apoios/ajudas teve quando chegou a Portugal?	Que tipo de apoios e ajudas existem para a população migrante quando chega a Portugal, tendo em conta o seu processo de integração?

	Que tipo de apoios/ajudas gostaria de ter tido?	Que tipo de apoios e ajudas não existem e deviam existir?
A.4. Contributos da migração	<p>Que contributos considera que a vinda de migrantes para Portugal pode trazer ao país?</p> <p>(por exemplo, mão de obra, conhecimento de outras culturas)</p> <p>E às comunidades locais?</p>	<p>Na sua perspetiva, em que é que a vinda de migrantes para Portugal pode contribuir para o país?</p> <p>(por exemplo, mão de obra, conhecimento de outras culturas)</p> <p>E para as comunidades locais?</p>
A.5. Hábitos culturais (religião, tradições, costumes)	<p>Os seus hábitos culturais, como por exemplo a religião, tradições e costumes são mantidos no seu processo de inclusão?</p> <p>Se sim, de que forma? Se não, porquê?</p>	<p>De que forma a intervenção preserva os hábitos culturais como religião, tradições e costumes da pessoa migrante no seu processo de integração?</p>
A.6. Domínio da língua	<p>De que forma comunica no seu quotidiano?</p> <p>No seu seio familiar comunica através da</p>	<p>Na intervenção, o que é feito para colmatar as dificuldades linguísticas sentidas pelos migrantes?</p>

		<p>sua língua de origem ou através da língua portuguesa?</p> <p>Porquê?</p> <p>Considera que o domínio da língua pode ser um obstáculo para a sua inclusão? De que forma?</p>	<p>Considera que o domínio da língua pode ser um obstáculo para a integração? De que forma?</p>
	A.7. Inclusão da população Migrante	<p>Considera que está integrado? De que forma?</p> <p>E os seus familiares?</p> <p>E amigos (compatriotas ou de outras nacionalidades)?</p>	<p>Que estratégias ou atividades são realizadas para que as pessoas migrantes se sintam integradas?</p>
B. Representações Sociais	B.1. Representações da sociedade portuguesa	<p>Como considera que é vista a pessoa migrante na sociedade portuguesa?</p> <p>E como se vê a si próprio?</p>	<p>Na sua opinião, como é que a intervenção pode gerar uma perceção diferente da sociedade sobre a pessoa migrante?</p> <p>Na intervenção, que relatos das pessoas migrantes ouve que estejam relacionados</p>

		<p>Quais as representações da sociedade que podem afetar o seu processo de integração?</p> <p>Como é que as mesmas o afetam?</p>	<p>com a perceção da sociedade portuguesa sobre eles?</p> <p>Que atividades socioeducativas na intervenção estão relacionadas com as representações da sociedade perante as pessoas migrantes?</p> <p>Que representações da sociedade considera que podem afetar o processo de integração da população migrante?</p> <p>E como afetam esse processo nesta intervenção?</p>
	<p>B.2. Discriminação</p>	<p>Considera que existe discriminação na sociedade portuguesa? Se sim, de que forma?</p> <p>Já sofreu ou soube de alguém que tenha sofrido algum tipo de preconceito ou</p>	<p>Enquanto técnico considera que existe discriminação na sociedade portuguesa? Se sim, de que forma?</p> <p>Já presenciou ou soube de algum caso em que algum</p>

		<p>ato discriminatório por ser migrante na cidade/vila em que vive?</p> <p>Como lidou com essa situação?</p> <p>Procurou apoio legal?</p> <p>O que foi feito? Por quem e como?</p> <p>Que consequências considera que acarreta um ato de discriminação praticado consigo ou com outra pessoa migrante?</p>	<p>migrante ou grupo migrante tenha sofrido de preconceito ou atos discriminatórios?</p> <p>O que é feito nesses casos?</p> <p>Quais as consequências da discriminação?</p>
C. Intervenção Socioeducativa	C.1. Antes da intervenção	<p>Como descreve a sua vida em Portugal antes da intervenção?</p>	<p>Como considera que está a vida e integração das pessoas migrantes no primeiro contacto com a intervenção?</p>
	C2. Intervenção em contexto específico	<p>Como descreve a intervenção pela qual passou?</p> <p>Que objetivos pessoais essa</p>	<p>Como descreve a intervenção que é feita com a população migrante?</p> <p>Que atividades ou ações para a</p>

	<p>intervenção ajudou a alcançar?</p> <p>Quais foram os efeitos da intervenção?</p>	<p>população migrante existem nesta intervenção?</p> <p>Quais os objetivos que a intervenção pretende atingir?</p> <p>De que forma estes objetivos têm sucesso nas pessoas migrantes?</p> <p>Que efeitos considera que a intervenção tem na integração das pessoas migrantes?</p>
C.3. Após a intervenção	<p>O que mudou após a intervenção?</p> <p>E sobretudo, como mudaram (ou não) as representações sobre si?</p>	<p>O que considera que mudou nas pessoas migrantes com a intervenção?</p> <p>E sobretudo, como mudaram (ou não) as representações sobre elas?</p>

## **Anexo III- Inquérito por questionário dirigido a técnicos em contexto de intervenção com a população migrante**

### **Inquérito por questionário dirigido a técnicos em contexto de intervenção com a população migrante**

Este questionário insere-se na investigação realizada para a dissertação intitulada “Representações sociais e intervenção socioeducativa em populações migrantes”, do Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção e ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Tem como objetivo proceder à recolha de informações de carácter académico e profissional, dos técnicos que dirigem a sua intervenção para a população migrante.

Os dados recolhidos serão usados exclusivamente para esta investigação, garantindo o anonimato no tratamento dos dados.

Agradeço a sua colaboração.

1. Dados sociodemográficos

1.1. Idade: \_\_\_\_\_ anos

1.2. Sexo: masculino\_\_\_ feminino\_\_\_

1.3. Habilitações académicas:

- 12.º ano de escolaridade \_\_\_\_\_

- Licenciatura \_\_\_\_\_. Qual? \_\_\_\_\_

- Mestrado \_\_\_\_\_. Qual? \_\_\_\_\_

- Doutoramento \_\_\_\_\_. Qual? \_\_\_\_\_

- Outras \_\_\_\_\_. Quais? \_\_\_\_\_

2. Serviço na instituição

2.2. Há quanto tempo trabalha na instituição? \_\_\_\_\_

2.3. Que tipo de funções exerce atualmente na instituição (na generalidade)?

---

2.4. Com que público-alvo trabalha maioritariamente?

---

3. Estratégias e as formas de atuação no terreno

3.1. Na sua instituição como é realizada a intervenção socioeducativa (estratégias) com populações migrantes? \_\_\_\_\_

3.2. É a sua primeira experiência profissional em intervenção com população migrante ou já teve outras? Se sim, quais?

---

3.3. Já colaborou em iniciativas propostas por outras entidades que não sejam a sua instituição, relacionadas com apoio a populações migrantes?

Sim \_\_\_ Não \_\_\_

3.3.1. Se sim, quais?

---

3.4. Trabalha em rede com outras instituições? \_\_\_\_\_

3.4.1. Se sim, quais? \_\_\_\_\_

3.4.2. Se sim, como articulam o trabalho?

---

3.5. Que estratégias utilizou para ultrapassar dificuldades na intervenção?

---

3.6. Considera que é necessário que as intervenções socioeducativas direcionadas para a população migrante foquem o domínio da língua? Se sim, porquê?

---

4. Características gerais da população migrante

4.1. Elementos gerais sobre a população migrante com a qual já trabalhou:

4.1.1. Nacionalidades

---

4.1.2. Etnias

## Anexo IV – Inquérito por questionário dirigido à população migrante

### Inquérito por questionário dirigido à população migrante

Este questionário insere-se na investigação realizada na dissertação intitulada “Representações sociais e intervenção socioeducativa em populações migrantes”, do Mestrado em Educação Social – Educação e Intervenção e ao Longo da Vida, da Escola Superior de Educação do Instituto Politécnico de Bragança. Tem como objetivo proceder à recolha de dados a nível demográfico, académico e profissional da população migrante.

Os dados recolhidos serão usados exclusivamente para esta investigação, garantindo o anonimato no seu tratamento.

Agradeço a sua colaboração.

#### 1. Dados Sociodemográficos

1.1 Idade: \_\_\_\_\_ anos

1.2. Sexo: masculino \_\_\_ feminino \_\_\_

1.3. Habilitações académicas:

- 12.º ano de escolaridade ou equivalente. \_\_\_ Qual? \_\_\_

- Licenciatura \_\_\_. Qual? \_\_\_\_\_

- Mestrado \_\_\_. Qual? \_\_\_\_\_

- Doutoramento \_\_\_. Qual? \_\_\_\_\_

- Outras \_\_\_. Quais? \_\_\_\_\_

1.4. Profissão \_\_\_\_\_

1.5. É casado(a)? \_\_\_. Solteiro(a)? \_\_\_. União de facto? \_\_\_. Outra situação? Qual?

\_\_\_\_\_ Nº de Filhos \_\_\_\_\_

1.5.1. Se tem filho(s), onde é que estes se encontram?

No seu país de origem;

Em Portugal;

Outro país diferente;

Outra situação, qual? \_\_\_\_\_

1.5.2. Onde se encontra o/a seu/sua companheiro/a?

No seu país de origem;

Em Portugal;

Outro país diferente;

Outra situação, qual? \_\_\_\_\_

1.6. Qual é a sua religião? \_\_\_\_\_. Prefere não indicar \_\_\_\_\_

1.7. Indique a(s) sua(s) nacionalidade(s) (no caso de ter mais do que uma)

---

1.8. Qual é a sua língua de origem?

---

## 2. Características dos migrantes

2.1. Com quem veio para Portugal?

- Sozinho
- Com amigos ou colegas
- Com a família

2.2. Há quanto tempo está em Portugal?

- Menos de 1 ano
- 1 ano a 2 anos
- 2 anos a 3 anos
- 3 anos a 4 anos
- Mais de 4 anos

2.3. Há quanto tempo está na cidade de X ?

- Menos de 1 ano
- 1 ano a 2 anos
- 2 anos a 3 anos
- 3 anos a 4 anos
- Mais de 4 anos

2.4. De que forma se encontra na cidade de X?

- Permanente
- Temporário

2.5. Com quem vive?

- Familiares
- Amigos ou colegas
- Desconhecidos

2.5.1. Se vive com familiares, indique se esses membros estão a:

- Trabalhar
- Estudar
- Outra situação. Qual? \_\_\_\_\_

### 3. Empregabilidade

3.1. No seu país de origem encontrava-se empregado? Sim\_\_\_Não\_\_\_

Se sim, indique em que área(s)? Se não, em que área foi o último emprego ou em que área costumava trabalhar.

---

3.2. Está empregado(a) em Portugal? \_\_\_\_\_

3.2.1. Se sim, indique em que área(s).

---

3.2.2. Se sim, há quanto está empregado?

---

3.3. Para arranjar emprego teve de fazer alguma formação, por exemplo para aprender a língua portuguesa?

Sim

Não

### 4. Integração

**Perante cada uma das afirmações, apresente a sua resposta, utilizando a seguinte escala:**

DT - Discordo totalmente; D - Discordo; NC/ND - Nem discordo nem concordo; C - Concordo; CT - Concordo totalmente.

	DT	D	ND/ NC	C	CT
Para me sentir integrado(a) tive de aprender a língua portuguesa.					
Só me sinto integrado(a) porque estou a trabalhar.					
É difícil conseguir habitação na cidade de (...)					
O acesso aos serviços públicos em Portugal é fácil para uma pessoa na minha situação.					
Os processos burocráticos para a integração no território português são simples.					
A discriminação baseada em questões raciais e étnicas é muito comum.					
O preconceito e a discriminação racial e étnica ainda têm que ser combatidos.					
O apoio por parte de instituições/projetos/programas facilita e ajuda nestes processos.					

Anexo V - Transcrição da entrevista - Categoria *Percepção sobre o processo de inclusão de pessoas migrantes*

Motivos da migração	Técnicos	Migrantes
<p>Enquanto técnico, como descreve a vinda de um migrante para Portugal?/ Como decorreu a sua vinda para Portugal?</p>	<p>-“...intenção de fazer aqui uma vida, o que pode ser um processo difícil por vezes...” (T1);</p> <p>-“Não é um processo fácil porque vai encontrar muitas dificuldades...” (T2);</p> <p>-“... sofrem um bocadinho, um bocadinho não um bocadão de discriminação e situações complicadas...” (T3);</p> <p>-“...decorre com todas as vicissitudes que possamos ver a partir daí...” (T4);</p> <p>-“...quando se trata de um migrante sem ser estudante os processos já são um bocadinho mais complexos...” (T5);</p>	<p>- “...foi um processo cansativo, um pouco difícil por causa da burocracia, mas no fim consegui e correu bem...” (M1);</p> <p>- “Correu tudo bem porque tinha bolsa de estudo...” (M2);</p> <p>-“ Foi fácil o maior problema é no país de origem...” (M3);</p> <p>- “Foi simples, de forma calma.” (M4);</p> <p>- “A vinda foi tranquila , no sentido que o planeamento foi rápido...” (M5);</p> <p>- “Foi um pouco difícil...” (M6).</p>

	<p>-“...temos uma sociedade um pouco conservadora e acho que muitos deles são alvo de preconceito quer na procura de emprego quer mesmo até na parte de alugar casa...”(T6);</p> <p>-“Considero que seja atribulada, com bastantes mudanças , tanto para sair de lá mas mesmo ao chegar cá...” (T7).</p>	
<p>Quais os principais motivos que os migrantes apontam na escolha de Portugal como destino?/ Por que escolheu este país?</p>	<p>-“...vinham com a intenção de fazer aqui uma vida... faziam um reagrupamento familiar e era mesmo para trabalho...” (T1);</p> <p>-“...pela segurança, mais oportunidades de trabalho...” (T2)</p> <p>-“...à procura de novas oportunidades e que podiam ter as mesmas aqui em Portugal...” (T3);</p> <p>- “... vêm sempre porque no seu local de origem não têm condições que lhes permitam continuar a fazer o</p>	<p>- “...por já ter familiares a viver em Portugal, segundo foi pela facilidade linguística , o terceiro motivo foi por ser mais fácil ingressar nas universidades em Portugal ...”(M1)</p> <p>- “.. encontrei pessoas portuguesas que falaram bem de bragança e disseram pra vir que ia gostar e vim e gostei...” (M2)</p> <p>-“...o meu irmão estava aqui e ouvi que tinha mais oportunidades que cabo verde ,que é um país mais desenvolvido...” (M3);</p>

	<p>seu projeto de vida... chegam por causa da guerra, situações políticas, económicas e outras razões como por exemplo a valorização pessoal e profissional.” (T4)</p> <p>- “...vêm para trabalhar ou para estudar mas no fundo têm o objetivo precisamente de vir para a europa para procurar condições de vida melhores, acesso à saúde , entre outras coisas...” (T5);</p> <p>- “É um país de europa que a nível de vida mais baixo e há qualidade de vida, mesmo bragança é um sítio mais pequena, há qualidade de vida...” (T6);</p> <p>- “...é uma cidade equilibrada , de baixo custo de vida, bastante segura e acessível de viver...” (T7).</p>	<p>- “Porque Portugal que parecia-me um país mais tranquilo e já tinha alguns amigos daqui...” (M4);</p> <p>- “...Portugal me escolheu, pelo que ouvi falar do país, de como era aparentemente seguro...” (M5);</p> <p>- “Pareceu-me ter melhores condições de trabalho e mais segurança para eu mudar de vida.” (M6).</p>
<b>Dificuldades dos migrantes</b>		
<p>Tendo em conta a sua experiência profissional, com que tipo de dificuldades as pessoas migrantes se deparam no processo de</p>	<p>-“ Quando veem de países mais longínquos, o isolamento é enorme, para além de não conhecerem</p>	<p>-“...maiores dificuldades foi sem dúvida o processo burocrático, é um processo cansativo e considero dispendioso. Uma outra dificuldade na</p>

<p>integração em Portugal? Quais foram as maiores dificuldades encontradas na sua integração em Portugal?</p>	<p>ninguém dos nativos, também não tem ninguém da comunidade deles...” (T1);</p> <p>- “Acho que a maior dificuldade passa pelo preconceito que é associado a esta população, fica mais difícil o acesso a emprego...” (T2);</p> <p>-“ ...é possível perceber vários problemas que afetam os migrantes e situações complicadas e sofrem um bocadinho, um bocadinho não um bocadão de discriminação...” (T3);</p> <p>- “...As dificuldades são comuns, ou seja, a maior dificuldade que um migrante tem quando chega ao nosso distrito é desde logo a habitação , é uma problemática que desde logo se vê , ou não conseguem habitação ou se conseguem uma habitação precária... e efetivamente a barreira linguística, ou seja, enquanto não há um conhecimento mínimo da língua não é possível haver uma perfeita integração...” (T4);</p>	<p>minha integração em Portugal foi a nível de encontrar um alojamento na cidade por achar que existe um certo preconceito em relação a pessoas da minha origem.” (M1);</p> <p>-“A nível de tratar dos papeis que eram necessários, tive muitas dificuldades...” (M2);</p> <p>- “A minha maior dificuldade aqui em bragança foi conseguir emprego e uma casa.” (M3);</p> <p>- “Acho que é a maior dificuldade que encontramos aqui é mesmo a diferença cultural.” (M4);</p> <p>- “A questão da cultura porque as pessoas acham que a outra cultura é menor por que é diferente . Se as pessoas soubessem e entendessem que a cultura é uma forma de integrar e agregar</p>
---------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- “No geral é burocracia... determinadas burocracias que muitas vezes é complicado mesmo para um nacional quanto mais para um estrangeiro...”(T5);</p> <p>- “...acho que na parte burocracia é onde tem mais dificuldade. Em bragança ainda temos uma sociedade um pouco conservadora e acho que muitos deles são alvo de preconceito quer na procura de emprego quer mesmo até na parte de alugar casa...”(T6);</p> <p>- “...burocracias e do SEF, ter que tratar disso tudo para iniciar o seu dia a dia.” (T7)</p>	<p>com outro não aconteceria o que a gente chama de discriminação...” (M5);</p> <p>- “A língua, não sei falar português, não consigo entender muito bem, mas quero aprender.” (M6).</p>
<b>Apoios/Ajudas</b>		
<p>Que tipo de apoios e ajudas existem para a população migrante quando chega a Portugal, tendo em conta o seu processo de integração?/ Que tipo de apoios/ajudas teve quando chegou a Portugal?</p>	<p>-“ ...entre eles já existe uma rede onde a informação circula, mas depois aqui em bragança as instituições...” (T1);</p>	<p>- “Não tive nenhum tipo de apoio ou ajuda porque a minha saída do meu país aconteceu de forma independente. Quis procurar novas oportunidades, o sítio para onde fui não tinha família, apesar de estar em Portugal.” (M1);</p>

	<p>-“ RSI, apoio a alimentação normalmente os q estão direcionados para o RSI estão também para a alimentação e a segurança social ajuda também...” (T2);</p> <p>- “... apoios económicos são estes depois a nível nacional o nosso projeto... nível da saúde e a da inscrição do centro de emprego, a nível participativo e recreativo., educação, mas também a nível de roupa...” (T3);</p> <p>- “...a segurança social é também o SEF é também ACIME e os seus diversos setores e que estão a fazer de facto sobretudo o ACIME.” (T4);</p> <p>- “Existem diversas associações , existem os CLAIMS a nível nacional, existem associações que fazem ligação com instituições de imigrantes...” (T5);</p>	<p>-“ Não tive nenhum apoio. Também não sabia se existia alguma instituição existia para ajudar e com o que. Fazemos tudo sozinhos. Só depois de estar cá algum tempo é que conheci serviços.” (M2);</p> <p>- “Não tive, só do meu irmão e do meu cunhado.” (M3);</p> <p>- “Tive apoio de alguns amigos tive apoio de que ajudou nesse processo de integração..” (M4);</p> <p>- “Na verdade, eu ajudei e apoiei porque no final das contas, quando eu cheguei aqui em Portugal não tinha tanto conhecimento das leis e fui empregada de muita gente que me explorou em vez de me ajudar.” (M5);</p> <p>-“ Tive o apoio desta instituição, que foi importante” (M6)</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- “Apoio alimentar, calçados, utensílios domésticos, ofertas de emprego.” (T6);</p> <p>- “ Instituições a nível de apoio de alimentação, segurança social, instituições em trabalho em rede direcionado a migrantes.” (T7)</p>	
<p>Que tipo de apoios e ajudas não existem e deviam existir?/ Que tipo de apoios/ajudas gostaria de ter tido?</p>	<p>- “Aqui em X existem essas instituições, mas muitas vezes é de uma maneira muito informal...” (T1);</p> <p>-“...se calhar no sistema da saúde tem dificuldade em arranjar médico de saúde...”( T2);</p> <p>-“...os projetos todos as respostas vão existindo... Se calhar mais respostas pra aprendizagem de português...”(T3);</p> <p>-“...o que falta na minha opinião é trabalhar em rede, haver uma divulgação clara dos serviços que já estão disponíveis e depois haver técnicos que estejam efetivamente ao lado da pessoa... devia haver técnicos</p>	<p>-“... alguém ou alguma associação que me pudesse facilitar a questão do alojamento e no acesso a serviços e também conseguir me informar sobre os serviços...” (M1);</p> <p>-“Gostaria de se calhar ter encontrado alguém ou alguma associação que me pudesse facilitar a questão do alojamento e no acesso a serviços e também conseguir me informar sobre os serviços” (M2);</p> <p>- “Gostava de apoio no sentido de conseguir uma casa...”(M3);</p>

	<p>no terreno sistematicamente e diariamente para fazer acompanhamento...” (T4);</p> <p>- “ ... ter do gênero um apoio mais especializado e orientado para a pessoa e não ser igual como é para um português, onde vai a um lugar qualquer e a informação é dada como se fosse um cidadão português...” (T5);</p> <p>-“...instituição canalizada mesmo para a integração dos migrantes, no sentido de facilitar as idas ao SEF, haver um canal aberto com o SEF...”. (T6);</p> <p>- “...instituições que acompanhem os migrantes diretamente de modo a suprir as suas necessidades imediatas e ajudar na integração, na parte direta de tratamento de processos importantes...” (T7)</p>	<p>-“ Destinar a nossa a vida pra nos facilitar algumas situações, direcionar para trabalhos...”(M4);</p> <p>-“ Gostaria de ter tido mais acesso às coisas ,só queria as informações corretas para chegar nos lugares corretos mais fácil e não ter que esperar tanto...”(M5);</p> <p>-“Gosto do apoio que tive aqui gostava de continuar a ter..”(M6)</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Contributos da migração		
<p>Na sua perspetiva, em que é que a vinda de migrantes para Portugal pode contribuir para o país?/ Que contributos considera que a vinda de migrantes para Portugal pode trazer ao país?</p> <p>(por exemplo, mão de obra, conhecimento de outras culturas)</p>	<p>-“contribuem economicamente porque são trabalhadores, pagam impostos são cidadãos de pleno direito desde que estejam regularizados são cidadãos que são bem vindos principalmente na nossa região que é uma região envelhecida e desertificada...” (T1);</p> <p>- “...a nível de população também, mas se estão cá a viver e tiverem também filhos já vai contar mais para a nossa natalidade...” (T2);</p> <p>- “...temos em Portugal a pirâmide etária completamente invertida e precisamos de gente e gente jovem e normalmente eles são gente jovem e temos esse contributo...” (T3);</p> <p>- “(...) mais valia quando ele vem e de facto se integra porque é um recurso já com formação que pode integrar a população ativa e obviamente quem vem para outro país diferente não é um sénior nem uma</p>	<p>-“Pode trazer contributos como diversidade cultural, a nível económico também porque os migrantes gastam cá o seu dinheiro e por a maior parte dos migrantes serem jovem também rejuvenesce a população uma vez que a população portuguesa é maioritariamente envelhecida”.</p> <p>(M1);</p> <p>- “...contribuir economicamente, gastamos cá o nosso dinheiro, vivemos cá... também partilhamos a nossa cultura...” (M2);</p> <p>- “Dá muito muito contributo não só pela mão de obra porque há trabalhos que os portugueses não fazem, mas sim os estrangeiros e ajuda bastante no desenvolvimento porque fazem descontos e ajuda a desenvolver o país...” (M3);</p>

	<p>criança , já é um recurso formado que pode eventualmente e já está a acontecer criar mercado e criar de facto mão de obra em alguns setores que nos sabemos que a população portuguesa rejeita.” (T4)</p> <p>- “...em geral é a questão da natalidade, normalmente esta taxa está baixa e a imigração é necessária... usufrua do país e seja uma mais valia para o país e para a nossa região...” (T5)</p> <p>-“ ...temos uma população envelhecida e isso é uma grande ajuda...” (T6)</p> <p>- “...existem lojas virtuais de confeção de alimentos e refeições típicas e aumenta os padrões culturais...” (T7)</p>	<p>- “Portugal um país que está demograficamente em falta, então nós vamos ajudar a repor o facto das pessoas terem ido embora, até das cidades do interior...” (M4);</p> <p>- “Mais natalidade, Mão de obra jovem e qualificado. E também muita, muita contribuição no espectro intelectual e da diversidade cultural...” ( M5);</p> <p>- “Mais população mais culturas...gastamos aqui o dinheiro...” (M6)</p>
Hábitos culturais (religião, tradições, costumes)		
<p>De que forma a intervenção preserva os hábitos culturais como religião, tradições e costumes da pessoa migrante no seu processo</p>	<p>- “Estamos a falar em tradições que eles têm dentro das religiões deles, nós respeitamos e também ajudamos a que eles também tenham oportunidade,</p>	<p>- “...atividades culturais que relembram e revivenciam os hábitos e tradições da minha terra</p>

<p>de integração?/ Os seus hábitos culturais, como por exemplo a religião, tradições e costumes são mantidos no seu processo de integração?</p> <p>Se sim, de que forma? Se não, porquê?</p>	<p>quer de ensinar quer de partilhar a cultura deles conosco...“... atividades culturais que relembram e revivenciam os hábitos e tradições da minha terra e nesses eventos geralmente traz música, dança e pratos típicos.” (T1);</p> <p>- “...temos uma atividade de dança de acordo com as culturas, coreografias conforme as culturas de forma a conhecermos as culturas deles e eles a nossa, mesmo até na alimentação...” (T2);</p> <p>- “... Atividades do foro cultural, para que haja partilha de informação e aprendizagem sobre as diferentes culturas.” (T3);</p> <p>- “... nós respeitamos a identidade de género, a religião e tudo isso que salvaguarda a personalidade de cada um dos indivíduos e deste caso dos nossos alunos...”, (T4);</p>	<p>e nesses eventos geralmente traz música, dança e pratos típicos. “ (M1);</p> <p>- “São preservados através de atividades culturais, em que posso conhecer outras culturas e dar a conhecer a minha, é bom ver que há essa iniciativa...” (M2);</p> <p>-“Continuo a manter hábitos culturais respeitando as regras daqui” (M3);</p> <p>- “Sim porque continuo a viver a minhas coisas que vivia no meu país e não vejo muita diferença...” (M4);</p> <p>- “...depois de um tempo a gente começa um processo de adaptação e quando a gente tem a nossa espiritualidade e religiosidade e hábitos do quotidiano a gente vai trazer conosco.” (M5);</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- "... e depois existem momentos de convívio interculturais que isto é q é importante, as diversas culturas possam oferecer momentos musicais, diversas atividades, fazíamos quase todas as semanas um encontro presencial...". (T5);</p> <p>- "... criação de uma loja social...não só para um grupo de situação de vulnerabilidade social, mas cultural , pra diferentes culturas..." (T6);</p> <p>- "...Através do respeito por todos os indivíduos e interesse pela cultura dos migrantes..." (T7)</p>	<p>-“ Não me é nada imposto nem tentam mudar o que sou e isso já é muito bom culturalmente...”(M6)</p>
<b>Domínio da língua</b>		
<p>Na intervenção o que é feito para colmatar as dificuldades linguísticas?/ De que forma comunica no seu quotidiano e no seu seio familiar?</p>	<p>- “Ensino da língua portuguesa... mas aquela comunicação do dia a dia é que os ajuda a integrar na maior parte deles ao longo do ano/curso...” (T1);</p> <p>- “...a formação própria para aprendizagem da língua e apoios na escola...” (T2);</p>	<p>- “No meu dia a dia posso dizer que comunico maioritariamente através da língua portuguesa pq estou inserida numa comunidade maioritariamente portuguesa mas quando me encontro em contextos de convívio com pessoas do meu país comunicamos sempre em crioulo” (M1);</p>

	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "...escola para os mais pequenos, mas ajuda nesse sentido." (T3);</li>   <li>- "sobretudo as aulas... através daquilo que são parcerias que temos com outras entidades... temos a noção clara que aprende-se a falar falando, aprende-se a língua no contacto social... convívio e da socialização que eles precisam é de falar a língua dentro do contexto..." (M4);</li>   <li>- "... temos essa possibilidade de encaminhar para as escolas sobretudo instituições que estejam a ter o curso de língua portuguesa..." (T5);</li>   <li>- "Parceria com outras entidades.... Encaminhamos e inscrevemos e eles aprendem." (T6);</li>   <li>- "...existe um trabalho em rede e eles são encaminhados para as instituições que fornecem esse apoio de forma certificada..."( T7)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>- "Depende de com quem estiver, tento falar português com os meus colegas, mas com a minha família falo com a minha língua de origem...". (M2)</li>   <li>- "Com a minha família falo crioulo, mas com a minha filha falo em português para se habituar porque está em Portugal..." (M3);</li>   <li>- "Geralmente falo em português, já falava português fora da aqui e com minha família também..." (M4)</li>   <li>- "Falo na minha língua de origem, português do brasil."(M5);</li>   <li>- " Na minha língua de origem ainda não sei falar muito o português..." (M6)</li> </ul>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Considera que o domínio da língua pode ser um obstáculo para a integração? De que forma? Considera que o domínio da língua pode ser um obstáculo para a sua integração? De que forma?</p>	<p>- “Tem muitas limitações linguísticas e muitas vezes impedem o acesso ao mercado de trabalho...” (T1) ;</p> <p>- “...sim...interfere no acesso aos serviços e a sua compreensão...” (T2);</p> <p>- “sim...prejudica bastante no acesso a serviços...” (T3);</p> <p>- “Sim. É, e de facto um obstáculo porque eles não conhecendo a nossa língua têm alguma dificuldade... isso é uma das barreiras que se mantém por algum tempo...” (T4);</p> <p>-“se não são falantes do português suponho que seja difícil até para alugar um quarto, esclarecer dúvidas, estar numa instituição ou tratar de algum papel ou documentação vão entregar as informações em português e o fator da língua é sempre uma barreira.” (T5);</p>	<p>- “Considero que não saber falar português pode ser um obstáculo pelo facto de ser um meio essencial para a nossa comunicação no contexto em que estamos inseridos.”(M1);</p> <p>- “Acho que sim porque fica mais difícil se não perceber o português e não conseguir falar, não consegue ter as informações que quer.” (M2);</p> <p>- “Senão fosse PALOP e não soubesse falar português teria dificuldade em arranjar emprego em ir a instituições tratar de assuntos sérios...”(M3);</p> <p>- “...quando não tem tanto domínio , limita a vida e o contato com outras pessoas e a própria integração dentro da sociedade...” (M4);</p> <p>- “...é obstáculo sim... também é uma forma de integrar porque se tiveres referências e identidade</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- “Sim, na procura de emprego há falta de comunicação pode usar linguagem gestual, mas n é suficiente...” (T6);</p> <p>-“Não conseguir falar português causa bastantes entraves, não conseguem perceber o que devem fazer, se estão a fazer mal, o que precisam para tratar dos seus processos, pra conseguir emprego, casa...”(T7)</p>	<p>com outra pessoa vais te sentir mais acolhida...” (M5);</p> <p>- “Sim porque é um pouco para mim, as vezes tentar entender certas coisas...” (M6)</p>
<p><b>Integração da população Migrante</b></p>		
<p>Que estratégias ou atividades são realizadas para que as pessoas migrantes se sintam integradas?/ Considera que está integrado? De que forma? E os seus familiares? E amigos?</p>	<p>- “Há uma limitação porque em termos culturais e de participação cívica eles não tem grande grau de integração , a maior parte deles não estão recenseados não interagem no nosso sistema de política e não são muito chamados a fazer isso, a nossa sociedade não os convoca para q participem ativamente... tem que estar mais ativos como encarregados de educação não há outras atividades de outra importância que eles possam interagir...”(T1);</p>	<p>- “Posso dizer que sim, que estou integrada porque estou a trabalhar e não tenho grandes dificuldades em me relacionar com a restante população... Os meus familiares considero que sim que estão integrados, até mais que eu...” (M1);</p> <p>- “Sim sinto-me bastante integrado...não sei explicar, consigo ter as informações e sentir parte de algo... sim a maior parte dos meus colegas também sente” (M2);</p>

	<p>- “atividades de mediação entre eles e os serviços, relacionadas também com o centro de emprego, atividades na escola...” (T2);</p> <p>- “atividades da educação na escola, são várias como dinamização de recreios onde nos intervalos é promovido o convívio com o resto dos meninos... na escola muitas vezes a escola fala connosco e nos falamos com os pais, ajudamos a ultrapassar essas dificuldades...atividades ligadas ao centro de emprego e atividade mediação q ajuda na integração deles que é quando fazemos a ponte entre eles e os serviços finanças preenchimento de burocracias, problemas de renda água luz.” (T3);</p> <p>- “ ... permite que em contextos formais as pessoas possam interagir... convivem , conhecem-se partilham e isso é fundamental porque essencialmente passa por aí...” (T4);</p>	<p>- “Eu sim sinto que sim porque no dia a dia só na questão de arranjar emprego é que não...também sinto que sim”(M3);</p> <p>- “Sim, como vim para cá Antes dos meus pais, ainda sinto que eu estou mais integrada que eles.” (M4);</p> <p>- “Acredito que sim porque o quotidiano daqui a gente vai absorvendo e vai observando tu vai conseguindo captar coisas do lugar que não captava antes...estou sozinha em Portugal” (M5);</p> <p>- “Ainda estou cá há pouco tempo, mas espero estar integrado...não tenho cá ninguém” (M6);</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

- |  |                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                                              |  |
|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|
|  | <ul style="list-style-type: none"><li>- “...questão de voluntariado ... é uma forma de integração e contacto com eles, convite para participarem na plataforma de jovens, ... trabalhos relacionados com as áreas sociais como as prisões e eles são convidados a realizar atividades neste âmbito e ajuda a integrar...” (T5);</li><br/><li>- “... ação de forma indireta, cedemos livros que relatam histórias de refugiados e migrantes para de forma indireta sensibilizar os pais e crianças no sentido de desmistificar o preconceito, que é uma coisa má, que vem para cá roubar as oportunidades e trabalhos dos portugueses...” (T6);</li><br/><li>- “Tentamos procurar formas de desmistificar preconceitos... seja visto a real história por de trás das pessoas, e não o que dizem e pensam que é, por causa dos preconceitos...” (T7)</li></ul> |  |
|--|--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------|--|

Anexo VI - Transcrição da entrevista - Categoria *Representações Sociais*

Subcategorias	Técnicos	Migrantes
Representações da sociedade portuguesa		
<p>Na sua opinião, como é que a intervenção pode gerar uma perceção diferente da sociedade sobre a pessoa migrante?/ Como considera que é vista a pessoa migrante na sociedade portuguesa? E como se vê a si próprio?</p>	<p>-“...acho que havendo mente aberta é rápido que as pessoas consciencializam que é uma cultura diferente e que temos que respeitar e eles respeitar a nossa obviamente...”(T1);</p> <p>-“...passa por incentivar a participar, a estarem presentes em certas categorias do dia a dia comum...”(T2);</p> <p>-“...intervenção não se rescinde a uma área por exemplo só na escola e na saúde, é uma resposta abrangente e fazer com que o preconceito não seja tanto porque se forem bem sucedidos nessas áreas todas estão mais perto de não serem discriminados ...”(T3);</p>	<p>- “ Considero que o migrante é visto como sempre um migrante, mesmo que se fixe em Portugal durante muito tempo, vai ser sempre uma pessoa que vem de fora e não pertence cá...”(M1);</p> <p>-“ ...quando penso e reflito vejo-me como uma pessoa relisiente que apesar de todas as dificuldades de solidão, ecocómicas, habitacionais e de serviços, ainda assim consigo ultrapassar as dificuldades e ver de forma positiva a imigração, como uma oportunidade para avançar e progredir na vida...” (M1);</p> <p>- “ ... alguém que contribui e tenta esforçar-se para ter uma melhor vida...”(M2);</p>

	<p>-“ ... os grupos tendem a fechar-se. Naquela dimensão ... em contexto diferenciado como nós dizemos permite que em contextos formais as pessoas possam interagir...” (T4);</p> <p>- “...por aproximar as pessoas e as pessoas sentem curiosidade e depois a partir disso perguntam e participarem em voluntariado é sempre uma forma de terem contacto com a comunidade de acolhimento...” (T5);</p> <p>-“ .. porque ao estar a elucidar uma criança no sentido que aquilo não é o que a sociedade diz, as crianças têm uma forma muito mais despreconceituosa de encarar as coisas do que os adultos e então ao inculcar estas conceções nas crianças no amanhã o adulto não vai ser preconceituoso no sentido da aceitação de migrantes...” (T6);</p>	<p>- “ Eu vejo que sou alguém que contribui e tenta esforçar-se para ter uma melhor vida...” (M2);</p> <p>- “Eu acho que não recebem os migrantes de braços abertos eu acho que não gostam e preferiam que os estrangeiros não estivessem aqui...”(M3);</p> <p>- “ Como alguém que vem contribuir e à procura de boas condições de vida, mais oportunidades...”(M2);</p> <p>- “Depende das pessoas . Algumas pessoas acho aqui ficam felizes por ter por ter imigrantes aqui, mas outros nem tanto...”(M4);</p> <p>- “Sinto gratidão e sou uma pessoa que teve uma oportunidade que vai fazer tudo para estar à altura da sua oportunidade”(M4);</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>-“...desenvolver no jovens e crianças de agora, um pensamento aberto e multicultural para prevenir certos comportamentos discriminatórios no futuro...”(T7)</p>	<p>- “Como um corpo estranho, uma invasora, uma bactéria, um vírus, qualquer coisa. Mas depois eles percebem que a gente é uma bactéria boa e trazemos equilíbrio e coisas boas...”(M5);</p> <p>-“ Vejo como alguém inofensivo que apenas tem a luta diária de trabalhar , viver e tentar alcançar os seus objetivos.” (M5);</p> <p>-“ ... provavelmente como alguém diferente e com desconfiança...”(M6)</p> <p>-“... Como uma pessoa calma e pacifica que tenta respeitar toda a gente, que só quis mudar de vida”(M6)</p>
<p>Que representações da sociedade considera que podem afetar o processo de integração da população migrante e como afetam esse processo nesta intervenção?/</p>	<p>-“... Eu acho que nos temos mais preconceitos em relação as coisas que não conhecemos então se eles se derem a conhecer e nos também proporcionarmos que eles nos conheçam e nos</p>	<p>- “Há preconceito em relação à minha cor e origem, então isto dificulta sem dúvida a integração e a expressão da nossa cultura...”(M1);</p>

<p>Quais as representações da sociedade que podem afetar o seu processo de integração e como é que as mesmas o afetam?</p>	<p>conheçamos melhor a eles acho que isso rapidamente cai...” (T1);</p> <p>-“ acho que a discriminação afeta bastante porque acaba por impedir que tenham uma vida como a dos restantes locais...” (T2);</p> <p>- “..sofrem de discriminação e acabam por ficar limitados...” (T3);</p> <p>- “Acho que quanto melhor informado tiver o individuo e mente aberta, melhor é o contacto com a restante população , sendo ou não de cultura diferente... (T4);</p> <p>-“ ... o senhorio tem o preconceito de que a pessoa vai fazer alguma ação... agora há maior contacto com as culturas diferentes, com o convívio com as pessoas vai quebrando o preconceito...”(T5);</p>	<p>- “diminui as minhas oportunidades a nível de alojamento principalmente, que foi umas dificuldades que eu senti, condicionam a minha motivação para trabalhar e continuar a minha vida aqui e faz com que me questione o porquê de a minha cor ou origem seja um problema para os outros e o porque de ter que ter menos oportunidades por ter estas características.”(M1)</p> <p>- “Há certos preconceitos e os migrantes são tratados com menos tolerância...”(M2);</p> <p>- “Quanto isto acontece tento não deixar que me sinta tão mal.”(M2);</p> <p>- “Eu vejo alguma discriminação por parte das pessoas aqui porque há vários tipos de discriminação...” (M3);</p> <p>- “Não me afeta muito”. (M3);</p>
----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- “Preconceitos sobre a cor, as mães de bragança a situação, as pessoas brasileiras vão levar sempre com isso... e Afeta ficam mal e c desilusão e advém as circunstâncias de dificuldade financeira porque não arranjam trabalho depois torna-se uma bola de neve” (T6);</p> <p>- “O preconceito.. tanto pela origem como pela cor.. e isso causa mau estar, tanto que os migrantes conseqüentemente se vão sentir revoltados e desiludidos..”(T7)</p>	<p>-“Talvez o preconceito , as pessoas têm receio do que é diferente..” (M4);</p> <p>-“... poderia afetar mas ate hoje não afetou...”(M4);</p> <p>- “Atos discriminatórios baseados em argumentos que não têm qualquer sentido nem realidade...” (M5);</p> <p>-“ Afeta no comportamento porque daqui a pouco a personagem q criaram vai ter representações diferentes ...”(M4);</p> <p>- “Pensem que vou roubar, que faço mal a alguém...” (M6)</p> <p>-“ Poderiam afetar de forma a ficar sem vontade de tentar...”(M6)</p>
--	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Discriminação		
<p>Enquanto técnico considera que existe discriminação na sociedade portuguesa? Se sim, de que forma?/ Considera que existe discriminação na sociedade portuguesa? Se sim, de que forma?</p>	<p>- “Sim sim tem havido, muitas vezes nem é propositado e a pessoa tem uma atitude chamemos-lhe racista, se calhar não é intencional mas eles notam que são diferenciados...” (T1);</p> <p>- “...claro que existe principalmente nestas zonas resguardadas..” (T2);</p> <p>- “é clara na sociedade portuguesa n so só relação a comunidade migrante mas em relação a civilidade cigana, pessoas de pele escura não é cor q cor somos todos mas sim ainda por cima aqui na nossa zona os preconceitos estão impregnados na cabeça das pessoas , nestas zonas mais conservadoras...”(T3);</p> <p>- “Eu penso que há nichos e que há sinais preocupantes de discriminação...”(T4);</p>	<p>- “sim considero até pelo que disse anteriormente, por exemplo a falta de oportunidades para pessoas da mesma cor e origem que eu, o tratamento não é igual e os olhares também não.”(M1);</p> <p>- “Sim existe muito, em geral, depende das pessoas mas em geral sim, os comportamentos são diferentes quando são para certas pessoas.”(M2);</p> <p>- “No geral existe bastante e é necessário trabalhar pra acabar isso...” (M3);</p> <p>- “Sim. Porque toda a Europa e todos os países do mundo estão passando um momento onde há uma crescente ideia de manter o que foi vivido...” (M4);</p> <p>-“ Com certeza , de várias formas . A sociedade portuguesa é completamente patriarcal e machista e a nós como mulheres, principalmente brasileiras</p>

	<p>- “claro que existe discriminação e racismo mas conheço a realidade de outros países e comparando, Portugal está relativamente bem, vão surgir sempre casos de racismo e há sempre em qualquer país mesmo que seja mais civilizado...” (T5);</p> <p>- “Sim muita, estamos a tentar colmatar...”(T6);</p> <p>- “Sim existe, as pessoas são tratadas de forma diferente..” (T7);</p>	<p>nesse sentido de sexualização, não só nos mas mulheres africanas também sofrem muito...” ( M5);</p> <p>-“Acho que sim que há muita.”(M6)</p>
<p>Já sofreu ou soube de alguém que tenha sofrido algum tipo de preconceito ou ato discriminatório por ser migrante na cidade/vila em que vive? Como lidou com essa situação?</p>	<p>-“...houve um caso o ano passado de uma miúda de cor e num café onde eu por acaso estava... foi uma das situações onde eu tive de intervir e questionar...” (T1) ;</p> <p>- “...houve uma parte que nos percebemos q há discriminação na escola em relação os tpcs, ... e depois da nossa intervenção isso começou a mudar...”(T2);</p>	<p>- ...”Por vezes sinto um olhar de reprovação e tratamento inferior quando estou acompanhada por uma pessoa por exemplo portuguesa... ..relativamente à questão do alojamento...um senhorio não arrendava casa a africanos e pretos..”(M1);</p> <p>- “não procurei apoio legal porque não sabia o que fazer...”(M1);</p>

	<p>- “um exemplo passado na escola também com um professor, ela tava a preparar a atividade de colagem e recorte e uma das folhas saiu um bocado rasgada, as q ficaram rasgadas a professora disse q não há mal ficavam para os búlgaros. E são estas situações que enfim um sítio como a escola nunca se devia passar mas mesmo entre os professores e isto mói.” (T3);</p> <p>- “Não temos essa experiência com os migrantes, acho que acontece mais com minorias...”(T4);</p> <p>- “Não é habitual só mesmo na questão da habitação... eu questioneei se seria racismo ou se era um preconceito. Noutros âmbitos é muito difícil e não acontece relatos...”(T5);</p>	<p>- “...um amigo meu foi agredido.. fizemos queixa e nunca fizeram nada..ele acabou por ir embora...” (M2);</p> <p>-“..procuramos apoio na policia mas nunca tivemos resposta...” (M2);</p> <p>- “Já, eu senti que já porque na altura que estava a procura de creche para a minha filha eu senti porque ao telefone a falar com eles diziam uma coisa e ao chegar la viam que somos estrangeiros e diziam que houve um engano e conheço pessoas também que estavam mal por causa dos preconceitos e tiveram que ir embora...” (M3);</p> <p>-“Eu e o meu marido dissemos que era discriminação mas a senhora disse que não...”(M3);</p>
--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- “ ... referido em termos de aceitação do trabalho e no aluguer de residência... não fizemos nada já estava resolvida a situação...” ( T6);</p> <p>- “ ... não era aceite a nível de emprego.. e a nível de residência, de alojamento..” ( T7)</p>	<p>-“ Sim, tenho algumas amigas brasileiras que sempre falam a respeito de como são tratadas por causa dos históricos que tiveram cá antes...” (M4);</p> <p>-“..nessas situações se acontecerem acho que procuro ser o mais simpática que posso mas também procuro ensinar essas pessoas...” (M4);</p> <p>-“ Já inclusive eu já sofri por causa de ser mulher brasileira, que é ****, tudo *****. A gente também percebe discriminação racial ,algumas coisas que inclusive algumas pessoas publicaram no Facebook achando q nada ia acontecer...”(M5);</p> <p>- “Colocando a boca no trombone e fazendo escândalo , não procurei apoio legal.. falei na hora e chamei a atenção e não tive que recorrer a lei. Teria que ter certas provas pra ter uma acusação forte, testemunhas nem sempre é suficiente...”(M5);</p>
--	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

		-“ Eu pessoalmente inda não passei por isso não conheço ninguém que tenha passado também mas deve ser difícil...”(M6)
Quais as consequências da discriminação?	<p>- “...afetam a integração dos migrantes) mesmo em termos de emprego, por exemplo eu acho q quando há um grupo de nacionais q trabalha no mesmo sitio, a entrada de um estrangeiro é sempre mal vista pensando “ah vem-nos roubar o emprego”” (T1);</p> <p>- “Falta de integração de ambas as partes...” (T2);</p> <p>-“...além das consequências pessoais, magoam bastante as pessoas se sentirem excluídas, na escolas e agricultura trabalham c pessoas portuguesas mas no dia a dia não há essa interação...” (T3);</p> <p>- “...termos daquilo que é digamos assim uma margem de perspectiva sociológica lá está tudo isso leva a desigualdades e as desigualdades geram</p>	<p>-“Deixou-me desmotivada e quase a desistir porque pensei mesmo que não iria conseguir arranjar casa e pensei em quantas vezes iria ter que passar por esta situação até arranjar uma casa que é um direito de todos”(M1);</p> <p>- “ Acho que passa pela insegurança e vontade de desistir...” ( M2);</p> <p>-“ Há pessoas que podem aceitar psicologicamente e obriga a mudar de cidade e faz com que se transmita má ideia da cidade e outras pessoas não queiram vir para cá...” (M3);</p> <p>- “Nos deixa triste, talvez isso traz um pouco de insegurança da nossa parte. Porque não sabemos</p>

	<p>tensões tanto e as tensões depois é aquilo que nós temos de evitar na sociedade...” (T4);</p> <p>- “se não houver políticas de migração o migrante não vai ter oportunidades como tem um português , se as comunidades forem grandes e fores para la, e tiveres menos recursos vais para um bairro social e os teus filhos se nascerem cá vão ser um misto , e há revolta. E eles depois vivem em zonas marginais em que a questão do crime é muito mais fácil.” (T5);</p> <p>-“situações de precariedade que depois podem dar situações de vandalismo e torna-se o rótulo de falta de oportunidades e gera situações menos boas..”(T6);</p> <p>- “Falta de oportunidades e ao não haver oportunidades, as coisas complicam-se para os migrantes.” ( T7)</p>	<p>como as pessoas irão nos tratar, a gente ia acaba por se fechar dentro das nossas comunidades...” (M4);</p> <p>- “..Insegura e meio desiludida mas tentando sempre combater...” ( M5);</p> <p>- “...deve ser difícil...” (M6);</p>
--	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

Anexo VII - Transcrição da entrevista - Categoria *Intervenção Socioeducativa*

Subcategorias	Técnicos	Migrantes
Visão pré intervenção		
<p>Como considera que está a vida e integração das pessoas migrantes no primeiro contacto com a intervenção? Como descreve a sua vida em Portugal antes da intervenção?</p>	<p>-“No momento em que eles chegam eles estão bastante perdidos e fragilizados porque estão num país estrangeiro , bragança é longe de tudo também...vão começando a adaptar-se” (T1);</p> <p>- “chegam e têm algumas dificuldades.” ( T2);</p> <p>-“ no início parecem , em geral, ter algumas dúvidas e dificuldades...” ( T3);</p> <p>- “Não estão muito integrados inicialmente, porque é assim... É um bocadinho aquilo que eu digo que continua a falhar..” (T4);</p> <p>- “Não está fácil. No contexto social, um migrante sofre um impacto muito maior sobretudo agora no coronavírus, os portugueses têm um suporte já da</p>	<p>- “Sentia-me um pouco sozinha e que precisava um pouco de apoio porque tinha a minha família longe...” (M1);</p> <p>- “... foi ligeiramente difícil ter que encontrar onde ir, por causa das burocracias, mas depois ficou melhor...” (M2);</p> <p>- “ ... Vendo agora em Cabo Verde estava melhor... No inicio queria mesmo ir embora novamente só que pensei na minha filha... foi um bocado mais difícil” (M3);</p> <p>- “...um pouco complicado... venho de uma cultura onde as pessoas, são julgadas antes mesmo de abrirem a boca...”(M4);</p>

	<p>segurança social mas o migrante se calhar não vai ter sequer acesso a isso...” (T5);</p> <p>- “a insuficiência de alimentos, há pessoas q já arranjam trabalho há pessoas q ainda estão na mesma situação , é muito relativo..”(T6);</p> <p>-“ ... não sabem onde podem procurar emprego. mesmo ao tentar arranjar casa, ainda há falta de informação no inicio...” ( T7);</p>	<p>- “ ... Um pouco complicado, não sabia o que fazer a nível burocrático nem onde ir. Foi um pouco difícil...”(M5);</p> <p>- “...Um pouco complicada mas sempre com as condições básicas, uma vida humilde...” (M6)</p>
Intervenção em contexto específico		
<p>Como descreve a intervenção do X...?</p>	<p>-</p>	<p>- “A intervenção passa por tentar ajudar nas pequenas dificuldades que surgem a migrantes, a nível de saúde alojamento e económico , ajuda também a que as pessoas se sintam integradas e que sintam que podem procurar ajuda num espaço seguro” (M1);</p>

		<p>- “Foi um espaço onde me senti bem, pude aprender bastante.” (M2);</p> <p>- “...como a casa dos meus pais , abriram me sempre a porta e receberam me de braços abertos...”(M3);</p> <p>- “Ajudou-me a encontrar um trabalho que tem mais facilidade, e. Encontrar pessoas que estão dispostas a dar essa primeira ajuda.” ( M4);</p> <p>- “Foi uma ajuda muito grande porque até encontrar eu estava andando em círculos então consegui direcionar mais o que precisava...” ( M5);</p> <p>- “Tem me ajudado muito, a compreender a língua , no alojamento, no trabalho, já consegui trabalho..”(M6);</p>
--	--	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

<p>Quais os objetivos e efeitos que a intervenção pretende atingir?/ Que objetivos pessoais essa intervenção ajudou a alcançar e que efeitos teve?</p>	<p>-“Objetivo é que sejam autónomos ... uns mais rápidos que outros né mas esse primeiro contacto com a sociedade e com as instituições e com o mundo onde eles tem que se movimentar eles conseguem e aprendem o que é o a dia a dia o que é a prática da vida...” (T1);</p> <p>- “O objetivo é integrar as pessoas através da educação emprego e também empreendedorismo... as coisas estão melhores mais organizadas, as respostas correm melhor estão mais prontas e abrangentes...”(T2);</p> <p>- “educação, emprego e empreendedorismo e cidadania e portanto é por estes 3 objetivos que nos regemos mas no geral, o objetivo claro é integrar estas pessoas... eles agora ao pedir o rsi são obrigados a estar no centro de emprego, agilizamos essa situação, na saúde também, já não temos tantos casos de gravidez precoce embora ainda exista e são</p>	<p>- “A me sentir mais parte integrante da comunidade e saber que se um dia eu tiver uma dificuldade acrescida sei onde posso ir e com quem contar...” ( M1);</p> <p>- “Consegui adquirir mais capacidades a nível da língua e conhecer e interagir com pessoas de lugares diferentes...” (M2);</p> <p>- “Tenho carta de condução já não conduzia, vim para cá ajudaram me incentivaram me ,também me ajudaram na alimentação e tudo. São pessoas amigas não me deixam ficar sozinha e ajudaram muito na integração...”(M3);</p> <p>-“ Foram positivo porque pude conhecer mais pessoas pude abrir o meu leque de oportunidades pude trabalhar , conhecer outras culturas... Sinto me mais tranquila,</p>
--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	---------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>pequenos passos. Os projetos comunitários também têm esse desafio porque os resultados acabam por aparecer ao longo dos anos e não de um mês para o outro.” (T3);</p> <p>-“1º objetivo é precisamente ajudar no que é o processo de autorização de residência... o segundo objetivo é efetivamente aprender a nossa língua como uma forma de integração... conseguimos ter por norma uma avaliação que possibilita... notando-se que os migrantes conseguiram entender e falar a língua.”(T4);</p> <p>- “...promove a integração de forma legal, o objetivo é promover a legalização e integração... tem sucesso se por exemplo se alguém está para reagrupamento familiar, se conseguir trazer a família já tem sucesso... estes efeitos não se podem medir de forma muito objetiva, só a longo prazo.”(T5);</p>	<p>consigo caminhar na rua com mais dignidade...” (M4);</p> <p>- “Condição de ter foco mais rápido, consegui otimizar mais a minha estrada aqui, entender um pouco como as coisas funcionam e integrar a minha dinâmica nesse funcionamento e me enxergar como uma parte de um todo... Melhorou muito mais a minha vida...” (M5);</p> <p>- “Sentir me bem e ter conseguido emprego, é uma coisa muito importante...sinto-me mais aconchegado e próximo do que posso chamar família ou aconchego de família...” (M6)</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- “ tentamos combater a discriminação., integrar as pessoas...e mudar o pensamento” ( T6);</p> <p>-“...passa por integração na comunidade, conseguir emprego e também encaminhar para a aprendizagem da língua..”(T7);</p>	
<p>Que efeitos considera que a intervenção tem na integração das pessoas migrantes?</p>	<p>-“..conseguem aprender a língua, acabam também por conviver mais com outras pessoas diferentes e isso já é muito gratificante... eles conseguem e aprendem o que é o a dia a dia o que é a prática da vida.” ( T1);</p> <p>-“...vê-se melhorias mas acho que a longo prazo se irá notar mais significativamente , mas já ganharam algum sentido orientativo...”(T2);</p> <p>- “verdade é que também temos tido o feedback só assim é que é possível avaliar , não só deles que as coisas estão melhores mais organizadas, mas também das instituições, recebemos vários elogios</p>	

	<p>...as respostas correm melhor estão mais prontas e abrangentes.”. (T3);</p> <p>-“... conseguimos ter por norma uma avaliação que possibilita a obtenção do certificado, notando-se que os migrantes conseguiram entender e falar a língua ...” (T4);</p> <p>- “..conseguem ajudar outros migrantes a direcionar a nível de burocracias e serviços...”(T5);</p> <p>- “Vimos mudança de pensamento nos nossos voluntários e nas pessoas que trabalho diariamente... queremos incutir isso nos jovens porque são os adultos de amanhã.” ( T6);</p> <p>- “É possível ver já uma mudança na forma como pensam, sentem-se mais livres também..”(T7)</p>	
Visão pós intervenção		
<p>Como mudaram (ou não) as representações sobre a população migrante?/Como mudaram as</p>	<p>- “quando as pessoas são menos esclarecidas, têm mais tendência a não aceitar os outros porque não entendem.. voltamos ao mesmo, acho que se nos</p>	<p>- “Não sei se se os preconceitos mudaram porque é um processo que leva tempo e demora a consciencializar, mas acredito que</p>

<p>representações/preconceitos sobre a população migrante?</p>	<p>promovêssemos mais estas partilhas interculturais todos tínhamos a ganhar. É necessário continuar...” (T1);</p> <p>-“Considero que ainda não é possível visualizar como mudou, mas a longo prazo e com trabalho contínuo, espero que os preconceitos mudem apesar de achar difícil..” (T2);</p> <p>- “sinceramente não, também não tinha essa expectativa, o projeto...em tão pouco tempo não esperei q as coisas mudassem agora ,claro nos estamos sempre a dizer um miúdo q agora esteja na escola e q faça o ensino primeiro e continue para o secundário, é impossível que alguém com este percurso vá ter a mesma vida que o pai ou a mãe desta pessoa ... mas vai precisar de anos para q se sinta o impacto do que está a ser feito agora ...”(T3);</p>	<p>com mais iniciativas como estas, mais tarde pode diminuir..”(M1);</p> <p>- “Não consigo ver se esses pensamentos mudaram mas considero que enquanto tentarmos combater preconceito, algum dia as coisas mudam...” (M2);</p> <p>- “Isso mudou um pouco e estão a fazer o trabalho que ainda vai mudar muita gente mas acho que há pessoas que nunca vão mudar...” (M3);</p> <p>- “Acho que se continuar a existir trabalho nesse sentido, tenho esperança, que um dia possamos viver sem ter de nos preocupar com essas coisas...”(M4);</p> <p>- “Acho que depende da pessoa que recebe a informação mudar ou não o preconceito, mas</p>
----------------------------------------------------------------	-------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------

	<p>- “penso que irão mudar... facilitam a interação pois há uma apropriação dos códigos linguísticos que permite desbloquear as interações mas sobretudo porque levamos os nossos alunos a locais onde de outra forma não teriam ido..” (T4);</p> <p>- “...Penso que ainda há bastante trabalho a fazer mas o importante é continuar nessa perspetiva de tentar combater certos preconceitos.” ( T5);</p> <p>- “ Não, já tive uma situação em que os voluntários foram para as ruas fazer angariação de roupa das quais já me ligaram a perguntar se eram mesmo que devia ser roubo ou burla.” (T6);</p> <p>-“... acho que ainda vai custar um pouco a mudar o pensamento em geral, mas já é possível ver algumas diferenças, o que é ótimo...” (T7)</p>	<p>o que interessa é que o trabalho está a ser feito nesse sentido...”(M5);</p> <p>- “Penso que ainda não deu para mudar muito os preconceitos mas cabe também a nós ir lutando para isso...” (M6)</p>
--	----------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------	--------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------------